

A romantic couple embracing in a sunlit forest. The woman has long dark hair and is wearing a white dress. The man is wearing a white shirt. They are standing close together, looking at each other. The background is a soft-focus forest with sunlight filtering through the trees, creating a warm, golden glow.

*Até que a Morte
nos Separe*

Jeff Fromholz

Até que a morte nos separe.

Jeff Fromholz

Dedico este livro aos meus avós Stan e Agnes Pettengill, que permaneceram casados por 51 anos, até a morte dele, e me mostraram o verdadeiro compromisso do casamento.

Aos meus sogros Dennis e Sheena Mort já casados por 57 anos. Vocês têm nos ensinado como perseverar a despeito de todas as dificuldades que possam existir no casamento e fazer do casamento algo por meio do qual Deus é glorificado.

À minha esposa, que por 25 anos tem me amado e honrado a sua promessa: “até que a morte nos separe”. Eu te amo!

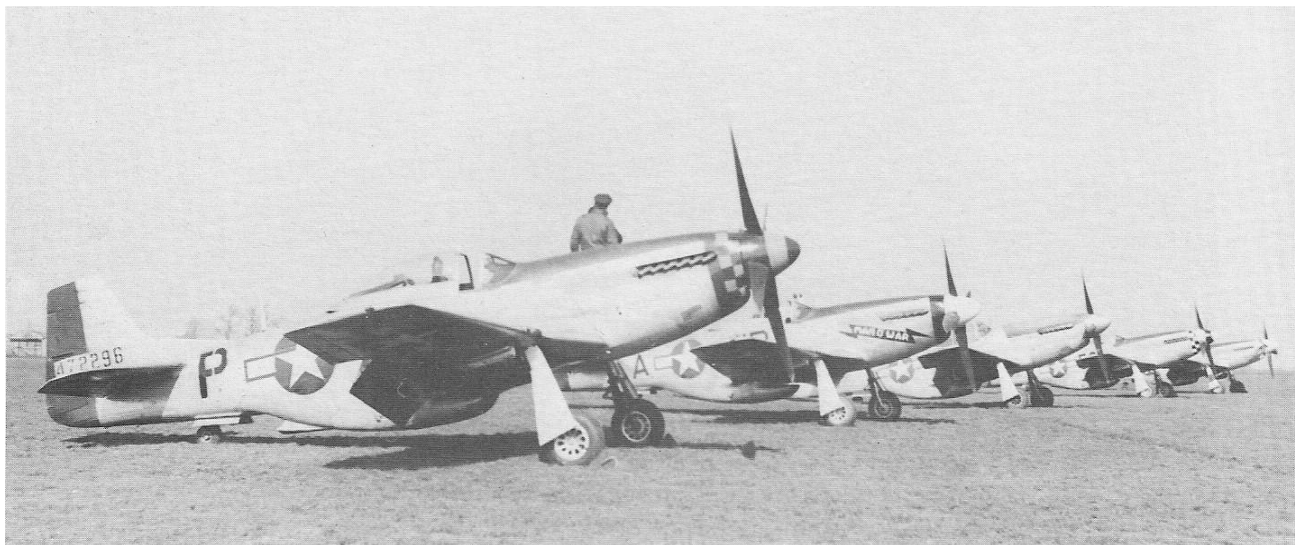
“Toda a sociedade humana afunda em decadência quando o casamento não é tido como um relacionamento sagrado”.

João Calvino

Sumário

Introdução	6
Capítulo 1 Até que a morte nos separe.....	8
Capítulo 2 Divórcio: a realidade da epidemia.....	12
Capítulo 3 Casado, mas Miserável.....	16
Capítulo 4 O mundo dos Barbies.....	19
Capítulo 5 O começo nem sempre define o fim.....	23
Capítulo 6 Fazendo do tabu algo aceitável.....	27
Capítulo 7 O que Deus pensa.....	31
Capítulo 8 Um apelo emocional ao divórcio.....	33
Capítulo 9 Dois Pontos de Vista.....	35
Capítulo 10 A conversa com os fariseus e a resposta inesperada.....	38
Capítulo 11 Um apelo ao Antigo Testamento para o divórcio.....	42
Capítulo 12 A Suposta Cláusula de Exceção.....	49
Capítulo 13 Perdão: Setenta vezes sete.....	61
Capítulo 14 Recasamento: Liberado ou Adulterio?.....	65
Capítulo 15 Os Discípulos são Chocados.....	78
Capítulo 16 Pensamentos Finais.....	79
Bibliografia	81

Introdução



Às vezes, as pessoas se referem ao casamento como se fosse uma guerra e, em alguns casos, parece mesmo. Outras vezes, é necessário que casamentos passem por verdadeiras guerras.

Em 1922, Stanley M Pettengill nasceu em Wexford County, Michigan, EUA, o único menino de uma família de seis filhos. A sua infância foi como a de qualquer outra criança da idade dele, quando adolescente passou pela Grande Depressão em 1929 e se formou no segundo grau em 1940. Nessa época, a Segunda Guerra Mundial já estava acontecendo na Europa, quando no dia 7 de dezembro de 1941, os Estados Unidos da América foram de repente atacados pelas forças navais e aéreas do Império Japonês e resolveram entrar no conflito. Assim, em 1942, Stan se alistou no exército.

Nesse tempo, ele conheceu Agnes Housler e se casou com ela em 1943. Logo após o casamento, ele foi enviado à Europa para se juntar às Forças Aliadas. Tornou-se segundo-tenente, mais conhecido pelo apelido de “Doc”, e serviu como piloto de caça no Fighter Group 364. No dia 6 de Novembro de 1944 a sua vida e, conseqüentemente, a da sua esposa, mudou para sempre. Ele acordou aquela manhã como acordava já há muitos dias e entrou no seu avião para fazer mais uma missão, só que desta vez ele não voltaria. Naquele dia, o seu avião teve problemas mecânicos e ele teve de saltar do paraquedas caindo no mar do Norte, onde precisou nadar por uns quilômetros até chegar à Holanda.

Lá ele foi recolhido por holandeses que o ajudaram a fugir dos nazistas, mas foi em vão, pois não havia onde ele se esconder e acabou sendo capturado. Assim ele foi enviado para Stalag Luft 3, perto de Sagan, Alemanha, onde passou os próximos 225 dias como prisioneiro de guerra. Finalmente a guerra acabou e ele, junto com aqueles que estavam presos com ele, foi libertado e repatriado. Aqueles dias presos foram os mais difíceis da sua vida; dias tão difíceis que ele nunca falava deles. A verdade é que ele nunca falava da guerra, a menos uma vez que resolveu se “abrir” com um neto.

Stan voltou aos EUA para se encontrar com a sua esposa que sofreu todos aqueles dias por não saber o que havia acontecido com seu marido e se ele iria voltar ou não. Mas, pelo cuidado de Deus, ele voltou. Só que aquele menino cheio de vida que saiu para defender seu país não existia mais. No seu lugar voltou um homem retraído, endurecido, transformado pelo que tinha passado. Ele começou a trabalhar como mecânico e reparador de eletrodomésticos, e fez isso até se aposentar.

Stan e Agnes tiveram quatro filhos, duas meninas e dois meninos. Defini-los como uma família feliz não era algo fácil, pois felicidade não era uma palavra mais adequada para descrever a vida para eles. Stan trabalhava fora e Agnes cuidava da casa e dos filhos. Quando Stan chegava do seu trabalho, muitas vezes depois de umas 18 horas, o barulho das crianças brincando e rindo silenciava, pois naquela época o ditado: “As crianças devem ser vistas e não ouvidas”, era a regra, e especialmente na casa dele. Então o que era uma casa feliz e viva com a mãe, morreu quando o pai chegou. Agnes servia o seu marido e, verdadeiramente, o amava, mas se perguntassem a ela se estava feliz, ela não responderia, pois não via a vida assim, pelas lentes da felicidade ou da infelicidade. Ela fez uma promessa de amar aquele homem e cuidar dele até que a morte os separasse. E não importava se ela era feliz ou não. Ela tinha feito uma promessa e cumpriu a sua palavra até dia 4 de maio de 1994, quando Stan morreu de um ataque cardíaco, sentado na sua cadeira na sala de estar assistindo a um jogo de beisebol, enquanto ela estava fazendo café para ele na cozinha. Stan tinha 72 anos de vida, 51 deles casado com a única mulher da sua vida. Agnes nunca recasou e ainda vive. Hoje ela está com 93 anos de idade.

É interessante falar com as gerações mais velhas sobre casamento, pois percebemos que o lado emocional raramente entra na conversa. A parte mais importante para eles eram os votos, as promessas feitas e o cumprimento daquelas promessas. O meu avô (Stan) sempre falava: “O valor de um homem é medido por sua palavra”. Se um homem não cumprisse o que falava, ele não valia nada. Assim o casamento deles foi encarado. “Eu fiz uma promessa e vou cumpri-la; feliz ou não”. E apesar de tudo, não acredito que o casamento deles não era feliz, pois eu vi momentos felizes entre os meus avós, só que eles não valorizavam o seu casamento por causa desses momentos, estes eram apenas bônus.

Como é diferente hoje. As pessoas colocam a felicidade em primeiro lugar e avaliam seus casamentos pelo critério de ser feliz ou não. Os votos são meras palavras repetidas que serão cumpridas se o sentimento de felicidade for atingido. E assim são os casamentos modernos, e a cansada reclamação é ouvida: “Não sou feliz”.

Não vou falar que os meus 24 anos de casado têm sido sempre felizes, pois a verdade é que às vezes pareciam com a Terceira Guerra Mundial. Mas, seja uma guerra verdadeira ou uma parecida, eu fiz uma promessa e vou cumpri-la. Felicidade é um grande e bem-vindo bônus, mas ainda quando tudo não é feliz, sempre me lembro: eu dei a minha palavra a Lisa e acabou; tenha guerra ou não.

Capítulo 1 - Até que a morte nos separe.

“Hoje estamos aqui para unir em matrimônio...” E assim começa a cerimônia de um casal que se une para viver o resto das suas vidas juntos, pois é isso o que eles prometem um ao outro; ou no mínimo, em tempos passados, prometiam.

O homem: “Eu _____ recebo você _____ como minha esposa para amar e proteger, para ter e conservar de hoje e diante, em toda e qualquer circunstância, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, amando-te, respeitando-te e sendo-te fiel todos os dias de minha vida, até que a morte nos separe. De acordo com a vontade de Deus para isso empenho minha honra e a minha palavra e peço a Deus para que me ajude a cumprir fielmente todos os compromissos implícitos nesta aliança. Eu te dou essa aliança como um símbolo do meu voto e com tudo que eu sou, e com tudo que eu tenho, eu vou te honrar”.

A mulher: “Eu _____ recebo você _____ como meu marido para amar e me submeter, para ter e conservar de hoje e diante, em toda e qualquer circunstância, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, amando-te, respeitando-te e sendo-te fiel em todos os dias de minha vida, até que a morte nos separe. De acordo com a vontade de Deus para isso empenho minha honra e a minha palavra e peço a Deus para que me ajude a cumprir fielmente todos os compromissos implícitos nesta aliança. Eu te dou essa aliança como um símbolo do meu voto e com tudo que eu sou, e com tudo que eu tenho, eu vou te honrar”.

Os votos são a parte mais solene da cerimônia de casamento, pois ouvimos das bocas dos dois envolvidos não somente as suas pretensões, mas as suas promessas e intenções. E tudo se resolve com a frase: “Até que a morte nos separe”. Então, devemos entender que o casamento é para sempre?

A resposta a essa pergunta parece óbvia. Afinal, no Ocidente, ao fazer os votos, os noivos concordam em apegar-se um ao outro “na alegria e na tristeza..., até que a morte os separe”. Qual parte não dá para entender? Os votos de casamento em geral declaram que os noivos estão assumindo um compromisso vitalício. Mas hoje, muitos não levam a sério essas promessas solenes. Um número alarmante de casais se separam, alguns com meses e outros com décadas de casados. As estatísticas mais atuais nos fala que 34% dos casamentos na igreja hoje estão acabando em divórcio. Um em três casamentos dentro da igreja evangélica está acabando em divórcio! Esses dados com certeza não nos pegam de surpresa, mas devem nos assustar. Algo está muito errado entre nós.

A pergunta mais frequente na internet feita a um pastor ou padre é: "Posso me divorciar?" Quando deveria ser: “Como posso saber se sou salvo?” Ou “Quando Jesus vai voltar?” Porém é: “Existe uma maneira de sair do meu casamento?”

O que aconteceu com os votos, com as intenções de ficar juntos para o resto da sua vida? Nenhum casal vive sem experimentar fricção de um tipo ou de outro no casamento, e a

causa dessa fricção é o pecado. O problema pode ser porque o marido não consegue viver com sua esposa, dando-se a ela; ou porque a esposa “enche o saco” ou se rebela contra seu marido; ou os problemas podem ser de comunicação, interesses diferentes, financeiros, sexuais ou relacionados aos filhos. Há sempre problemas. E a solução comum para os problemas difíceis no casamento é: “vamos nos divorciar e tentar outra vez com mais alguém”. Isso é tão comum hoje em dia que quando alguém se atreve a levantar uma questão sobre se o divórcio é certo ou não, a questão é rejeitada quase sem audiência.

Do ponto de vista humano, parece gentil e atencioso dar aos envolvidos em tais relacionamentos difíceis “outra chance” de felicidade; liberdade para se divorciar e casar novamente se o casamento tiver “irremediavelmente quebrado”.

A pergunta que nós temos de responder não é o que nós achamos que seria uma boa e carinhosa forma para lidar com as dificuldades do casamento, mas o que Deus acha.

Gênesis 2.21-24: Então o SENHOR Deus fez o homem cair em um sono profundo, e enquanto ele dormia, o SENHOR Deus tirou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. 22 Então o SENHOR Deus fez uma mulher daquela costela que tirou do homem, e a trouxe para ele. 23 E disse o homem: “Até que enfim! Esta é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem”. 24 Por esta razão um homem deixará seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne.

Ao instituir o casamento, Deus não disse que se tratava de uma união temporária. A Bíblia fala que ele uniu o primeiro homem e a primeira mulher. Não se faz ali nenhuma menção de divórcio ou de separação, nem da sua possibilidade. Ao contrário, o versículo 24 diz: “Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne”. “Permanentemente” é o que a palavra hebraica *dabaq* literalmente significa. Não era algo temporário ou feito com a intenção de durar muito tempo ou o tempo que dava, mas “permanentemente”. E é isso que Deus quis que Adão e Eva entendessem e, conseqüentemente, nós, que viemos milênios depois.

E, pensando bem, se alguém em toda a história tinha uma boa razão para se divorciar era Adão ou Eva, pois culpavam um ao outro de ter estragado toda a humanidade. Mas não foi assim que Deus os criou. A ideia nunca era para se separar, independente do tamanho do pecado ou o percebido dano; *dabaq*. Deus ainda encara o casamento como um compromisso vitalício.

O comentário de Jamieson, Fausset e Brown fala: “As palavras ‘se tornarão uma só carne’ sugerem a observação quanto à sacralidade inviolável do laço nupcial. A lei primitiva não fez nenhuma provisão para sua dissolução; foi em todos os tempos a vir a ser comensurável com a vida do par casado; e se, vez em quando ou muito, uma circunstância variar sua condição no mundo ou Providência separá-los para regiões opostos do globo, eles ainda permaneceriam na mesma relação como marido e mulher, até que a relação fosse cortada pela morte de uma das partes”.¹

Romanos 7.1-2: Meus irmãos, falo para vocês que conhecem a lei. Por acaso vocês não sabem que a lei só tem autoridade sobre o homem enquanto ele estiver vivo? **2** Por exemplo, uma mulher casada está ligada pela lei ao marido apenas enquanto ele estiver vivo; mas, se ele morrer, ela estará livre da lei do casamento.

1 Coríntios 7.39: Uma esposa está ligada a seu marido enquanto ele viver. Mas, se o seu marido morrer, ela estará livre para se casar com quem quiser, mas somente se ele pertencer ao Senhor.

Um tempo atrás eu estava conversando com um jovem que tinha decidido se divorciar da sua esposa, não por adultério, mas porque simplesmente “não deu mais”. Eles não eram felizes. Eu questionei a ele sobre os votos que tinha feito e ele me respondeu: “Cara, já pensei sobre isso e na verdade isso é a única coisa que me perturba. Mas, já sei que Deus vai me perdoar, então...”.

“Até que a morte nos separe” não tem mais valor, são palavras vazias. O que é importante é a felicidade, o que eu quero e não o compromisso que fiz.

Uma recente pesquisa descobriu que 73% dos casais falaram que a falta de compromisso foi o principal motivo de seu casamento acabar; não uma falta de felicidade ou traição, mas uma falta de compromisso. ² Segundo outra pesquisa, 62% dos divorciados disseram que desejavam que seus cônjuges tivessem feito mais para permanecer casado, 31% dos homens e 13% das mulheres disseram que lamentaram que eles próprios não tivessem tentado mais para salvar seu casamento. ³

Dr. Scott Stanley, um pesquisador de casamento e terapeuta, falou: “Compromisso é ter uma visão a longo prazo do casamento, que nos ajuda a não ficar sobrecarregado pelos problemas e desafios do dia a dia. Nós mantemos nossos olhos focados no prêmio, valorizando a saúde e estabilidade do casamento e trabalhamos para chegar lá”. ⁴

Compromisso é a cola que faz o casamento se manter, e nisso existem dois elementos que temos que reconhecer. Dr. Stanley também falou sobre esses dois elementos: “O primeiro é o compromisso de restrição. Estas são coisas que nos mantêm no casamento, mesmo que as coisas não estejam indo tão bem; por exemplo, a pressão social da família ou amigos, preocupações financeiras, crianças, crenças religiosas ou morais sobre o divórcio, e o medo do futuro. Muitas vezes pensamos sobre restrição como algo negativo em uma sociedade que valoriza de maneira tão intensa a escolha e a liberdade. Mas as restrições também podem servir ao propósito de manter-nos firmes para não pularmos fora do barco quando vazamentos aparecem em nosso casamento, como sempre aparecem. O segundo e mais forte é a dedicação pessoal. Isso envolve um verdadeiro desejo de estar junto com o cônjuge no futuro, um sentimento de ‘nós’, uma identidade como um casal, não apenas dois indivíduos. Isso também envolve fazer do relacionamento e do cônjuge uma prioridade, além da disposição de se sacrificar para o bem do outro. Significa, também, fazer a escolha de abrir mão de outras escolhas para que mantenhamos o foco em nosso cônjuge e em nosso casamento, em vez de pensarmos em outras possibilidades. Quando há um compromisso de alta dedicação num relacionamento, nós

nos sentimos mais seguros e estamos dispostos a dar mais para garantir que o relacionamento dê certo”.⁵

Quantos de nós estamos decididos a permanecer dentro dessa aliança de casamento “até que a morte nos separe”? É uma boa e justa pergunta, pois se não existe essa decisão é possível que um vento sopra na sua direção e te leve para fora. Deixe-me repetir a pergunta de outra forma: Quantos de vocês casados gostariam de estar solteiro? Um dos maiores desafios na vida é estar contente com o que temos. Já foi muito bem dito: “Felicidade verdadeira não está baseado em tendo o que você quer, mas querendo o que você tem”. Em nenhum lugar isso é mais verdadeiro do que no casamento. O desejo e expectativa de Deus é que você e eu ficássemos satisfeitos em Cristo, em qualquer circunstância que nos encontremos.

O apóstolo Paulo nos mostrou pela própria vida o que era o verdadeiro contentamento. Em Filipenses 4.11 ele escreveu: "Eu tenho aprendido a ser contente com o que tenho em qualquer situação que me encontro". Surpreendentemente, ele escreveu estas palavras enquanto estava numa prisão romana. Você pode honestamente dizer que pensa como Paulo? Você está contente no seu casamento? Se não, por que não está contente? Será que você não está buscando sua própria felicidade? Quando se trata de questões relacionadas a casamento, divórcio e recasamento a pergunta não é: "O que vai me fazer mais feliz?", mas "O que fará Deus mais feliz?" Sem dúvidas, cumprir a palavra que você deu ao seu cônjuge no dia do seu casamento o faz feliz. Lembrando que ele odeia divórcio, segundo Malaquias 2.16, e que valoriza aquele que faz o que falou.

No Salmo 15 Davi faz a pergunta: “SENHOR, quem habitará no teu santuário? Quem poderá morar no teu santo monte?” E a resposta envolve seis coisas. A quinta é achada no versículo 4: “(aquele) que mantém a sua palavra, mesmo quando sai prejudicado” (NVI). A NTLH fala: “Ele cumpre o que promete, mesmo com prejuízo próprio”. E a OL fala: “aquele que quando faz uma promessa a cumpre, ainda que fique prejudicado, nada o fará mudar de ideias”.

“Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, amando-te, respeitando-te e sendo-te fiel em todos os dias de minha vida, até que a morte nos separe”.

Capítulo 2 – Divórcio: a realidade da epidemia.

São poucos hoje que não têm sido tocados pela dor do divórcio: esposa, maridos, filhos, amigos. É uma dor real e duradora que tem não somente tocado somente indivíduos, mas a sociedade em geral. Por isso, como o povo de Deus, nós temos que ficar de pé e lutar pelas famílias, pela sociedade e pela a instituição estabelecida por Deus, em vez de aceitar o divórcio como parte da cultura atual e até defender aquilo que tem se tornado uma epidemia.

Segundo o IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil 1984-2010: “O Brasil registrou em 2010 a maior taxa geral de divórcio da história, segundo dados do estudo Estatísticas do Registro Civil 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O índice chegou ao número de 1,8‰, superando o 1,5‰ de 2008. Esse número é obtido pela divisão do número de divórcios pela população e multiplicado por 1.000.

O recorde se deve principalmente às mudanças nas regras do divórcio e separações estabelecidos no último ano. No Brasil, o divórcio e a separação foram instituídos e regulamentados em 1977. Até esta data, o desquite era o dispositivo legal para a dissolução dos casamentos sem, no entanto, possibilitar nova união formal.

À época de sua criação, a separação legalizava-se por meio de processo judicial. O processo poderia ter caráter consensual, quando as duas partes estavam de acordo com os termos da separação e tinham pelo menos um ano de casados, ou litigioso. O divórcio também era formalizado através de processo instituído na Justiça três anos após a concessão da separação ou cinco anos após a separação de fato. Esses prazos foram alterados pela Constituição de 1988, reduzindo-os para dois anos, quando comprovada a separação de fato.

A partir de 4 de janeiro de 2007, os divórcios e separações puderam ser requeridos por via administrativa, nos tabelionatos de notas do País. Posteriormente, em julho de 2010, a alteração no artigo suprimiu do texto constitucional as referências ao instituto da separação e aos seus consequentes prazos, de modo que, atualmente, é possível requerer a dissolução do casamento a qualquer tempo, seja o divórcio de natureza consensual ou litigiosa.

Essas mudanças ocasionaram um grande aumento no número de divórcios e a redução no número de separações. Em 2010, foram registrados 243.224 divórcios e 67.623 separações. A comparação das taxas referentes aos Estados para os anos de 2009 e 2010 revelou crescimento dos divórcios em todos os Estados brasileiros, exceto em Roraima, Tocantins, Paraíba e Mato Grosso, que mantiveram taxas iguais às do ano anterior”.⁶

Segundo eles, a análise da série mostra que a taxa geral de divórcio sempre subiu quando ocorreram alterações na legislação sobre o tema. “A elevação da taxa geral de divórcio

mostra, para além da questão legal, a consolidação da aceitação do divórcio pela sociedade brasileira”, destaca o estudo.

Antigamente adultério era a primeira razão para um casal terminar com sua união matrimonial. Hoje em dia isso não é mais o caso. Os casais ainda se divorciam por causa de infidelidade, mas essa não é mais a primeira razão, e muitos parecem aceitá-la como algo que infelizmente acontece. Falando da cultura na qual o adultério vem sendo tratado cada vez mais com tolerância pela sociedade, Camila Faria diz: “Não que o ato do adultério deixe de ser visto como uma falta grave, mas à medida que a sociedade se torna menos ‘dogmática’ e mais ‘liberal’, conseqüentemente, tendemos a admitir certos comportamentos que antes considerávamos intoleráveis. Estas mudanças de comportamento podem ser observadas através das alterações no próprio ordenamento jurídico; para exemplificar podemos citar as alterações ocorridas na legislação brasileira, que, no Código Penal de 1940, classificava o adultério como um crime, punindo os adúlteros com até 6 (seis) meses de reclusão. Apenas em 2005, com a promulgação de Lei 11.106, que alterou diversos artigos do Código Penal de 1940, o adultério deixou de ser considerado um crime, no entanto, continua sendo causa válida para a dissolução do vínculo conjugal, como dispõe o artigo 1.573 do Código Civil Brasileiro”.⁷

Então o que faremos num país onde o divórcio é normal e o adultério não nos assusta mais? A pergunta mais crucial é: O que faremos com uma igreja na qual o divórcio é normal e o adultério se chama de *novo casamento*? Diante disso, temos que pensar sobre o que estamos dando de exemplo aos nossos filhos, pois enquanto falamos de amor e da importância de cumprir nossa palavra, estamos parando de amar e jogando os nossos votos de casamento fora com o lixo. Nós temos que pensar além da nossa felicidade passageira e pensar em como isso afetaria a vida deles e como eles olharão para a aliança de casamento.

"Uma das descobertas mais marcantes na nossa recente pesquisa entre os adolescentes é que, quando lhes pedimos para nomear seus objetivos principais para o futuro, uma das classificadas mais alta foi para se casar e ter o mesmo cônjuge por toda a sua vida". *George Barna*⁸

O que está diante de nós é um mundo muito diferente daquele em que os nossos avós cresceram. Tudo que era uma vez considerado seguro hoje tem tanta incerteza que parece que nada é seguro a não ser a nossa salvação. E a rapidez com que as pessoas perdem ou trocam de profissões e de esposas torna difícil acompanhar a vida do outro. Os nossos avós trabalharam no mesmo lugar a vida inteira casados com a mesma pessoa até que um ou o outro morreu. Mas hoje não é assim. Por isso quando os jovens são perguntados dos seus objetivos principais eles respondem que querem continuar casados com a mesma pessoa por toda a sua vida. Isso é algo que nem entraria em questão a duas gerações atrás. Mas o que aconteceu com o mundo? Como que é que coisas uma vez consideradas sagradas como o casamento entraram na categoria de coisas descartáveis, igual um celular da última geração?

O fato dos jovens citarem um casamento duradouro como um objetivo principal nos fala muito do que eles têm vivido, isto é, uma boa parte são vítimas dos divórcios dos seus pais e o que eles passaram quando crianças eles não querem passar quando adultos. Os mais recentes dados da pesquisa da American Community Survey, em 2009, falam que somente 47% das crianças alcançarão a idade de 17 anos numa família em que o casamento ainda está intacto.⁹ E eu fui uma dessas crianças que passou não somente por um, mas por dois divórcios de seus pais antes de completar 10 anos de idade. Assim eu sei das dores e dos danos que o divórcio dos pais inflige aos filhos. E uma das coisas que eu sempre falei era que quando eu fosse adulto, eu nunca queria passar por um divórcio. Infelizmente, para muitos que tinham esse mesmo desejo, a realidade se tornou outra.

Patrick F. Fagan, Ph.D, em 2004, testemunhando perante o Senado dos Estados Unidos, o Comitê de Comércio, Ciência e Transportes; Subcomissão de Ciência, Tecnologia e Espaço sobre os dados científicos sociais sobre o impacto do casamento e do divórcio nas crianças falou: “Em 1950, para cada 100 crianças nascidas naquele ano, 12 entraram numa família quebrada: quatro nasceram fora do casamento e oito sofreram o divórcio de seus pais. Até o ano 2000 esse número havia subido cinco vezes e para cada 100 crianças nascidas 60 entraram numa família quebrada: 33 nasceram fora do casamento e 27 sofreram o divórcio de seus pais”.¹⁰ No Brasil não há dados tão claros publicados, mas quem trabalha aqui com crianças e famílias pode confirmar que esses dados seriam iguais, se não piores. Nos últimos 50 anos, vemos que a cultura tem mudado drasticamente de “uma cultura de se sentir pertencido a alguém” para o que é agora, “uma cultura de rejeição”.

Todo mundo sabe que o divórcio é comum hoje em dia, mas talvez poucos percebessem o quão comum ele está. Em 1890, uma em cada 1.000 pessoas participaram de um divórcio. Mas em 1978, uma em cada 97 pessoas nos EUA participaram de um divórcio!¹¹ Hoje 41% dos primeiros casamentos, 60% dos segundos casamentos e 73% dos terceiros casamentos terminam em divórcio.¹²

Para as pessoas do mundo, dá para entender, pois elas estão sem Deus e jamais podemos esperar que elas agissem de uma maneira que Deus aprove. Mas o problema é que nós não estamos falando só de incrédulos, mas de pessoas que se chamam “filhos de Deus”. A verdade é que mais crentes estão se divorciando hoje em dia do que não crentes.

Ousamos perguntar: como pode ser isso? Certamente ninguém iria tentar dar uma resposta simples para essa pergunta, pois o problema é obviamente muito complexo. Mas eu acho que devemos confessar que uma das razões para a taxa altíssima do divórcio é porque os pregadores da Palavra não estão pregando o ódio de Deus por este pecado. “Eu odeio o divórcio”, diz o SENHOR, o Deus de Israel” (Mal 2.16). Queira ou não queira, seu silêncio dá uma aprovação implícita. E agora muitos pregadores que têm estudado técnicas de psicologia e aconselhamento, mais do que a própria Bíblia, estão “reavaliando os preconceitos tradicionais”, isto é, as convicções velhas da Bíblia, e buscando “desenvolver uma atitude espiritualmente saudável para o divórcio”. Assim eles estão

liberando algo que uma vez foi fortemente desencorajado. No nosso meio, algo que era uma vez tabu tem se tornado aceitável e normal.

Meu objetivo ao escrever este livro não é de condenar aqueles que já sofreram um divórcio, mas de levar todos à convicção de que o divórcio não é uma alternativa aceitável. Para resolver qualquer problema, uma pessoa deve pesar as alternativas, então descartar o inaceitável e perseguir o aceitável. Casais com sérios problemas conjugais estão confrontados com apenas duas alternativas: resolução dos problemas ou então o divórcio. Se os cristãos chegarem a um acordo unânime de que o divórcio não é uma alternativa aceitável, então eles podem dar-se plenamente à resolução dos problemas que eles enfrentam. Minha sincera oração e desejo é que lares desfeitos possam ser reconstruídos e fortalecidos, em vez de divididos e destruídos pelo divórcio. Mas isso tem que começar com a firme convicção de que o divórcio não é uma alternativa aceitável, especialmente para os cristãos.

Capítulo 3 - Casado, mas Miserável

Pastor,

Minha esposa e eu estamos num impasse. Não houve abandono, nenhuma imoralidade sexual, e não tem abuso. Nós simplesmente não nos damos bem. Não deveríamos ter nos casado. Nós deveríamos ter sabido que somos incompatíveis. Eu sei que Deus odeia o divórcio, mas eu não tenho nenhuma outra opção. Meu pastor e alguns conselheiros cristãos têm-me dito que, quanto a Deus odiar o divórcio, este é o menor de dois males, porque Deus não quer que eu seja miserável. O que você acha?

Casado, mas Miserável

Essa é uma carta verídica que talvez expresse o que muitos casais estão sentindo. “Sou casado. Eu sei que Deus odeia divórcio, mas sou miserável. A verdade é que, se pudesse, voltaria e desfaria tudo”. Sentimentos assim não me chocam, pois eu também tenho tido pensamentos assim. O que me choca são os conselhos que outros crentes, e mais ainda, aqueles que os pastores dão hoje em dia. Parece que desistir é uma opção quando sua felicidade está em jogo. E o que anos atrás era tabu está se tornando cada vez mais normal a ponto de não ser difícil encontrar pastores que são divorciados e recasados.

Quase dez anos atrás eu voltei para casa depois de ter pregado em mais uma conferência, cansado, mas contente em pensar que estava sendo usado por Deus. Naquela hora a minha esposa pediu que eu sentasse com ela, pois precisava falar comigo. O que ela tinha a dizer não era nada que eu estava esperando. Sim, nós tínhamos as nossas discussões e brigas de vez em quando, mas qual casal não tem? E no fim de tudo eu achava que era um contra-ataque do inimigo devido ao nosso ministério. Assim Lisa me falou: “Eu não quero mais isso. Quando nós casamos eu falei que iria te seguir para onde quer que fosse, ao mundo inteiro se fosse o caso, mas eu nunca me comprometi em nada sobre está sendo abandonada. E você tem me abandonado. Você acha que eu estou andando contigo, mas você não percebe que faz anos que eu não ando contigo. Você correu na minha frente muito tempo atrás e nunca olhou para trás para ver onde eu estava. Assim, estou voltando aos EUA com os nossos filhos e vou morar com meus pais. Você pode continuar na sua busca por fama, mas eu não aguento mais”.

Imagine o meu choque ao ouvir essas palavras. Eu, na época, estava no auge do meu ministério. “Deus estava me usando”. Como ela não podia ver isso? Eu estava fazendo umas 45 conferências por ano e realmente esperava que um reavivamento estivesse para acontecer a qualquer momento. A verdade é que o que eu via como benção e como mão de Deus era o que estava pouco a pouco destruindo minha família. Os meus filhos não tinham certeza que tinham um pai, ou de quem era aquele homem que aparecia em casa três dias por semana. A minha esposa se sentia como uma mãe solteira. E para piorar a situação tínhamos acabado de comprar um sítio muito longe da cidade, o que só aumentou

os sentimentos de isolamento e abandono dela. Os nossos únicos vizinhos eram vacas. E em meio a tudo isso eu tinha perdido a noção do que era importante. Num lugar na minha cabeça eu pensei que eu tinha feito um acordo com Deus: “Eu cuido do teu povo e as conferências e você cuida da minha família”. Só que eu nunca olhei para o final do contrato para ver que Deus nunca assinou nada assim. Deus não precisava de mim para cuidar do povo dele e ele jamais se comprometeu em fazer o que era meu dever, cuidar da minha família.

E sendo muito honesto aqui, a minha esposa tinha toda razão quando falou que eu estava correndo atrás de fama. Naquele tempo eu acho que não queria ver isso ou talvez nem pudesse, mas o reconhecimento que veio com tantas conferências e livros sendo escritos era viciante. Eu gostava do que eu estava fazendo e talvez não pelas razões corretas. Eu gostava do fato de algumas pessoas saberem quem eu era; finalmente na vida eu me senti como alguém com algo a dizer e com um povo que queria me ouvir. Justificando isso com “Deus me chamou para isso”, fui em frente com tudo. Minha esposa percebeu claramente o que eu não estava pronto a admitir; eu queria ser alguém; eu queria ser famoso. Aí! Dói escrever essas palavras, mas se nós vamos chegar a algum lugar neste livro, não chegaremos tentando poupar os nossos corações ou reputações. Só para você saber, creio que minha busca por fama acabou. Ainda assim, se alguém me reconhece num lugar eu sinto o meu ego sorrindo. “Ó miserável homem que eu sou! Quem me libertará deste corpo de morte?” A minha esposa até hoje se refere a esse período como minha época de “quase famoso”. O que eu faria sem uma esposa para me ajudar a ser humilde?

Mas voltando a conversa, eu olhei para ela sem entender o que estava acontecendo e disse: “Não”. Nada mais e nada menos, simplesmente: “Não”. Eu finalmente sabia que algo estava errado e eu ia consertá-lo, pois isto é o que faço: eu conserto o que está quebrado. O louco é que por anos a fumaça do meu casamento estava subindo até o ponto que os meus filhos pequeninos estavam orando toda noite antes de dormir: “Deus, não deixe que os meus pais se divorciem”. Agora com tudo em plenas chamas eu abri o olho e fiz a única coisa que podia, eu parei. Parei com tudo. Parei de viajar. Parei de aceitar convites para conferências. Parei. Eu não podia perder a minha família. A minha esposa era minha melhor amiga. Eu fiz promessas a ela. Eu tinha que fazer algo. Eu tinha que salvar o meu casamento e não valia a pena perder a minha esposa por nenhum tamanho de fama. Assim parei de fazer conferências por quatro anos; basicamente sumi do mapa. O mais estranho naquela época eram os líderes que me ligavam pedindo que fosse para a igreja deles fazer uma conferência, pois quando eu explicava que paramos por um tempo para concentrar na nossa família, eles continuavam insistindo que eu fosse, que eles seriam a exceção. Eu finalmente falei para um: “O meu casamento está em perigo. A minha família precisa de mim. Desculpe-me, mas eu não posso”. Que logo respondeu: “Mas os nossos jovens precisam de você. Deus cuidará da sua família”. O mesmo maldito pensamento que tinha me colocado nessa situação. Assim, sem falar mais nada, eu desliguei na cara dele.

Pelos próximos quatro anos, nós lutamos e trabalhamos para restaurar o que eu tinha quebrado. Não vou falar que foi fácil, pois não foi, mas nós estávamos comprometidos a fazer tudo possível, acreditando que o divórcio não era uma opção. A nossa convicção era

e ainda é que a única saída é um dos dois morrendo. Agora antes que você nos ache um casal muito piedoso, deixe-me te contar algo: algumas vezes orei: “Deus se você quer levar ela, eu não te impeço”. E pode crer que eu não era o único no meu casamento orando isso. Porém, Deus não levou ninguém e nós tínhamos que continuar trabalhando. Casados, mas miseráveis. Porém houve a esperança de algo melhor, de um casamento feliz, pois lemos num lugar que com Deus tudo é possível, e nós íamos precisar dele.

Capítulo 4 – O mundo das Barbies

Quando minhas filhas eram menores, brincavam com Barbies, aquelas bonecas perfeitas vivendo vidas perfeitas segundo as imaginações das minhas filhas. Elas passavam horas inventando histórias e para elas tudo era real. Para mim, do lado de fora, eu sabia que era nada mais do que fantasia, bonecas de plástico vivendo num mundo plástico. Mas se um dia as bonecas fossem deixadas lá fora no sol, toda a vida perfeita delas ia se derreter como o plástico dos seus rostos. Claro que eu nunca falei isso para as minhas filhas, mas apesar de cruel, era a realidade. E com tempo elas chegaram à idade que entenderam isso e pararam de brincar de Barbie. Isso é normal. O que não é normal é alguém chegar a maior idade fingindo coisas que não são reais; fingindo ser Barbie num mundo imaginário cor de rosa.

Quando eu penso naquele tempo que eu e Lisa estávamos passando por dificuldades, eu acho que a coisa mais difícil era a solidão em que nós nos encontrávamos. Pois pense bem, com quem iríamos nos abrir? A quem podíamos confiar o nosso segredo: que o nosso casamento estava detonado? Fosse verdade, fosse orgulho, fosse ignorância, eu não sei, talvez um pouco de tudo, mas a gente não achava ninguém a quem podíamos confiar a nossa realidade. E talvez isso seja uma das maiores dificuldades que os casais enfrentem hoje em dia quando passam por tempos difíceis; eles não têm com quem compartilhar. Muito disso é culpa de uma igreja triunfante em que tudo é benção, e tristeza é do inimigo. Então para manter a aparência, todos entram no culto sorrindo, independente da realidade da vida ou do que está passando naquele momento. Por causa de pastores com seus sorrisos de plásticos que não têm nenhum problema nas suas vidas e que declaram: “Tudo posso naquele que me fortalece” e “Maior é aquele que está em vocês do que aquele que está no mundo”, a maioria acha que tem algo errado consigo se não está feliz, pois “Somos crentes então devemos ser felizes e devemos mostrar isso ao mundo, sorrindo”. Devemos ser Barbie.

Assim a igreja se enche com pessoas sofrendo, porém sorrindo. Sofrendo na solidão do pensamento que somente elas têm problemas nas suas vidas e, principalmente, nos seus casamentos. Mas deixe-me falar algo que no fundo todo mundo sabe, mas a maioria não quer admitir: Não existe um casamento perfeito. Não existe uma família perfeita. Todos os casamentos têm as suas dificuldades. A vida de Barbie é uma fantasia criada na cabeça de uma criança.

O amor pode ser cego, mas casamento verdadeiramente abre os olhos! Um homem certa vez disse: “Eu não sabia o que era alegria de verdade até que me casei. Mas então era tarde demais”. A verdade é essa: o casamento é feito de dois pecadores se juntando na mesma casa tentando fazer seu melhor, mas nenhum dos dois deixa de ser pecador. Como podemos pensar que entrando num relacionamento com um pecador e sendo também um pecador não teremos problemas? O problema não é a existência dos problemas, mas como lidamos com eles.

Voltando para a igreja “perfeita”, um tempo atrás colocamos uma faixa na frente da nossa igreja que disse: “Proibida a entrada de pessoas perfeitas”. O que eu estava querendo dizer com isso era que eu estava cansado da fachada de cristianismo sem problemas e das pessoas que estavam contentes em fingir. Quando eu e Lisa estávamos passando por nossas dificuldades, quase ninguém sabia. E com certeza ninguém ia perceber se olhasse para meu rosto dentro da igreja. Ninguém, menos os nossos filhos, ouviu as palavras de ódio gritadas no carro na ida para a igreja ou os palavrões que saíram da minha boca bem antes de chegar à sua porta. Ninguém me viu quebrar a mão quando bati no granito da cozinha certa vez que a minha esposa pediu ficar em casa em vez de ir para a igreja na vigília da virada do ano novo. A desculpa dela era: estava grávida e cansada. Ela estava preocupada com sua saúde e eu com a aparência do casal pastoral na vigília. Como eu podia chamar o povo para orar se nem a minha esposa ia? Assim gritei um palavrão e bati a minha mão no granito com força suficiente para quebrá-la. Assim fui sozinho à vigília, mas não pegava na mão de ninguém. Na defesa da minha esposa, a nossa igreja se achava no ribeirinho uns 35 minutos de viagem e não tinha banheiro. Também, nosso filho nasceu 10 dias depois. Sim, eu já pedi perdão a ela muitas vezes. Mas quem na igreja ia saber o que aconteceu antes de eu chegar lá todo sorridente e falando “Aleluia”?

Eu descobri duas coisas muito tempo atrás que eu sempre compartilho com os casais. A primeira, se você tem uma agenda, pode colocar nela mais ou menos uma hora antes de qualquer culto ou ajuntamento da igreja: briga com a esposa ou marido. Incrível como acontece, mas parece que se vai brigar na semana, na qual você tem sete dias para brigar, a briga acontece bem antes de ir para o culto. E isso traz a segunda coisa que eu descobri: a porta da igreja é mágica. Tenho visto isso na minha própria vida como na vida de muitos casais. Independente de quão feia foi a briga, na hora que você entra na igreja algo acontece que só podia ser descrito como milagroso. As caras fechadas começam sorrir, os olhos cheios de ódio começam brilhar, e as bocas cheias de xingamento começam louvar a Deus e falar o quanto ele é bom. A prova disto é que eu nunca vi um casal entrar na igreja gritando um com o outro.

De caras fechadas já vi. Uma era da minha esposa. Ela não é tão boa em fingir. Talvez ela seja um pouco resistente à mágica da porta, não sei, mas se ela está mal comigo, nenhuma porta no mundo vai mudá-la. Por um lado isso é elogiável, por outro é vergonhoso, principalmente se eu estou para pregar. Lembro-me de uma vez depois da volta de uma daquelas viagens e de gritos em casa, a gente chegou à igreja e mais uma vez a porta não teve êxito com ela e assim ela se sentou na primeira fila para me ouvir pregar. Eu a vi lá com a cara fechada e com olhos dizendo: “Quero ouvir o que você vai falar hoje depois de tudo que falou no carro”. Assim eu fui até ela e comentei sobre sua cara fechada e no que os outros iam pensar. Ao que ela respondeu: “O que você quer? Que eu seja falsa como você?” Diante disso eu nem respondi. Ela tinha razão, mas a verdade é que eu queria que ela fosse falsa, sim (como eu). Eu tinha uma reputação a proteger. Mas ao contrário do meu desejo de que ela fingisse, ela continuou com a cara fechada e eu preguei sorrindo.

Eu não sei sobre você, mas é difícil admitir para as pessoas que parecem estar sem problemas que você tem um problema; principalmente nessa área de casamento. Parece que todo mundo tem um bom casamento e você é a exceção. Isso é o que o diabo quer que você pense e é isso que ele te fala: “Só você tem problemas no seu casamento e é melhor que não fale para ninguém, pois eles não vão te entender e te olharão estranho depois”. Assim os casais na igreja mantêm certa falsidade a respeito do seu casamento e, de repente, quando um casal chegar a ponto de se divorciar, todos ficam chocados, pois ninguém nem sabia que discutiam. A verdade é que a maioria dos casais está desesperadamente precisando de ajuda, de alguém para ouvi-los, mas a igreja de plástico não dá essa oportunidade. E assim somos obrigados a usar máscaras que depois de um tempo pesa demais.

Durante o tempo em que Deus estava restaurando nosso casamento, eu decidi me juntar ao time da minha esposa e parar de ser falso. Não me importava mais o que os outros iam pensar do nosso relacionamento. Meu casamento era difícil e não devia ser um segredo. Afinal, quem poderia me ajudar se ninguém soubesse? Daí um belo dia, depois de mais uma briga no carro indo para a igreja, eu entrei e lutei com toda a minha força contra a mágica da porta quando de repente chegou o acolhimento. O homem me cumprimentou com a típica: “Tudo bem pastor?” Ao qual eu respondi: “Não cara. A verdade é que vim brigando com a minha esposa até aqui”. Que susto ele levou. Coitado dele. Ninguém tinha treinado ele para um momento desses. A verdade é que quando alguém te pergunta “Tudo bem?”, ele realmente não quer saber como você está, ele só quer que você responda: “Tudo bem”. Mas eu respondi literalmente a pergunta e o homem prontamente se virou e foi embora confuso do que tinha acontecido. Confuso a ponto de esquecer que ele estava responsável por receber as pessoas aquela noite e eu acabei ficando no seu lugar.

Eu não acho que há surpresa quando descobrimos que alguém tem dificuldades em seu casamento. A surpresa é alguém ser honesto sobre isso. Algo tem que mudar entre nós que se chamamos filhos de Deus. Efésio 4.25 fala: “Portanto, tendo deixado de lado a mentira, fale a verdade cada um de vocês com seu próximo, porque todos nós fazemos parte do mesmo corpo e pertencemos uns aos outros”. Nós pertencemos uns aos outros; somos um corpo; somos uma família, mas na hora de nos abrir sobre os problemas em nossas vidas, somos mentirosos. Todo mundo conhece aquele cântico “Uma Família” que quase toda igreja numa época ou outra cantava na hora de cumprimentar um ao outro, mas poucos conhecem a letra que eu substituí há algum tempo atrás:

“Uma família, cheia de falsidade, que mente uns aos outros em nome do Senhor. Uma família...”

Sinta-se livre para cantar comigo se conhece a melodia. Sim, eu sei que não é engraçado, mas é assim que eu lido com as coisas que me frustram na igreja, de forma irônica; eu faço piadas com verdades escondidas nelas. Mas me fale se estou errado. Fale-me que você nunca esteve dentro da igreja fingindo estar tudo bem quando na verdade estava mal. Fale-me se você nunca fingiu estar bem com sua esposa ou marido na frente dos outros quando não era nada daquilo que aparentava. Fingir que está tudo bem nada mais é do

que uma mentira que a igreja aprova e até encoraja. Chega! Se queremos achar cura para as doenças nos nossos casamentos, antes temos que admitir que somos doentes.

Mas, escute! A solução é encontrar a cura, e não cortar a doença fora. Se você tem uma infecção no seu braço, não importa o quanto está doendo, você não o corta fora. Você vai ao médico e fará o que é necessário para restaurá-lo. Assim é num casamento, quando está difícil, não importa o quanto que está doendo, tem que procurar a cura e fazer o que é necessário para restaurá-lo; não cortá-lo fora. Divórcio é a amputação de algo estabelecido por Deus e não a solução dos problemas matrimoniais, independente do que as pessoas possam te falar. Jesus falou: "Não deixem ninguém separar o que Deus juntou". Ninguém quer dizer: ninguém! E isso inclui pastores e teólogos, independente de qual seja a intenção dos seus corações.

Certa vez, houve um rapaz que se casou bem jovem quando não tinha a convicção exata do que estava fazendo. E, um dia, a sua esposa o deixou pelo patrão dela. Depois disso ele passou anos da sua vida sozinho no seu desespero e tristeza, até o dia em que um pastor lhe deu esperança. O pastor teve compaixão dele e falou que não era contra a lei ele se divorciar e recasar com outra, pois Deus não queria que ele fosse sozinho ou triste. Ele disse que Deus não estava interessado em nos manter à letra da lei e passou a dizer que como ela já havia (supostamente) se divorciado dele (por deixá-lo e traí-lo), ele não estava mais ligado a ela em tal caso. Este pastor não falou com base na Palavra, mas a partir do coração, e mostrou compaixão por ele ao declarar: "Eu não acho que Deus quer que você sofra o resto da sua vida na solidão por causa daquilo que sua esposa fez".

Até aqui acho que quase ninguém estranhou a conversa do pastor, pois isso é o que a maioria de nós pensa hoje. Tudo o que o pastor falou soa como verdade e confirma o que sentimos em nossos corações. Mesmo correndo o risco de parecer insensível às dores dos outros, eu tenho que perguntar: "É isso que Deus fala? É isso que a sua Palavra nos ensina?" Eu já andei naquela trilha das dores do casamento e eu sei que todos os divorciados têm uma história triste para contar. Mas se todas as histórias tristes fossem a razão de se divorciar, quem estaria casado hoje? Isso nada mais é do que ética situacional e pensamento carnal. O que aconteceu com "Tudo posso naquele que me fortalece"? Tudo posso, menos me manter casado? Ou "Minha graça é suficiente para você". Suficiente para o quê? Suficiente para nos ajudar a continuar superando as dificuldades e lutando pelos nossos casamentos? Suficiente para nos ajudar a permanecer num casamento difícil no qual a felicidade não mora mais?

Em vez de sentir pena de nós mesmos, temos que tomar todos os nossos fardos pesados e colocá-los aos pés do Senhor, pois ele é bondoso e ele nos dará a força e a graça suficiente para encarar, aguentar e superar qualquer situação. Ainda assim, as pessoas que se recusam a acreditar que a vida de Barbie não seja uma possível realidade perguntam: "Mas como que fica minha felicidade?" A felicidade verdadeira não depende do que está fora, mas de que está dentro. Ela não é um veleiro que depende do vento para fazê-lo andar. Ela é um estado da mente e do coração. Se a nossa felicidade está baseada em seres humanos, então a nossa felicidade é uma fachada; como o mundo de Barbie.

Capítulo 5 - O começo nem sempre define o fim.

Desde os primórdios, os casamentos têm os seus próprios problemas, começando pelo de Adão e Eva. Eu imagino que depois que Deus os encontrou no jardim, após terem comido da fruta da árvore do conhecimento do bem e do mal, deu para eles o castigo pelo pecado e os expulsou de lá, houve uma conversa interessante entre os dois.

Adão: Bem feito, mulher. Você tinha que comer da árvore.

Eva: E você? Você estava ali. Por que não falou nada?

Adão: Falar o quê? Eu vi que você estava decidida a comer.

Eva: Decidida? Eu estava com dúvida. A serpente me convenceu.

Adão: Agora você vai culpar a serpente? Por que não cresce e assume o seu erro?

Eva: Meu erro? E o seu erro, homem frouxo? Você também comeu!

Adão: Agora vai jogar a culpa em mim? Por causa de você meu relacionamento com Deus foi estragado; que, só para você saber, era muito bom antes de você entrar em cena. E agora meu trabalho será duro. Muito obrigado!

Eva: Muito obrigado, nada! Seu relacionamento com Deus foi estragado porque você pecou, não por causa do meu pecado. E você acha que a minha vida será um mar de rosas? Agora eu vou sofrer mais do que já iria para te dar filhos.

Adão: Por que você deu ouvidos à serpente?

Eva: Porque você me permitiu. Você devia ter me protegido! E, muito obrigada por "queimar meu filme" com Deus quando disse para ele: *"Foi a mulher que você me deu para estar comigo, ela me deu o fruto da árvore, e eu comi"*. O que foi aquilo?!

Adão: A verdade.

Eva: A verdade é que você é frouxo!

Adão: A verdade é que você é uma esposa ruim que destruiu a minha vida! Talvez fosse melhor que nunca tivesse te conhecido.

E assim, depois dessa suposta discussão, os dois devem ter passado um tempo com as caras fechadas sem falar um com o outro. Temos aqui um exemplo de um começo ruim, mas isso não deve definir como acabará a história de um casamento. Deus os juntou e junto eles iam permanecer. Pena que foram expulsos do jardim, pois teria sido mais fácil Adão achar um buquê de flores lá do que no campo cheio de espinhos onde se achou trabalhando depois.

Podemos reconhecer e admitir que a maioria dos casais na igreja tenha problemas. Na verdade a maioria já começa com problemas. Eu me lembro de quando estava recém-

casado com a Lisa, uma mulher me perguntou por quanto tempo estávamos casados. E eu respondi: “Seis meses”. Então ela falou: “Ó, vocês ainda estão em lua de mel!” Bom, para quem não conhece a nossa história, deixe-me contar um pouco para você. Nós tivemos a nossa primeira briga bem no último dia da nossa lua de mel. Foi feia. Feia a ponto de eu comprar cigarros para mostrar para Lisa o quanto eu estava irado, por isso ela se recusou a sentar na frente da nossa caminhonete comigo fumando. Tudo bem, foi a decisão dela. Mas isso me deixou ainda mais irado.

Ali estava eu, finalmente casado com a mulher dos meus sonhos; obstinada. Então eu resolvi a dar uma boa lição, mostrar quem estava no controle. Assim com ela na carroceria coberta com uma tampa, exagerei em cada curva na estrada fazendo-a rolar um lado para outro. (Sim, eu era muito maduro naquela época.) Finalmente cansei da lição e obriguei-a a voltar para a cabine da caminhonete, onde ela ficou em silêncio por quatro horas até chegarmos a casa. Infelizmente isso não ficou apenas na lua de mel. Nós brigávamos quase todos os dias e por tudo. E aqui bem na minha frente estava aquela mulher me dizendo que eu ainda estava na lua de mel. Meu Deus do céu, fiquei imaginando o inferno que estava por vir!

Mas como é que tudo pode começar tão ruim? Onde estavam os sonhos de caminharmos juntos, de mãos dadas, e a paixão, lendo a Bíblia juntos e orando um pelo outro? Como a minha realidade estava tão longe de tudo o que sonhei quando a conheci? Antes ela era uma menina tão delicada e meiga, e agora eu descobri que ela tinha dentes afiados para acompanhar uma língua afiada. No meu estado de autojustiça pensei que tudo era culpa dela, bem como ela devia pensar o mesmo a meu respeito, mas desde lá vejo que *quase* tudo era culpa minha. Ela mostrava os seus dentes para se proteger do predador que eu era. Mas ainda assim, qual era o verdadeiro problema?

Para ilustrar o casamento podemos usar como exemplo a construção de uma casa. Imagine você recém-casado e desejando construir uma casa. Você e sua esposa vão à loja de construção e conversam com o dono explicando seus desejos e tentando descobrir o que vão precisar. Logo na conversa entra em questão os tijolos, pois é a coisa mais básica da casa. Ele explica para vocês que existem dois tipos de tijolos: um que é comum (que é o que a maioria usa) e mais barato e um que é bem mais caro, porém mais seguro. Qual tijolo você escolheria? A maioria escolheria o mais barato porque é mais barato e se todos estão usando deve ser eficiente. Além do mais, sendo mais barato, vai sobrar mais dinheiro para coisas “mais importantes” na casa como o acabamento ou um sofá novo. Só que você fica sabendo antes de começar a obra que uma em três casas construídas com aqueles tijolos comuns acabou caindo. Agora, o que você fará? Vai arriscar?

34% dos casamentos na igreja hoje em dia estão acabando em divórcio, sem contar separações ou casamentos ruins. Mas qual é o problema? Como aquelas casas caindo, o problema está nos tijolos, na maneira que estamos construindo os nossos casamentos. Assim eu te digo que o *tijolo do namoro*, ou seja, a maneira comum de agir antes de casar, tem acabado com um em três casamentos. Deixe-me explicar. A maioria de nós, inclusive eu, agimos com nossas futuras esposas ou maridos exatamente como as pessoas do

mundo agem. Nós beijamos, passamos mão no outro e, muitos de nós, até transamos. Uma das maiores razões que os crentes têm para se casarem hoje é para saírem do pecado. Mas isso não se trata do pecado que já aconteceu. Nós achamos que casando iremos resolver tudo, e só depois descobriremos que pulamos da frigideira para cair no fogo. Parece que Deus tem nos enganado. Por acaso ele não tem uma responsabilidade de abençoar os casamentos cristãos? E em tudo isso nós esquecemos de que a Bíblia nos fala a respeito de semear e colher.

Gálatas 6.7-8; Não se enganem: ninguém pode zombar de Deus e escapar, pois o que o homem semear isso também colherá. Aqueles que vivem para satisfazer os seus próprios desejos através do pecado colherão destruição e morte. Mas aqueles que vivem para agradar o Espírito colherão do Espírito a vida eterna.

Se você semear, você vai colher. É muito simples de entender. Se você pecar com a sua esposa ou marido antes de casar você vai colher daquele pecado. O que você espera? Que Deus é tão bondoso que ele violará um princípio dele? Como somos bobos. Queremos brincar com fogo e depois de se queimar, olhamos para Deus como se ele fosse um tirano cruel. Ele nos avisa da colheita. O problema é que nós não acreditamos que a colheita realmente virá. Deus não é como sua mãe que ameaça te bater com o chinelo enquanto você sabe que ela não vai fazer isso. Deus fala que se semeamos para satisfazer os nossos desejos através do pecado colheremos do mesmo.

Se você construir sua casa com tijolos podres, ela pode cair. Todos os que têm o Espírito Santo vivendo neles sabem que o que acontece no namoro é errado, porque o próprio Espírito Santo os fala que é. Por isso os casais choram depois que acontece algo que não deve e prometem diante de Deus que foi a última vez. Mas a verdade é que quase nunca é a última vez, mas simplesmente o começo. Eles já provaram da fruta proibida e descobriram que é boa. Sexo fora do casamento não é ruim; é bom assim como dentro do casamento. O problema é que não é abençoado por Deus, e o pior: traz consigo uma maldição, uma colheita a ser colhida dentro do casamento. A verdade é que os problemas em nossos relacionamentos conjugais muitas vezes são fruto de atos feitos. “O que o homem semear isso também colherá”.

Mas o que colhemos de verdade? Uma das coisas é a falta de confiança. No caso daqueles que tinham relacionamentos anteriores com outros, o resultado depois de uma decepção ou um coração quebrado é que a pessoa não confia mais no sexo oposto. “Será que ele/ela não vai fazer a mesma coisa comigo?” Assim entramos no casamento com um pé a trás; uma falta de confiança total. No caso daqueles que namoravam com o futuro marido ou esposa, é uma falta de confiança da própria pessoa. E para ser sincero, eu pessoalmente não conheço nenhum caso de namoro que não teve pecado.

Eu não namorei a minha esposa, logo a pedi para casar comigo e então noivamos. Porém isso não me poupou de nada, pois achei tempo e oportunidade suficiente para pecar contra ela nos nossos quatro meses noivado. A verdade é que eu, como muitos homens, forcei a barra com ela e fiz ela fazer coisas que não queria resultando numa futura esposa que se

sentiu violada por mim e que não confiava em mim; e ela tinha toda razão. Enquanto eu declarava o meu amor por ela, eu a violei como nenhum outro homem tinha feito. Não, eu não a estuprei, nem transei com ela antes de casar, mas passando a minha mão nela enquanto ela tentava tirá-la e forçando ela a me tocar foi o suficiente para ela sentir-se violada e não confiar em mim.

Ela acreditava que eu, como crente, ia esperar a gente casar para depois beijá-la como eu tinha prometido. Ela esperava que eu a tratasse como uma princesa de valor imensurável e não como um objeto. Ela esperava que eu fosse diferente dos outros meninos com quem já havia namorado. Como eu a decepcionei. Eu semeei pecado e colhi do mesmo. Pois depois de um ano e meio casado, a colheita que eu pensava ter acabado, finalmente chegou; e Lisa esfriou comigo. Ela não queria nada comigo. Ela me confrontou com todo pecado que cometi contra ela e eu só podia escutar e pedir perdão. Aquelas carícias eram para mim, para satisfazer a minha carne. Eu tinha violado o corpo e a consciência dela. Como ela podia confiar em mim para protegê-la se eu tinha sido o maior ameaça da vida dela? Levou dois anos para ela sarar e assim começamos do zero, três anos e meio depois do que devíamos. Vou te falar, aquelas carícias custaram caro.

Uma mulher que não pode confiar que seu namorado ou noivo fique fora da sua roupa íntima, não vai de repente confiar nele só porque colocou uma aliança no dedo dela. Um anel não é sinônimo de confiança. E muitas vezes essa falta de confiança é fatal.

Se você constrói sua casa com tijolos podres, não fique surpreso se um dia ela cair. A colheita virá, mas temos que lembrar que não é para sempre. Temos que aguentar a tempestade, pois o dia brilhante chegará se perseveramos.

O começo nem sempre define o fim.

Capítulo 6 - Fazendo do tabu algo aceitável.

Certa vez, num passado não tão distante, divórcio era considerado tabu. Eu sei porque da pequena cidade de onde eu vim, a minha família era uma das únicas em que os pais eram divorciados. Todo mundo olhava para mim e principalmente para meus pais como fracassados e como se houvesse algo errado com eles. Assim a vida do divorciado era complicada e uma vergonha. Para o homem achar trabalho não era tão difícil, pois ele ainda era um homem e os patrões eram homens, então eles “entendiam” que a esposa podia ser complicada e impossível. Mas para uma mulher divorciada era um pouco mais complicado, ela era vista como a razão do divórcio, pois quem iria se divorciar de uma mulher que amava e servia bem seu marido em casa. O que ficava entendido é que ela devia ser uma pessoa difícil de lidar. Assim as oportunidades de emprego eram bem limitadas.

Eu conheci o meu melhor amigo de infância na primeira série. A minha família, ainda junta, tinha acabado de se mudar para a nova cidade e quando a professora perguntou se alguém estava disposto a dividir seu armário comigo, Richie se ofereceu. Assim começou uma amizade que dura até hoje, mas como tudo, teve suas dificuldades. A primeira vez que eu fui a casa dele, a sua mãe me perguntou da minha família e eu expliquei que os meus pais tinham acabado de se divorciar. Como eu gostaria ter deixado essa parte da conversa fora. A família do Richie era da igreja e divórcio não era só algo inaceitável e considerado pecado naquela época, mas também algo pouco ouvido e falado. Ao ouvir que meus pais eram divorciados, os olhos dela se abriram bem grandes, mas ela não falou nada.

Eu suspeito que a minha família fosse a primeira divorciada que ela conhecia. Assim, dois dias depois, ela e seu marido foram à minha casa para conversar com minha mãe. Eles queriam conhecer melhor essa mãe divorciada antes de deixar seu filho brincar comigo. Eu me sentia como um verdadeiro leproso. Parecia que os pais dos meus amigos tinham medo de que divórcio fosse algo contagioso. Eu não sei o que a minha mãe falou, mas os pais do Richie o deixaram continuar brincando comigo durante os 10 anos seguintes, até que a minha família se mudou de novo.

Não posso dizer que a maneira com que as pessoas tratavam os divorciados naquele tempo era correta, pois não era, mas eu acho interessante como a sociedade via o divórcio. Hoje se uma criança disser que seus pais são divorciados, ninguém vai piscar nem um olho, muito menos ir a casa dela para conhecer a sua mãe antes de deixá-la ser amigo do seu filho.

Com o passar dos anos vemos que tabus perdem seu poder. Algumas vezes é para melhor, outras não. Segundo o dicionário, um tabu é algo que é proibido ou restringido por costumes sociais ou religiosos. É uma questão do sistema de valores de uma sociedade, grupo ou nação. Tabus são basicamente específicos a uma cultura e temporal na sua natureza; são desdobramentos diretos das atitudes coletivas ou valores de um povo. Tudo o que é divergente no que diz a respeito às normas estabelecidas é chamado tabu.

Vou listar algumas coisas que uma vez eram considerados tabus pela sociedade, mas não são mais, só para a gente poder entender como a cultura muda.

1. **A alça de sutiã visível.** Não muitos anos atrás a alça de sutiã visível era escandaloso. Hoje em dia ficamos felizes quando essa é a única parte do sutiã que vemos. Hoje é tudo para o conforto e mostrando o que você tem.
2. **Uma menina pedindo um rapaz para namorar.** Na minha época era tabu até uma menina ligar para um menino. Se a menina gostava dele, tinha que esperar ele ligar, senão ela era considerada “fácil”. Hoje em dia você tem mulheres até pedindo homens em casamento.
3. **Chamadas telefônicas depois das 21 horas.** Depois das 21 horas era considerado tempo da família e de descanso. Hoje não é estranho ouvir o celular de alguém tocar na madrugada.
4. **Meninas se vestindo de calças.** Houve um tempo em que qualquer menina que se vestisse de calças era considerada lésbica, pois calças era exclusivamente uma roupa masculina, e as igrejas consideravam indecente uma menina se vestir de calças. A verdade é que ainda há igrejas que seguem esse pensamento, mas não a maioria.
5. **Sexo antes do casamento.** Historicamente, sexo antes do casamento era considerado uma questão moral, era tabu em muitas culturas e considerado um pecado por uma série de religiões. Mas desde a década de 1960, ele tornou-se mais amplamente aceito. Segundo o *Electronic Journal of Human Sexuality*, Volume 10, Dezembro 3, 2007: “87% das meninas brasileiras entre 15 e 24 anos de idade relataram ter tido a sua primeira relação sexual antes do casamento. Entre os meninos, mais de 99% tiveram sua primeira relação sexual antes do casamento”.¹³ E hoje em dia, menos de 25% das pessoas acreditam que o sexo antes do casamento é "sempre ou quase sempre" errado.¹⁴
6. **Tatuagem.** As pessoas ainda têm suas opiniões a respeito de tatuagem, seja por razões culturais, religiosas ou simplesmente devido à idade de quem está opinando. Antes a tatuagem era usada somente por criminosos, marinheiros, prostitutas ou alguém que ficou tão embriagado que nem se lembra de ter feito; e as mães puxavam seus filhos para perto de si quando alguém tatuado se aproximava. Hoje pode ser que seu pastor tenha uma cruz tatuada no braço.
7. **Divórcio.** No passado, casamentos eram para a vida e divórcio era considerado um pecado. Hoje divórcio é socialmente aceitável.

Podemos dizer que hoje as pessoas parecem estar mais confortáveis com uma série de questões ou comportamentos que há um tempo estavam sujeitos ao estigma social e isso nos leva de volta ao casamento e ao divórcio.

“O anel de casamento uma vez foi símbolo do pacto vitalício entre um homem e uma mulher, mas nos tempos modernos, ele se tornou nada mais do que um enfeite no dedo sem sentido”. *Tony Warren*

Pergunte a pastores ou teólogos se é errado para os cristãos fazer um aborto, e você vai descobrir que há um consenso entre eles que diz sim, que é errado. Pergunte-lhes se um cristão é justificado por roubar um banco pelo fato dele ser pobre, e todos vão concordar que a pobreza não justifica o roubo. Mas pergunte a esses mesmos ministros se é errado para um cristão se divorciar de seu cônjuge e a confusão começará. Em nossos dias não há nenhuma mensagem clara da igreja contra o divórcio. Como resultado, dentro da igreja, divórcios e recasamentos têm alcançado proporções epidêmicas. Infelizmente é um daqueles assuntos que a maioria dos cristãos prefere nem lidar. É muito mais conveniente para eles ignorar essa controvérsia, racionalizar o seu aumento entre os cristãos, ou permanecer em silêncio em apoio tácito.

Eu confesso que por um bom tempo, sem me aprofundar no assunto, eu seguia a linha popular que divórcio era liberado nos casos de abandono e adultério. E assim a vítima de um desses casos estava livre para recasar. Para mim isso foi a maneira mais coerente “segundo o coração de Deus” para lidar com essas situações. Pois quem era eu para dizer a alguém abandonada, com filhos, que tinha que se virar como mãe solteira e nunca mais poderia casar? E quem era eu para dizer a alguém lidando com a dor do adultério que em vez de se divorciar do outro, tinha que perdoar e lidar com os sentimentos de traição? Eu tomei essa linha de pensamento, não baseado em algo que tinha lido nas Escrituras, mas em coisas que tinha lido em livros, ouvido dos pregadores que eu gosto e pelo fato de já ter vivido essa realidade, o que explica meu próprio coração querendo ser bondoso com aqueles que sofrem com isso. Mas um tempo atrás eu fui desafiado por um amigo a olhar as Escrituras e ver o que elas realmente dizem a respeito de divórcio e recasamento. E ali começou todos os meus problemas. Eu estava feliz com a minha opinião simplista. As pessoas gostavam do meu Deus e do que eu falava dele. Na época que eu tinha ideias favoráveis ao divórcio ninguém ficou ofendido comigo ou citou pessoas de renome que não concordavam comigo como se eu estivesse querendo me achar maior do que eles. Então vamos lá.

Ao olhar os versículos da Bíblia que falam sobre divórcio e recasamento parece ser bastante simplista dizer que Deus odeia o divórcio, exceto em casos de adultério ou abandono. Porém é isso que ouvimos da maioria que se acha atrás de um púlpito todo domingo. E talvez o mais complicado de tudo isso seja que o foco deste assunto é colocado nas “exceções” e assim a mensagem completa da Bíblia é ignorada.

A verdade dura é que muitas pessoas não querem saber o que Bíblia fala, pois estão procurando desculpas e pessoas que falem o que elas querem ouvir para justificar o que já decidiram fazer: DIVÓRCIAR-SE! Mas se pensarmos bem, esse é o mesmo pecado que Eva cometeu no Jardim do Éden. Ela já tinha decidido pecar antes de comer o fruto, mas ela precisava justificar sua própria mente. Então, ela argumentou que a fruta era boa para se comer, agradável à vista e iria fazê-la sábia. Ela racionalizou seu pecado. E para a alegria dela, ela achou alguém, a serpente, que concordou com ela a respeito do desejo dela e até deu razões maiores de como seria melhor se ela comesse.

Hoje se alguém quer se divorciar, a sociedade não acha ruim e não faltam vozes que vão concordar e ajudar a racionalizar a decisão. E assim, com esse fluxo constante de racionalização, não é de admirar que tantos cristãos professos achem fácil justificar o abandono do seu casamento. O divórcio parece uma solução relativamente simples para o que é realmente um problema complexo. Os cristãos podem se divorciar em determinadas circunstâncias? Um simples "sim" parece resolver uma série de problemas. No entanto, ao tirar nossos olhos da Palavra de Deus e concentrando-os em nós mesmos ou nos outros, o que não conseguimos ver é a imagem maior. No inglês há um ditado que diz: "Não pode ver a floresta por causa das árvores". Isso quer dizer que alguém pode ficar tão focado numa árvore que ele nem percebe a floresta ao seu redor. Quando olhamos para nós perdemos a vista de Deus e da sua Palavra. Nós perdemos a vista da floresta.

Antes das reformas de divórcio da década de 1970, os divórcios ainda eram em sua maioria com base no fundamento da "culpa", em que alguém tinha que ser culpado de adultério. Mas quando isso terminou, no lugar em que existia uma muralha protegendo a aliança do casamento e o divórcio era quase universalmente rejeitado e pregado contra em quase todas as igrejas, o casamento tornou-se nada mais do que um teste-drive para compatibilidade. O ensinamento que o divórcio é permitido já não é exceção de algumas igrejas liberais, mas a regra na maioria, e não apenas por adultério ou abandono. Tornou-se uma inversão total da posição histórica da igreja. Se a igreja de nossos pais considerou o divórcio uma vergonha e um escândalo, hoje é muito provável que o pastor da própria igreja seja divorciado. Que objetividade ou conselhos justos pode dar um pastor sobre divórcio quando ele mesmo é divorciado?

Hoje o divórcio é encarado como uma coisa amorosa e simpática para o bem de quem sofre num casamento infeliz, e aqueles que falam contra são vistos como ignorantes ou cruéis. Esta é a ilusão do grande enganador, o pai da mentira, Satanás. A realidade hoje é que o mundo, e de fato a igreja, tem tirado o estigma que uma vez acompanhava o divórcio e fez do tabu algo aceitável.

Capítulo 7 – O que Deus pensa.

Eu estou bem ciente da dificuldade em que muitos crentes se encontram. Eu também estou bem consciente das emoções que são provocadas por toda esta questão, especialmente quando envolve aqueles que estão próximos de nós. Praticamente não há ninguém entre nós que não tenha sido tocado, pelo menos em nossas famílias mais amplas, pelo assunto de divórcio e recasamento. E em particular, no caso da pessoa que é reconhecida como a parte inocente, nós temos uma simpatia instintiva. Mas neste assunto, nós temos que resistir ao que os nossos corações enganosos nos falam, os desejos de tentar proteger os “inocentes” e as tentações de justificar o que realmente desejamos. Temos que perguntar a Deus o que ele pensa e ajustar os nossos corações e desejos para entrarem em acordo com ele. Temos que olhar para a Bíblia e nos submeter à Palavra escrita. Então o que Deus pensa a respeito de divórcio?

Malaquias 2.16: “Eu odeio o divórcio”, diz o SENHOR, o Deus de Israel.

Sim, você sabia que eu ia citar esse versículo. Era óbvio. Mas, falando sério, não tem para onde correr ou se esconder dele. É bem claro o que Deus pensa a respeito de divórcio. Eu acho interessante que as pessoas que querem se divorciar do seu cônjuge sempre ficam citando a suposta cláusula de exceção de Jesus sobre divórcio, mas eu nunca ouvi ninguém citar Malaquias 2.16 onde Deus diz claramente que o odeia.

Quando falamos sobre coisas que Deus, na sua Palavra, expressa claramente odiar, a lista é curta.

Deuteronômio 12.31: Não adorem o SENHOR, o seu Deus, da maneira como fazem essas nações, porque, ao adorarem os seus deuses, elas fazem todo tipo de coisas repugnantes que o SENHOR odeia, como queimar seus filhos e filhas no fogo em sacrifícios aos seus deuses.

Salmos 5.4-6: Tu não és um Deus que tenha prazer na injustiça; contigo o mal não pode habitar. **5** Os arrogantes não são aceitos na tua presença; odeias todos os que praticam o mal. **6** Destróis os mentirosos; os assassinos e os traiçoeiros o SENHOR detesta.

Salmos 11.5: O SENHOR prova o justo, mas o ímpio e a quem ama a injustiça, a sua alma odeia.

Provérbios 6.16-19: Há seis coisas que o SENHOR odeia, sete coisas que ele detesta: **17** olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, **18** coração que traça planos perversos, pés que se apressam para fazer o mal, **19** a testemunha falsa que espalha mentiras e aquele que provoca discórdia entre irmãos.

E finalmente, mais uma vez, **Malaquias 2.16:** “Eu odeio o divórcio”, diz o SENHOR, o Deus de Israel.

Interessante, mas quase ninguém vai defender ou tentar justificar a idolatria, ou o assassino, ou a traição, ou o amor à injustiça, ou qualquer outra coisa achada nesses versículos. Mas quando falamos sobre o divórcio, procuramos uma maneira de minimizar as palavras: “Deus realmente não quis dizer ‘odeio’. Você tem que entender o versículo no seu contexto”. Blá, blá, blá. Deus falou exatamente o que ele pensa a respeito de divórcio: ele o odeia. Esse versículo não deixa nenhuma dúvida quanto à sua posição sobre o assunto.

A razão pela qual a Igreja deve pregar contra o divórcio é que Deus o odeia. No entanto, Deus odeia o divórcio por causa de seu amor pelo casamento. A Igreja também deve odiar o divórcio, especialmente porque ela deve amar o casamento.

Capítulo 8 – Um apelo emocional ao divórcio.

Se quisermos esquecer o que Deus pensa e nos apegar a um apelo emocional, não existe um exemplo mais forte do que o de Oseias. Se alguém tinha um bom argumento diante de Deus para se divorciar da sua esposa era ele.

Pastor,

A minha mulher é uma prostituta. Ela não me ama e fugiu mais uma vez com outro homem. Tivemos três filhos juntos dos quais eu não tenho certeza que são meus, e agora eu tenho que ir pagar seu cafetão pelo 'privilégio' de trazê-la de volta para casa. A palavra "adúltera" não chega nem perto de descrever essa mulher. O que eu devo fazer? Eu ainda a amo.

Oséias

Quando pensamos no livro de Oseias sempre refletimos como Deus nos ama independente de tudo que temos feito e como ele sempre vai atrás de nós. Mas o que falhamos em perceber é que essa é uma história sobre um homem e seu casamento. E vamos concordar: se existisse um homem em toda a história do mundo que tivesse algo a reclamar em relação ao seu casamento, era Oseias. E para piorar a situação, nem foi culpa dele a ideia de casar com aquela mulher.

Oséias 1.2: Quando o Senhor começou a falar por meio de Oseias, o Senhor lhe disse: "Vá, tome uma mulher adúltera e filhos da infidelidade, porque a nação é culpada do mais vergonhoso adultério por afastar-se do Senhor".

Oseias era profeta do reino dividido de Israel e Judá (principalmente das 10 tribos no norte de Israel) e Deus ordenou-lhe casar com uma prostituta que daria para ele filhos de outros homens para que ele pudesse ser um exemplo vivo de que os israelitas estavam fazendo com ele. E Oseias fez exatamente isso sabendo do que aconteceria. De novo, sempre nos distraímos com o fato de que somos os adúlteros na história e nos esquecemos do marido que se manteve fiel a sua esposa e nunca desistiu. Então, seguindo na história, Oséias se casa com a prostituta e várias vezes ela sai e o trai, dando a ele três filhos de adultério. Oséias poderia ter validamente se divorciado de sua esposa sob a Lei, só que isso era algo que ele simplesmente não podia fazer.

Apesar da angústia que sentia, Oseias continuou a amar Gomer. Isso era muito incomum. Oséias tinha sido chamado por Deus para demonstrar tanto a dor pessoal do Senhor quanto a sua fidelidade absoluta. Oséias demonstrou o caráter de Deus em seu compromisso de fidelidade pela sua esposa prostituta.

Nós não sabemos quantos anos Oseias viveu dessa maneira, rejeitado e sentindo uma dor agonizante, mas ele continuou a amar Gomer. E em Oseias 3.1, após anos de infidelidade, Deus disse ao profeta: "Vai, mostra seu amor para sua esposa novamente, embora ela

seja amada por outro e seja uma adúltera. Ame-a como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles se voltem para outros deuses". Seguindo as instruções de Deus, o profeta foi e achou Gomer. Ela aparentemente tinha sido forçada finalmente a se vender. Assim Oséias pagou o preço para comprar ela de volta, o preço de uma escrava, e depois a levou para casa para viver mais uma vez com ele.

O amor é mais do que uma emoção superficial de afeto, é uma escolha, uma decisão, um ato intencional da vontade. Se Oseias poderia amar uma prostituta, e se Deus pode amar pecadores como nós, nós maridos estamos sem desculpa para amar nossas esposas.

Eféios 5.25-30: E vocês, maridos, amem suas esposas como Cristo amou a igreja e se entregou por ela, **26** para fazê-la santa, purificando-a por meio da lavagem da água com a palavra. **27** Ele fez isso para que ela fosse apresentada a si mesmo como igreja gloriosa, sem manchas, nem rugas ou qualquer outro defeito, mas santa e sem culpa. **28** Da mesma maneira, os maridos devem amar suas esposas como amam seus próprios corpos. O homem que ama sua esposa ama a si mesmo. **29** Pois ninguém jamais odiou seu próprio corpo. Pelo contrário, alimenta e cuida dele com amor, assim como Cristo cuida do seu corpo, a igreja. **30** E nós somos membros do corpo dele. **31** Como dizem as escrituras: "Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne". **32** Isso é um grande mistério, porém, estou falando a respeito de Cristo e da igreja. **33** Portanto, que cada homem ame sua esposa como a si mesmo, e que cada esposa respeite seu marido.

Se alguém tinha um "direito" de queixar-se sobre o seu casamento e buscar uma saída, era Oseias. No entanto, ele permaneceu fiel, perdoou e amou sua esposa. Oseias foi ordenado por Deus a amar e perdoar Gomer quase 3.000 anos atrás. Desde então, espera-se que inúmeras gerações de homens e mulheres façam o mesmo como ordenado pelas Escrituras, pela Igreja primitiva e, pessoalmente, pelo Espírito Santo. Como Stephen Wilcox tem falado: "Deus não faz acepção de pessoas, e não tem padrões flexíveis e irresolutos que dobram a conveniência ou acomodem as nossas preferências alternativas. Ele não tem concedido a esta geração de cristãos adúlteros uma anistia geral para quebrar suas leis de casamento. Ele também não deu a qualquer um a indulgência pessoal de divorciar e recasar com outro, não obstante nossos pensamentos desejem o contrário".¹⁵

Capítulo 9 - Dois Pontos de Vista

Casamento é provocado por: 1) o compromisso de duas pessoas, uma a outra, para a vida, significa deixar pai e mãe e se apegar ou se unir uma a outra. A palavra hebraica *dabaq*, em Gênesis 2.24, quer dizer “para permanecer, aderir, ser colada firmemente”; e 2) o ato de Deus pelo qual ele une os dois como um (“aqueles a quem Deus juntou” em Mateus 19.6).

A questão fundamental é esta: O vínculo conjugal está irrevogavelmente e, por natureza indissolúvel, ou apenas idealmente indissolúvel?

Existem basicamente apenas dois pontos de vista evangélicos a respeito do divórcio.

1. O ponto de vista da “Permanência”: Divórcio nunca é permitido.
2. O ponto de vista “Permissivo”: Existem cláusulas de exceção que permitem o divórcio.

O ponto de vista da Permanência:

O ponto de vista da Permanência sustenta que a Bíblia não permite o divórcio ou recasamento em qualquer caso. Nem adultério, nem deserção, nem qualquer outro pecado pode justificar a dissolução do vínculo conjugal. Na verdade, o vínculo conjugal é inerentemente indissolúvel. Apesar de um marido e uma mulher poderem obter uma certidão de divórcio do estado e, posteriormente, buscar outros relacionamentos, talvez até mesmo um novo casamento, de acordo com este ponto de vista eles estão cometendo adultério na medida em que a sua aliança conjugal original está, aos olhos de Deus, ainda em vigor.

Esta visão é menos popular entre os evangélicos por razões óbvias. Na nossa busca incansável pela felicidade, tomamos posturas que não mais valorizam a instituição do casamento, como uma vez foi valorizada, e facilmente descartamos aquilo que impede o nosso bem-estar.

A objeção a este ponto de vista é que alguns acreditam que a Bíblia permite o divórcio e recasamento em determinadas circunstâncias. Os opositores a esta visão citam duas passagens principais para fundamentar a objeção deles: Mateus 19.1-12 e 1 Coríntios 7.15; a suposta cláusula de exceção declarada por Jesus e os conselhos de Paulo a respeito do abandono de um não crente. Os defensores deste ponto de vista sustentam a ideia de que a intenção original de Deus é que o casamento seja um compromisso de vida entre duas pessoas, sendo que a aliança de casamento é um espelho para o relacionamento de Cristo com a Igreja, tornando-se uma instituição inquebrável.

O ponto de vista Permissivo:

Esse ponto de vista reconhece o caráter sagrado do casamento, mas dá fundamento para o divórcio quando há apoio bíblico claro para tal ação. O complicado é que ainda estando no mesmo campo que permite o divórcio, nem eles concordam em quais seriam as circunstâncias segundo a Bíblia para permitir isso. Assim existem duas formas deste ponto de vista: a primeira fala que divórcio é permissível somente no caso de adultério e a segunda fala que é permissível no caso de adultério e abandono.

Aqueles que argumentam que divórcio é permissível só no caso de adultério apelam para palavras de Jesus em Mateus 19.9 citando a cláusula de exceção: a “imoralidade sexual”. Assim eles ensinam que Jesus permite o divórcio em caso de adultério.

Aqueles que argumentam em favor do divórcio sendo permissível não só no caso de adultério, mas também no caso de abandono apelam para Paulo em 1 Coríntios 7.15: “Mas se o marido ou esposa que não é crente quiser se separar, então que se separe. Em tais casos o marido cristão ou esposa cristã não está obrigado a ficar com eles, pois Deus nos chamou para viver em paz”, dizendo que ele afirmou que a parte inocente é livre para recasar se o abandono de um cônjuge incrédulo é a causa do divórcio. Esta é a opinião popular entre os cristãos evangélicos hoje.

E assim entramos numa outra divergência nesse campo, se alguém pode se divorciar, pode se casar novamente? Aqui, de novo, temos várias posições. Uma reconhece que, enquanto o divórcio por adultério é permitido, o novo casamento não é. Este ponto de vista foi a posição da maioria dos “pais” da igreja primitiva. Outra fala que o divórcio é permitido no caso de adultério e de abandono, mas assim como os “pais” da igreja primitiva, o novo casamento não é. E ainda outra insiste que se o divórcio é uma vez admissível, assim também é o novo casamento.

Aqueles que defendem a posição do recasamento depois de um divórcio devido adultério falam que no Antigo Testamento adultério era punível com a morte e a parte inocente seria, assim, livre para se casar depois de seu cônjuge morreu. Agora, o Novo Testamento dá graça aos culpados, mas isso não prende a parte inocente a uma vida de miséria sendo que ela sofreu sem culpa. Assim é argumentado que o adultério rompeu o pacto conjugal e a parte inocente é livre para se casar novamente.

Ainda que nós falássemos que existem dois pontos de vista evangélicos a respeito do divórcio, a verdade é que dentro desses dois temos variações, as quais abordaremos mais tarde. Mas, por enquanto, falaremos só das duas posições, “permanência” e “permissiva”. Obviamente as duas não podem ser corretas, então como podemos saber qual é o correto? Vale a pena lembrar de que devemos olhar para as Escrituras e fazer o nosso melhor em basear as nossas conclusões no que está escrito e não em bons argumentos ou sentimentos pessoais.

Quando falamos do que está escrito na Bíblia em relação a divórcio e recasamento, a primeira coisa que temos que reconhecer é que não há uma única passagem “explícita” em todo o Novo Testamento que diz que uma pessoa pode se divorciar, ou que qualquer um pode se casar novamente depois de um divórcio. As pessoas ficam surpresas ao ouvir este fato porque elas foram levadas a acreditar que as Escrituras dizem claramente que podem se divorciar debaixo de certas circunstâncias e que o divórcio os livra para recasar. A verdade é que há passagens que muitos líderes da igreja interpretam que você pode divorciar-se por uma razão ou outra, e há passagens que alguns teólogos declaram que dá para entender que alguém pode se casar novamente depois de um divórcio, mas não há um único versículo em todo o Novo Testamento que realmente diz que você pode se divorciar ou casar novamente.

Mas antes de declarar um ponto de vista correto e outro errado, vamos em frente para discutirmos as ideias “baseadas” nas Escrituras, cientes do fato de que em nenhum lugar nelas há algo explícito.

Capítulo 10 – A conversa com os fariseus e a resposta inesperada.

Inevitavelmente, em qualquer discussão sobre o assunto do divórcio, a passagem em Mateus capítulo 19 é referenciada. Eu peço que se leve algo em consideração a esse texto: que você deixe de lado tudo o que lhe foi ensinado sobre o que Mateus capítulo 19 diz e que leve em consideração o que ele realmente diz. Leia-o no contexto, sem ideias preconcebidas sobre ele. Se fizer isso, estou convencido de que não haverá dúvida sobre o que ele declara e o que ele não declara.

Mateus 19.1-6: Quando Jesus acabou de dizer estas coisas, ele deixou a Galileia e foi para a região da Judeia, no outro lado do rio Jordão. **2** Grandes multidões o seguiam, e ali ele curou os doentes. **3** Alguns fariseus se aproximaram dele e o colocaram à prova, perguntando: “É permitido pela lei um homem se divorciar da sua esposa por qualquer motivo?” **4** Jesus respondeu: “Vocês não leram nas Escrituras que aquele que os criou, desde o começo, os fez homem e mulher? **5** E que disse: ‘Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne’. **6** Assim, não são mais duas, mas sim uma só carne. Não deixem ninguém separar o que Deus juntou”.

Agora, vamos falar um pouco do que estava acontecendo para melhor entender a situação. Os fariseus vêm a Jesus para colocá-lo à prova. Mas por quê? Qual foi a intenção deles? Isto é importante, pois sem entender as suas intenções podemos chegar a conclusões totalmente erradas. Então, naquela época existiam duas escolas ou grupos principais de fariseus: a escola de Hilel e a escola de Shamai. Aqueles da escola de Shamai ensinavam que o divórcio só era permitido quando havia imoralidade sexual, ou adultério, envolvido. A escola de Hilel era da opinião de que o divórcio era permitido se o marido estivesse insatisfeito com sua esposa - até se, por exemplo, ela tiver queimado o jantar dele uma noite!

Agora, entenda isso, quando os fariseus vêm ao Senhor fazer esta pergunta, eles já creem que o divórcio é legítimo. Eles nem sequer pensaram na possibilidade de o divórcio ser proibido. Os fariseus todos concordavam que o divórcio era permitido, mas discordavam entre si sobre o que era uma razão aceitável para o divórcio. Na verdade, os fariseus queriam que Jesus escolhesse um lado. Qual escola dos fariseus estava certa?

Então, os fariseus, no contexto da prática amplamente aceita da sociedade sobre divórcio e recasamento, perguntaram a Jesus: “É permitido pela lei um homem se divorciar da sua esposa por qualquer motivo?” Qualquer motivo? Aqui você vê a maldade deles na conversa. É uma pergunta vazia, pois eles já sabem que a lei de Moisés disse que alguém poderia se divorciar por “ter encontrado algo ofensivo” na sua esposa. Nunca era por “qualquer motivo”. Eles perguntaram isso para tentar prender Cristo em suas palavras,

para confrontá-lo e o acusá-lo de negar Moisés. Eles já sabiam o que Jesus ia responder, e assim já estavam prontos para a resposta dele.

Jesus poderia ter facilmente respondido: "Não, você só pode se divorciar por imoralidade sexual". Mas obviamente não foi isso o que ele disse quando afirmou claramente que o casamento é um vínculo inquebrável. Três vezes (em Mateus, Lucas e Marcos) este episódio é registrado, e apesar de que a resposta esperada pelos fariseus fosse muito fácil de ser dito, nenhuma vez Jesus correspondeu às expectativas deles. Nenhuma vez Jesus disse: "Não, você só pode se divorciar se tiver encontrado algo ofensivo na sua esposa". E muito menos: "Você só pode se divorciar por imoralidade sexual ou abandono". Observe que o que ele de fato respondeu foi exatamente o oposto daquilo que foi esperado. Ele inequivocamente reafirmou que a aliança de casamento é para a vida "até que a morte nos separe". Orientando-os à lei da criação de Deus, declarando que a união de dois para formar "uma só carne" significa que não há mesmo qualquer coisa que possa separá-los, porque eles já não são dois, mas foram feitos um.

“É permitido pela lei um homem se divorciar da sua esposa por qualquer motivo?”

Agora vamos olhar um pouco mais fundo a resposta de Jesus e ver que ela foi simples e ao mesmo tempo muito impressionante. "Vocês não leram?" Ou melhor: o que a Bíblia diz? Quantos hoje estão dispostos a comparecer perante o ensino das Escrituras em resposta à questão de saber se o divórcio e o recasamento são lícitos ou não? Jesus imediatamente aponta-nos para as Escrituras e, por si, elas fornecem a resposta autoritária e definitiva. Então Jesus diz: "O que diz o ensino das Escrituras do Antigo Testamento quanto à questão que vocês apresentaram a mim?" E então ele cita a partir do segundo capítulo de Gênesis. "Vocês não leram nas Escrituras que aquele que os criou, desde o começo, os fez homem e mulher? E que disse: 'Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne' ". Isso é a Escritura. E, portanto, Jesus destaca a conclusão inevitável: "Assim, não são mais duas, mas sim uma só carne. Não deixem ninguém separar o que Deus juntou".

Quando o Senhor falou as palavras, "não deixem ninguém separar", ele usou uma proibição imperativa. Há dois tipos de proibições encontrados na língua grega. A proibição subjuntivo *aoristo* que é usada para proibir uma coisa de antemão e a proibição imperativa presente que proíbe a continuação de um ato já acontecendo. Uma vez que é este segundo tipo de proibição encontrada em nosso versículo, podemos ver que o Senhor não estava simplesmente declarando de antemão a algum indivíduo, "Você nunca deve obter um divórcio", ele estava dizendo que os homens devem parar de se divorciar das suas esposas; algo que já estava acontecendo. Ou seja: "A partir de agora, parem de se divorciar das suas esposas!" Jesus naquele momento estava encerrando um preceito temporário e civil que existia debaixo da dispensação do Antigo Testamento (Deuteronômio 24.11).

Jesus estava falando que casamento é uma instituição divina; um vínculo que só Deus estabelece. E é importante que nós compreendêssemos claramente o significado disso. Ao apontar-nos de volta para a instituição do casamento, tal como estabelecido pelo próprio Deus, Jesus estava dizendo que o próprio Deus está envolvido no vínculo matrimonial. Deus os uniu. O casamento não começa com o homem. Casamento não é simplesmente o estabelecimento daquilo que um homem e uma mulher desejam. Adão e Eva não descobriram o casamento por si mesmo. A origem do casamento, de cada casamento, está em Deus, e, portanto, Deus governa sobre ele; Deus determina o que é; Deus determina a sua duração e a sua permanência.

Deus mesmo une um homem e uma mulher num relacionamento exclusivo, no qual os dois se tornam uma só carne, unidos permanentemente um ao outro. A permanência desse relacionamento exclusivo do casamento é a ênfase em sua própria instituição. Portanto "não deixem ninguém separar o que Deus juntou". Que nenhum homem venha e reivindique uma autoridade maior do que a daquele que estabeleceu o casamento como um vínculo inquebrável. Que ninguém tente aniquilar a declaração de Jesus: "O que Deus juntou, não deixem ninguém separar".

Jesus aqui estabelece a doutrina cristã fundamental a respeito de casamento. Claramente ele está respondendo a pergunta deles, retrucando: "Vocês não sabem que as Escrituras declaram que não é possível separar o que foi unido pela aliança de casamento diante de Deus?" Eles fizeram uma pergunta a Jesus e ele a respondeu. Não há nenhuma possibilidade de separação, porque eles são unidos por Deus e se tornaram "uma só carne"; isto é, eles já não são dois indivíduos autônomos e separados, mas são como um. Em ambos os versículos, 5 e 6, de Mateus capítulo 19, Deus está ilustrando que o casamento é uma união indissolúvel diante dele, e dá o aviso: "Não deixem ninguém separar o que Deus juntou". O que poderia ser mais claro?

A Palavra de Deus: "Não deixem ninguém separar o que tem sido, por ele, unido em matrimônio", é verdadeira e confiável e não pode ter se tornada falsa por alegar que outro versículo a tornou sem efeito. Que parte do mandamento está escrito de forma ambígua que os cristãos não podem entendê-lo?

Então o que temos aqui? Os fariseus perguntaram a Jesus se podia haver divórcio legal por qualquer razão, e Jesus respondeu e deixou bem claro que a resposta é não. Não pode haver divórcio. E para dar ênfase, ele os direciona para o plano original do casamento no início da criação em Gênesis. Então, de acordo com a instituição da aliança de casamento estabelecida por Deus em Gênesis 2.18-25, o que é unido em casamento diante de Deus faz os dois uma só carne. O retrato que Jesus pinta é que a doutrina de uma só carne explicitamente liga os dois juntos de uma maneira que é impossível separá-los. Pode uma pessoa ser dividida e tornar-se duas pessoas? Claro que não. Assim, o que Deus está querendo deixar claro é que esta separação dos dois é impossível. Se Deus é o árbitro da verdade, declarando que um homem e uma mulher se tornam uma só carne no vínculo indissolúvel do matrimônio, então o casamento é inalterável. Assim, pelas próprias

palavras de Jesus, entendemos que a própria natureza da aliança do matrimônio proíbe qualquer divórcio ou recasamento.

“É permitido pela lei um homem se divorciar da sua esposa por qualquer motivo?” A resposta de Jesus foi clara: NÃO, por nenhum motivo.

Capítulo 11 – Um apelo ao Antigo Testamento para divórcio.

Mateus 19.3-6: Alguns fariseus se aproximaram dele e o colocaram à prova, perguntando: “É permitido pela lei um homem se divorciar da sua esposa por qualquer motivo?” **4** Jesus respondeu: “Vocês não leram nas Escrituras que aquele que os criou, desde o começo, os fez homem e mulher? **5** E que disse: ‘Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne’. **6** Assim, não são mais duas, mas sim uma só carne. Não deixem ninguém separar o que Deus juntou”.

Sem dúvida nenhuma, os fariseus entenderam a resposta de Jesus perfeitamente. Notem que é exatamente por isso que eles perguntaram no próximo versículo: "Então, por que Moisés mandou o homem escrever para sua esposa uma carta oficial de divórcio e mandar ela embora?" (Mateus 19.7)

Nesse versículo, eles se referem a Deuteronômio 24.

Deuteronômio 24.1-4: Suponham que um homem casa-se com uma mulher, mas depois ela não lhe agrada. Tendo encontrado algo ofensivo nela, ele escreve a ela uma carta de divórcio, lhe entrega nas mãos e a manda embora de sua casa. **2** Quando ela sair de sua casa, ela será livre para casar com outro homem. **3** Mas se o segundo marido também a rejeitar e escrever a ela uma carta de divórcio, lhe entrega nas mãos e mandá-la embora de sua casa, ou se o segundo marido morrer, **4** o primeiro marido, que a mandou embora, não poderá casar-se com ela de novo, visto que ela foi contaminada. Isso seria detestável ao SENHOR. Não tragam pecado sobre a terra que o SENHOR, seu Deus, está lhes dando por herança.

Quando lemos esta passagem, parece que ela contradiz as palavras de Jesus que diz que não pode haver divórcio por nenhuma razão. Os fariseus, sabendo que a lei disse que um poderia se divorciar por certa imoralidade, estavam colocando Jesus à prova, perguntando se não podia haver divórcio por qualquer motivo. Jesus respondeu direcionando-os para o Antigo Testamento, mostrando que não deve haver divórcio por qualquer motivo, porque "desde o começo" o plano original do casamento era de que o homem não pode separar o que Deus uniu. E eles, entendendo que isso é o que ele estava dizendo, acharam que tinham “pegado-O” e, imediatamente, lançaram a pergunta: “Por que então a lei de Moisés diz que poderíamos obter uma carta de divórcio?”

Eles sabiam que Jesus estava dizendo a eles que não podiam se divorciar por imoralidade sexual ou “algo ofensivo”, e eles estavam contrariando a resposta de Jesus com a lei de Moisés, na qual foi escrita que um homem "poderia" se divorciar por imoralidade sexual ou “algo ofensivo”. Em outras palavras, eles estavam protestando: “Se você fala que nós não podemos nos divorciar por nenhuma razão, por que Moisés falava que podíamos se

encontrássemos ‘algo ofensivo’? Você é maior que Moisés?” No entanto, Jesus não é dissuadido pela pergunta deles sobre a lei de Moisés, e tem a resposta para isso também.

Mateus 19.8: Jesus respondeu: “Por causa da dureza dos seus corações, Moisés permitiu que vocês se divorciassem das suas esposas, mas não foi assim desde o começo”.

Agora, existem algumas coisas que precisamos observar na resposta de Jesus. Em primeiro lugar, ele aponta enfaticamente que Moisés nunca ordenou o divórcio como os fariseus alegaram em versículo 7: "Então", perguntaram eles, “por que Moisés mandou o homem escrever para sua esposa uma carta oficial de divórcio e mandar ela embora?”. Em segundo lugar, ele afirma mais uma vez que divórcio nunca foi o plano original: “não foi assim desde o começo”.

Jesus não aponta falhas em Moisés, mas ele aponta a dureza do coração dos israelitas como a culpada do posicionamento de Moisés. E isto é um ponto de ênfase aqui, a concessão de Moisés era por causa da dureza do coração deles, era uma concessão que não estava de acordo com o que Deus estabeleceu no início, pois “não foi assim desde o começo”. Alguém que recorre a este sofrimento de Moisés em apoio à prevalência perversa do divórcio e do novo casamento revela sua dureza de coração contra a instituição divina de Deus e o vínculo sagrado e indissolúvel do casamento, justificando a acusação de Jesus aos fariseus: "Por causa da dureza dos seus corações". Os corações deles eram tão duros quanto os dos israelitas com quais Moisés tinha que lidar.

Entenda, Moisés não ordenou que o divórcio fosse feito; ele não o tornou legítimo; ele não o desculpou; ele o tolerou. Ele permitiu o que estava errado. Moisés deu permissão para que houvesse divórcio em algumas circunstâncias e, em prol da ordem da sociedade, deu legislação específica para isso. Mas ele fez isso “por causa da dureza dos seus corações”. Existe em Deuteronômio 24 um elemento que condena os filhos de Israel por violarem a ordem divina de Deus sobre o casamento.

Deuteronômio 24 revela o que Moisés observou estar acontecendo entre alguns dos israelitas de coração duro. Eles estavam se divorciando de suas esposas, mas não por adultério. A lei do Antigo Testamento ordenava que a adúltera fosse apedrejada até a morte. Então esta não era uma questão de adultério. Os homens estavam se divorciando de suas esposas porque havia algo nelas que não os satisfazia. Eles eram tão duros de coração para com a Palavra de Deus e para com a instituição sagrada do casamento, que eles estavam se divorciando de suas esposas numa tentativa de encontrar liberdade para procurar satisfação numa outra mulher.

O que Moisés realmente disse foi: "Se você é tão perverso a ponto de se divorciar de sua mulher por causa de algo nela que não mais o satisfaz ou que é desagradável aos seus olhos, então, eu vou torná-lo menos fácil para você. Você não pode simplesmente jogar fora sua esposa. Você não pode simplesmente sair de seu casamento. E não só isso, mas quando você se divorciar dela, vou fazer com que seja impossível você tê-la de volta, caso ela se case com outro. Não haverá reconciliação. Se você descobrir que a sua grama é,

afinal, mais verde do que a do outro lado da cerca, você não poderá voltar às pastagens agradáveis daquela que Deus lhe deu no início”. O segundo casamento se desfaz o primeiro casamento de maneira que é irreparável. Deus diz que uma vez que o segundo casamento foi consumado, o primeiro casamento nunca pode ser reconstituído. “Isso seria detestável ao SENHOR”.

O mandamento de Moisés era somente um regulamento para a ordem da sociedade e, particularmente, para a proteção das mulheres. Não foi uma bênção para o divórcio. Foi algo que ele achou necessário por causa da dureza de seus corações.

Deuteronômio 24.1: Suponham que um homem casa-se com uma mulher, mas depois ela não lhe agrada. Tendo encontrado algo ofensivo nela, ele escreve a ela uma carta de divórcio e entrega na mão dela, e a manda embora de sua casa.

Segundo John Murray: “Uma carta oficial de divórcio foi dada para restringir o despedimento frívolo, impensado e rápido da esposa”.¹⁶ Ela foi um impedimento para o divórcio, não um incentivo para ele. Pois se o homem fez uma decisão precipitada por causa de algum problema com sua esposa, então esta concessão exigiu que ele não pudesse mais tarde recasar com ela se ela tinha sido casada com outro homem, ainda que ela se divorciasse dele ou fosse uma viúva. A ‘carta oficial’ era a prova de que ela não era uma adúltera, pois adúlteras deveriam ser apedrejadas. Em vez disso, seu divórcio foi devido aos impulsos de seu marido. A ‘carta oficial’ a protegia de críticas e abusos e a liberava para casar com outro”.

Deuteronômio 24.2-4: Quando ela sair de sua casa, ela é livre para casar com outro homem. **3** Mas se o segundo marido também a rejeitar e escrever a ela uma carta de divórcio e entregar na mão dela, e a mandar embora de sua casa, ou se o segundo marido morrer, **4** o primeiro marido, que a mandou embora, não poderá casar-se com ela de novo, visto que ela foi contaminada. Isto seria detestável ao SENHOR. Não tragam pecado sobre a terra que o SENHOR, seu Deus, está lhes dando por herança.

Se o homem mandasse a sua esposa embora e ela se casasse com outro, não tinha mais reconciliação para seu casamento. Já era. Não tem a quem recorrer. Por quê? Porque ela foi contaminada e para os dois recasarem seria “detestável ao SENHOR” e traria “pecado sobre a terra”.

O que resta, então, é a pergunta: como é que a mulher ficou contaminada? Foi o casamento da mulher com outro homem depois do seu divórcio que causou contaminação à mulher. Deve-se notar que não era o sexo com o segundo marido que contaminou a mulher, mas sim o casamento com o segundo marido que a contaminou. Isso é demonstrado pelo fato de que muitas pessoas casadas caem em adultério e são recebidas de volta pelos seus cônjuges. Por exemplo, Oséias recebeu Gomer de volta após seus adultérios públicos. Aquele tipo de adultério físico não contaminou o cônjuge que traiu o outro. Mas fazer uma nova aliança de casamento é uma profanação do tipo que impede a

reconciliação. Alianças de casamento e fidelidade no relacionamento são mais estimadas por Deus do que a fidelidade sexual. Infidelidade sexual (adultério físico) pode ser perdoada pelo marido durante uma reconciliação, mas um relacionamento desleal e adúltero de um segundo casamento se opõe totalmente à reconciliação.

Olhando para o caso em Deuteronômio 24, se nenhum dos cônjuges tivesse casado novamente, o marido e a mulher estavam livres para perdoar um ao outro os seus pecados passados e se reconciliar, assim como muitos casais fazem hoje. No entanto, uma vez que qualquer um tenha recasado, aquele se torna "contaminado". Tendo sido contaminado desta forma, eles estão proibidos para sempre pela lei do Antigo Testamento a reconciliar-se como um casal.

Mas, se a mulher, como Jesus falou, é culpada de adultério por ter recasado? “E se uma mulher se divorcia do seu marido e casa com outro, ela comete adultério”. Como isso se encaixa na lei de Moisés? Pois se nós lembrarmos bem, adultério sempre foi resolvido com pedradas, isto é, a mulher era morta.

Agora nós temos que entender um pouco sobre a história da Lei e da nação de Israel. Deus criou a nação de Israel e deu a eles uma lei formalmente apresentada através de Moisés depois do êxodo do Egito. Esta lei tinha muitas facetas, mas precisamos entender dois aspectos importantes.

As Facetas Morais da Lei

Primeiro, a Lei descreveu o pecado. Ela definiu para o homem o que Deus considerou espiritualmente ofensivo, pelo que os homens arrependidos teriam de orar a Deus pedindo a sua misericórdia. Assim ela foi uma lei moral, mas também espiritual. Como uma lei espiritual, ela descreveu a santidade e as atividades espirituais com que Deus se agradava. Um exemplo de pecado, uma violação das facetas morais e espirituais da lei, era cobiçar os bens materiais de outra pessoa. Um exemplo de ato espiritual de santidade era a própria oração.

As Facetas Civis da Lei

Em segundo lugar, a Lei deu à nova nação uma lei civil completa com definições dos crimes e suas penalidades, protocolo de tribunal e sentenças para serem impostas ao culpado. O direito civil define as ofensas que o homem comete contra seu próximo e como ele deve recompensar o estado ou a vítima. Um exemplo de uma violação da lei civil é o roubo, para o qual a lei exigiu o reembolso do item roubado, acrescido da penalidade de um pagamento adicional, todos os quais deveriam ser devolvidos à vítima.

A maioria dos estudiosos reconhece que a Lei de Moisés diz que Deus impõe a pena de morte a todos os que cometem adultério (Levítico 20.10). No entanto, no caso do Deuteronômio 24, Moisés afirma que enquanto aquela que se casa novamente depois de um divórcio está contaminada por recasar e conseqüentemente por adultério e, portanto,

não pode retornar ao seu cônjuge original, porém ele não define uma penalidade civil para este pecado. Em nenhum lugar Moisés decreta que o adultério cometido por meio de divórcio e recasamento exige a pena de morte.

Esta falta de uma penalidade civil da morte é considerada como uma forma de "permissão". A condenação espiritual ainda permanecia e o perdão de Deus devia ser procurado, mas os adúlteros neste caso não eram executados.

Este mesmo tipo de situação em que nenhuma penalidade civil está ligada a um pecado é comum na cultura de hoje. Por exemplo, pense em alguém que mente para seu vizinho: "Opa, olha a hora. Eu tenho que ir, pois tenho muitas coisas para resolver", quando na verdade ele estava simplesmente entediado da conversa do seu vizinho e realmente não tinha lugar nenhum que precisava ir naquele momento. Tal pecado não tem nenhuma penalidade civil ligada a si. Então, se falarmos das leis da nossa nação, você tem a "permissão" do estado para mentir para o seu vizinho. Deus, por outro lado, chama isso de pecado e requer o seu arrependimento.

Vamos colocar de outra forma. Um policial observa sua conversa com seu vizinho e lhe pergunta: "Então, você mentiu para seu vizinho, hein?" E você responde, dizendo: "Sim, o que você vai fazer a respeito disso?" O policial diz: "Bem, na verdade, nada". E mais uma vez você responde, perguntando: "Ah, então você me permite mentir?" O policial resume dizendo: "Sim, eu tenho que permitir isso, porque não há nenhuma penalidade por fazê-lo, mas eu não aprovo, e Deus não aprova".

Simplesmente pela ausência de uma penalidade civil, uma ação pecaminosa é "permitida". Mas só porque uma ação pecaminosa é permitida pelo direito civil não significa que Deus ou qualquer outra pessoa aprova desta ação. O pecado não é anulado apenas porque nenhuma penalidade civil está ligada à sua comissão. Um pecado pode ser "permitido" por homens, mas ainda é pecado aos olhos de Deus. A lei espiritual ainda está em pleno vigor.

Moisés nunca aprovou o divórcio, ele o permitiu. Ele também nunca ligou a pena de morte ao novo casamento após um divórcio. Portanto, Jesus poderia afirmar com muita precisão que mesmo que Moisés e a Lei permitissem o divórcio e o novo casamento, ainda assim eles são um pecado odiado por Deus.

Por que Deus dirigiu Moisés a dar a esta forma de adultério isenção da penalidade civil enquanto a outras formas de adultério foram dadas a sentença de morte? A única resposta que temos é a própria explicação de Jesus, "Por causa da dureza dos seus corações, Moisés permitiu que vocês se divorciassem das suas esposas, mas não foi assim desde o começo". Em outras palavras: porque vocês estavam irremediavelmente pecando neste assunto, Deus teve misericórdia de suas próprias vidas, mas desde o começo ele nunca quis que vocês se comportassem desta forma vergonhosa.

Quantas vezes nós confundimos a misericórdia de Deus para conosco e para com o nosso próprio desejo com uma licença para pecar? Imagine se cada pessoa divorciada que recasou for condenada à morte pelo governo. Quantas pessoas seriam mortas? Deus foi misericordioso quando omitiu uma penalidade civil para um novo casamento, mas isso não quer dizer que não é um pecado contra a lei espiritual ou que Deus aprova tal prática. Os homens erram ao pensar que a falta de uma punição imediata infere a aprovação de Deus.

Cristo diz: “Sim, Moisés relutantemente permitiu o divórcio, mas desde o começo isso nunca foi o plano de Deus”. Então, como as palavras de Jesus aprovam o divórcio por causa de imoralidade sexual? A permanência da aliança de casamento está implícita no plano original da ordenança da criação de um homem e de uma mulher. E é esta união vitalícia que Cristo claramente reafirmou ao dizer que eles agora são uma só carne e que, portanto, “não deixem ninguém separar o que Deus juntou”. Claramente e inequivocamente, Cristo está nos levando de volta ao que é a vontade de Deus para o casamento.

É, sei que é redundante, mas nós temos que abordar isso sistematicamente. No versículo 6 Jesus lhes diz que desde o princípio as pessoas unidas em casamento não foram consideradas duas, mas uma só carne, ou seja, inseparáveis. E então o que Deus juntou, não deixe ninguém separar. Mas a forma como pastores e teólogos entendem este versículo hoje faz a declaração de Cristo absolutamente sem sentido. No versículo 7 os fariseus ficaram impressionados com esta "visão de permanência" e perguntaram: “Então, por que Moisés falou que poderíamos dar uma carta de divórcio e divorciar, se não pode haver divórcio por qualquer motivo?” É claro que os discípulos e estes fariseus entenderam que Cristo estava dizendo que não podia haver divórcio. Pois se eles não entenderam assim, por que então eles trouxeram à discussão a lei de Moisés que dizia que podiam se divorciar apenas para desafiar o que Jesus disse? E no versículo 8 Jesus explica para eles porque aquela lei permitiu divórcio por “algo ofensivo”. Foi por causa da dureza dos seus corações que foi permitido, porque vocês estavam obstinados, mas no começo não era assim e não era para ser assim. Foi somente por causa da dureza de seus corações.

Como alguém sendo honesto consigo e lidando de uma maneira honrosa com as Escrituras pertinentes pode reivindicar que Jesus está dizendo: "Sim, divórcio usando esta lei ainda é permitido"? Isso não faz sentido e vai além da lógica. Jesus está claramente dizendo que não é para ser mais assim. Apenas alguém com sua mente já decidida sobre o divórcio iria afirmar que Jesus está reafirmando a lei de Moisés para o divórcio por imoralidade sexual naquele versículo.

Três coisas devem ser ditas sobre Deuteronômio 24 para terminar essa parte: em primeiro lugar, Moisés não estava aprovando o divórcio, mas simplesmente reconhecendo que muitos divórcios estavam acontecendo. Uma leitura cuidadosa da passagem mostra isso. E é por isso que Jesus disse que "Moisés permitiu isso". Ele não aprovou isso, mas “permitiu”. Em segundo lugar, esta foi a exceção no Antigo Testamento, certamente não a regra. Desde o começo a palavra era "nenhum divórcio", como Jesus falou: “não foi assim

desde o começo”. Divórcio, tanto naquela época quanto agora, é uma saída do plano original para o casamento. Era uma concessão, não um mandamento. Se houver divórcio, não é porque Deus quis que fosse assim, mas porque homens são pecadores de corações duros. Em terceiro lugar, temos de ver que Deuteronômio 24 não era uma palavra definitiva a respeito do divórcio.

À luz do ensinamento de Jesus, em Mateus 19.9, como alguém pode apelar para Deuteronômio 24 para apoiar o divórcio? Estar além de razão!

Capítulo 12 - A Suposta Cláusula de Exceção

Finalmente chegamos ao grande campo de batalha; o lugar onde todos que querem defender o divórcio puxam as suas espadas e lutam até a morte. Aqui é a desculpa, a fuga, a justificação “bíblica” para acabar com um relacionamento difícil e quebrado.

Mateus 5.32: Mas eu digo que um homem que se divorcia de sua esposa, a não ser por imoralidade sexual, faz ela cometer adultério. E quem casar com ela também comete adultério.

Mateus 19.9: E eu falo a vocês que quem se divorciar de sua esposa, a não ser por causa de imoralidade sexual, e se casar com outra, comete adultério.

Infelizmente muitos, indevidamente, usam Mateus 5.32 e 19.9 como uma desculpa para o divórcio, como permitindo também um segundo casamento por parte da pessoa inocente. O que nós temos que ver primeiramente é que quando os fariseus perguntaram sobre se podia se divorciar por “qualquer motivo” Jesus não respondeu: “E eu falo a vocês que quem se divorciar de sua esposa, a não ser por causa de imoralidade sexual, e se casar com outra, comete adultério” como muitos dizem. Quando Jesus disse essa frase, ele não estava respondendo nenhuma pergunta. Ele respondeu a primeira pergunta deles com: “Vocês não leram nas Escrituras que aquele que os criou, desde o começo, os fez homem e mulher? E que disse: ‘Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne’. Assim, não são mais duas, mas sim uma só carne. Não deixem ninguém separar o que Deus juntou”. A resposta à pergunta sobre o divórcio por “qualquer motivo” foi que, diante de Deus, não há nenhum motivo para que os que ele juntou se divorcie. Depois quando os fariseus se referiam a lei de Moisés para contrariar a resposta de Jesus, ele retrucou: “Por causa da dureza dos seus corações, Moisés permitiu que vocês se divorciassem das suas esposas, mas não foi assim desde o começo”. De novo, Jesus respondeu que Moisés permitiu divórcio, mas não era assim desde o começo e não deve ser assim hoje. Agora, cinco versículos e duas respostas depois da primeira pergunta, Jesus fala: “E eu falo a vocês que quem se divorciar de sua esposa, a não ser por causa de imoralidade sexual, e se casar com outra, comete adultério”.

Eu acho interessante e preocupante o descuido que tantos pastores têm com as Escrituras. Como alguém pode dizer que Jesus, respondendo aos fariseus, falou que podia se divorciar no caso de adultério? Esta não foi a resposta. Era algo extra que ele queria acrescentar. Jesus já tinha respondido a pergunta dos fariseus e fechou a porta na cara do divórcio e de qualquer esperança de que Deus aprova tal ato. Ainda assim isso não tira totalmente a confusão que cerca o versículo 9 de Mateus 19. Será que Jesus está agora liberando o que acabou de negar três versículos antes? “Não deixem ninguém separar o

que Deus juntou”. Ou será que ele está contrariando as outras Escrituras que falam contra o divórcio sem nenhuma suposta cláusula de exceção?

Marcos 10.11-12: E ele falou: “Qualquer homem que se divorcia da sua esposa e se casa com outra comete adultério contra sua esposa. **12** E se uma mulher se divorcia do seu marido e casa com outro, ela comete adultério”.

Lucas 16.18: Quem se divorciar de sua esposa e se casar com outra, comete adultério. E quem casar com a mulher divorciada também comete adultério.

Romanos 7.1-3: Meus irmãos, falo para vocês que conhecem a lei. Por acaso vocês não sabem que a lei só tem autoridade sobre o homem enquanto ele estiver vivo? **2** Por exemplo, uma mulher casada está ligada pela lei ao marido apenas enquanto ele estiver vivo; mas, se ele morrer, ela estará livre da lei do casamento. **3** Por isso, se ela viver com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, ela será chamada de adúltera. Mas se seu marido morrer, ela está livre daquela lei, e se ela casa com outro homem, ela não será adúltera.

1 Coríntios 7.39: Uma esposa está ligada a seu marido enquanto ele viver. Mas, se o seu marido morrer, ela estará livre para se casar com quem quiser, mas somente se ele pertencer ao Senhor.

Quando lemos esses versículos não há dúvida nenhuma do que está sendo falado. Somente quando lemos os versículos em Mateus achamos uma parte que não entendemos bem e a ela nós ficamos agarrados com a nossa esperança de poder se divorciar. A acusação de Jesus aos fariseus por seus corações duros pode ser aplicada a muita gente hoje. A Bíblia não se contradiz e quando pensamos que ela está se contradizendo, pode crer que o problema não está com a Bíblia, mas com o nosso entendimento e interpretação dela.

É interessante e importante notar que o único evangelho que registrou a “cláusula de exceção” foi Mateus. Nem Marcos nem Lucas a mencionam. Como entender e harmonizar estas narrativas sinóticas? O nosso primeiro passo é compreender a diferença existente no público-alvo de cada evangelista. Isso, certamente, nos ajudará a entender por que somente o Evangelho de Mateus traz a cláusula “a não ser por imoralidade sexual”. Mateus escreveu o seu evangelho tendo em mente um público predominantemente judaico, enquanto Marcos e Lucas, por sua vez, escreveram os seus evangelhos para públicos predominantemente gentílicos, isto é, os que não são judeus.

Agora vamos recapitular o que temos falado até agora para melhor abordar o assunto que está diante de nós (e para ajudar aqueles que pularam logo para esse capítulo a ficar por dentro da conversa).

Mateus 19.4: Alguns fariseus se aproximaram dele e o colocaram à prova, perguntando: “É permitido pela lei um homem se divorciar da sua esposa por qualquer motivo?”

Naquela época existiam duas escolas, ou grupos, principais de fariseus: a escola de Hilel, e a escola de Shamai. Os fariseus todos concordavam que o divórcio era permitido, mas discordavam entre si sobre o que era uma razão aceitável para o divórcio. Aqueles da escola de Shamai ensinaram que o divórcio só era permitido quando havia imoralidade sexual, isto é, adultério envolvido. A escola de Hilel era da opinião de que o divórcio era permitido se o marido estava insatisfeito com sua esposa; podia ter sido por qualquer coisa, banal ou não. Assim os fariseus queriam que Jesus escolhesse um lado. Qual escola dos fariseus estava certa?

A resposta de Jesus foi clara: “Vocês não leram nas Escrituras que aquele que os criou, desde o começo os fez homem e mulher? **5** E que disse: ‘Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne’. **6** Assim, não são mais duas, mas sim uma só carne. Não deixem ninguém separar o que Deus juntou” (Mateus 19.4-6). Isto é exatamente o que lemos em Marcos 10, Lucas 16, Romanos 7 e 1 Coríntios 7; consistência total.

Essa resposta surpreendeu os fariseus, pois eles tinham presumido que o divórcio era aceitável, e só queriam que Jesus especificasse as condições. No entanto, Jesus os parou bem no meio da armadilha deles: “Aqueles que Deus se juntou são uma só carne, e os homens têm que parar de separá-los!” Isto não era o que os fariseus esperavam ouvir, mas eles entenderam bem o que Jesus estava ensinando. Assim eles tentaram colocá-lo em contradição com as palavras de Moisés, o acusando de ter partido da lei de Deus dada por Moisés. “Jesus acabou de sustentar que o casamento é um vínculo inquebrável. Ele proibiu o divórcio. Ele se mostra, portanto, o inimigo da lei de Deus! Veja, temos exposto ele!” Assim pensaram os fariseus. E Jesus acaba com o argumento deles dizendo: “Por causa da dureza dos seus corações, Moisés permitiu que vocês se divorciassem das suas esposas, mas não foi assim desde o começo”. Mas uma vez reafirmando que o plano de Deus desde o começo nunca foi o divórcio e não deve ser agora. A permissão de Moisés foi uma exceção por causa da dureza dos seus corações, não à regra.

Presta atenção aqui, a questão não é a exceção. O ponto principal era manter a permanência do vínculo matrimonial e a condenação do divórcio. Nós temos que enfatizar isso, pois uma exceção não faz a regra. Tem vez que deixamos os nossos filhos voltarem para casa bem tarde porque estavam brincando na casa de um amigo, mas isso não quer dizer que eles podem voltar toda noite a partir daquele dia às duas horas da madrugada. Jesus já afirmou duas vezes qual era o plano original do casamento e até explicou o porquê da exceção, então não deve existir dúvidas aqui sobre o que Jesus estava falando a respeito do divórcio e sua posição totalmente contrária a ele. Assim, todo o propósito deste texto, em seu contexto, é reforçar o mandamento de não se divorciar.

Até agora nós não temos tocado na “cláusula de exceção”, a adenda à resposta de Jesus. Então, vamos lá. Todo o argumento a respeito da cláusula está baseado na tradução e entendimento da palavra grega *porneia*. Agora me deixe mostrar as versões diferentes e como elas têm traduzido a palavra *porneia* para melhor entender o que estou falando quando me refiro à “cláusula de exceção”.

Mateus 19.9: Eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua esposa exceto por **imoralidade sexual**, e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério. (*Nova Versão Internacional*)

Mateus 19.9: Portanto eu afirmo o seguinte: o homem que se separar da sua mulher, a não ser em caso de **adultério**, se tornará adúltero se casar com outra mulher. (*Nova Tradução na Linguagem de Hoje*)

Mateus 19.9: E eu lhes digo isto: Todo aquele que se divorciar de sua esposa, a não ser por causa de **infidelidade**, e casar-se com outra, comete adultério. (*Bíblia Viva*)

Mateus 19.9: E agora vos digo que todo aquele que se divorciar da sua mulher, salvo em caso de **infidelidade**, e se casar com outra, comete adultério. (*O Livro*)

Mateus 19.9: Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de **prostituição**, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério. (*Almeida Revista e Corrigida*)

Mateus 19.9: Eu, porém, vos digo: Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de **relações sexuais ilícitas**, e casar com outra, comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério]. (*Almeida Revista Atualizada*)

Mateus 19.9: Mas eu vos digo que aquele que se divorciar de sua mulher, a não ser por causa de **infidelidade**, e se casar com outra, comete adultério [e quem casar com a divorciada comete adultério]. (*Almeida Século 21*)

Mateus 19.9: Eu, porém, lhes digo: Se um homem se divorciar de sua esposa sem ser por motivo de **imoralidade sexual** e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério. (*Portuguese New Testament: Easy-to-Read Version - VFL*)

Mateus 19.9: E eu falo a vocês que quem se divorciar de sua esposa, a não ser por causa de **imoralidade sexual**, e se casar com outra, comete adultério. (*Versão Palavra Viva*)

Um das coisas que traz tanta confusão a essa discussão é que há muitas traduções que falam coisas diferentes e, dependendo da versão que você usar, você pode tirar uma conclusão totalmente diferente da de outra pessoa. E aqui entra a necessidade de estudo. Não para dizer que aqueles que mantêm um ponto de vista diferente do meu não tenham estudado, mas creio que foram influenciados pela própria tradução, pelos próprios preconceitos ou por uma leitura forçada. Os mais perigosos são aqueles que têm uma agenda ou razão pessoal para desculpar o divórcio, pois quando você quer achar uma exceção, achará, ainda que ela não exista. E infelizmente há muitas pessoas hoje que estão procurando uma maneira de justificar o que querem por meio da Palavra em vez de olhar para a Palavra. Assim eles prontamente aceitam qualquer explicação feita por teólogos que lhes agradam. Eles apostam todo o seu entendimento dos dois versículos de Mateus na compreensão, ou falta de compreensão, de uma única palavra. Mas nós faremos bem se basearmos a nossa compreensão em todas as palavras, no seu contexto

total, considerado toda a Bíblia e não apenas um versículo que gostamos, ou, neste caso, uma única palavra.

Agora, vamos lidar com essa exceção que o nosso Senhor mencionou duas vezes no livro de Mateus, "a não ser por imoralidade sexual". Mas vamos também entender que a "cláusula de exceção" deve ser entendida à luz da afirmação absoluta de Mateus 19.6: "Não deixem ninguém separar o que Deus juntou", especialmente desde que os versículos que seguem essa conversa com os fariseus, em Marcos 10 e Lucas 16, não contêm qualquer exceção a respeito de divórcio.

Muitos dizem que "imoralidade sexual" é sinônima de "adultério" e que os dois são usados alternadamente (isso nós vamos tratar mais tarde). Assim, eles dizem que Cristo quis dizer, em Mateus 19.9, que: "Quem se divorciar de sua esposa, a não ser por adultério, e casar com outra, comete adultério", isto é, "quem se divorciar de sua esposa por causa de adultério e casar com outra não comete adultério". Assim o casal era verdadeiramente "separado", o vínculo quebrado, mesmo aos olhos de Deus, por um ato de adultério. E com base nesta interpretação, eles permitem o divórcio e o recasamento nos casos em que o cônjuge cometeu adultério e dizem que Deus aceita o divórcio como uma declaração visível da realidade não visível, e por isso o novo casamento não é adultério. Permita-me mostrar duas razões pelas quais essa interpretação é errônea.

Em primeiro lugar, esta interpretação contradiz o ensino claro de Romanos 7.1-3 e 1 Coríntios 7.39, que o marido e a esposa são ligados pela lei até a morte.

Romanos 7.1-3: Meus irmãos, falo para vocês que conhecem a lei. Por acaso vocês não sabem que a lei só tem autoridade sobre o homem enquanto ele estiver vivo? **2** Por exemplo, uma mulher casada está ligada pela lei ao marido apenas enquanto ele estiver vivo; mas, se ele morrer, ela estará livre da lei do casamento. **3** Por isso, se ela viver com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, ela será chamada de adúltera. Mas se seu marido morrer, ela está livre daquela lei, e se ela casa com outro homem, ela não será adúltera.

1 Coríntios 7.39: Uma esposa está ligada a seu marido enquanto ele viver. Mas, se o seu marido morrer, ela estará livre para se casar com quem quiser, mas somente se ele pertencer ao Senhor.

Em segundo lugar, é uma interpretação completamente equivocada dos versículos e não faz sentido nenhum. Tal interpretação perde o fato de que o Senhor proíbe o divórcio no seu total desde o começo e ganha a ideia da permissão do divórcio por imoralidade sexual ou adultério. No final das contas: é proibido ou permitido? Como Jesus podia dizer que a lei do divórcio por imoralidade sexual era por causa da dureza dos seus corações, mas não era para ser assim, e, em seguida, dizer: "Sim, essa lei ainda é uma lei válida para o divórcio por imoralidade sexual"? A final, eles têm Jesus dizendo: "a lei de Moisés que permitiu o divórcio por imoralidade sexual só foi dada por causa da dureza dos seus corações e não é para ser mais. E eu digo a vocês (esqueça o que eu disse), essa lei

ainda é válida e eu falo que você pode usá-la para se divorciar por causa de imoralidade sexual". Se esse fosse o caso, Jesus só precisava dizer que ele concordou com o ensino da escola farisaica de Shamai, pois é isso que eles ensinavam. Mas Jesus não aceitava nenhuma das posições dos fariseus. Ele havia lhes dito sem rodeios: "Ajam de acordo com o propósito determinado por Deus desde o princípio e parem de se divorciar!"

Agora, vamos lembrar que a "cláusula de exceção" só existe em Mateus, e esse fato é chave para o nosso entendimento. Por que a cláusula de exceção por imoralidade sexual é encontrada apenas em Mateus? A resposta é que Mateus escreveu seu evangelho principalmente para os judeus que praticavam o costume de desposada, e assim o Espírito Santo levou-o a incluir essas palavras.

Desposada? O que é isso? É uma palavra que simplesmente quer dizer: "prometida em casamento". Assim como as sociedades ocidentais praticam o noivado, a cultura judaica praticava desposada. Desposada era um contrato jurídico vinculativo que só poderia ser quebrado por morte ou divórcio. Quando foi organizado para um casal judeu se tornar marido e mulher, foram ditos votos parciais. Eles somente foram desposados, mas ao mesmo tempo foram oficialmente conhecidos como marido e mulher. Este foi o caso de José e Maria, quando ela se achou grávida do Espírito Santo. Eles só foram desposados, como relata Mateus 1.18: "O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Sua mãe, Maria, estava prometida em casamento a José". Mas José é especificamente chamado, "seu marido" em Mateus versículo 19: e Maria é chamada "sua mulher" no versículo 20.

Mateus 1.18-20: Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. **19** Então, José, seu marido, como era justo e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. **20** E, projetando ele isso, eis que, em sonho, lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo. (ARC)

O casamento era geralmente arranjado pelos pais. O preço da noiva era pago ao pai da noiva como uma compensação pela perda da filha. O pai poderia ganhar juros deste dinheiro, mas o principal não podia ser gasto no caso de sua filha ficar viúva ou divorciada. Em seguida, uma promessa de noivado (desposada) era feita, mas o casamento ainda não tinha sido consumado. Durante este tempo, a noiva poderia se preparar para o casamento e o noivo iria preparar um lar para eles que geralmente seria na casa do pai dele. No final de um ano, uma cerimônia de casamento e a festa aconteceriam. Durante a festa, a noiva e o noivo iam para a câmara nupcial e consumariam o casamento. Um pano seria colocado debaixo da noiva durante o seu primeiro ato sexual e levado para fora depois para provar a virgindade dela. Se fosse descoberto que a noiva não era virgem antes do casamento ou no momento da consumação, tudo terminaria em divórcio. Por isso os casamentos de mulheres virgens eram realizados geralmente às quartas-feiras e casamentos de viúvas eram realizadas às quintas-feiras. Os tribunais sentavam-se às segundas-feiras e quintas-feiras. Então, se ficasse evidente para o noivo na quarta-feira à noite que sua noiva não

era virgem, ele poderia ir ao tribunal na quinta-feira e mover uma ação contra ela e o pai dela.

A tradição hebraica permitia que se um homem pagasse um dote por sua noiva e ele descobrisse antes do casamento que ela não era mais virgem, ele podia se “divorciar” da menina. Ou se ele descobrisse que ela não era virgem na noite da consumação do casamento, o noivo então tinha 24 horas para decidir se ele queria ficar com a noiva ou não, e caso não, os pais da menina não hesitariam em dar-lhe uma carta de divórcio, uma vez que não tinham sido capazes de entregar-lhe uma noiva virgem (pela qual ele pagou). E assim ele então estava livre para casar com outra filha de Israel; uma virgem. Aqueles que participaram de tal despojamento estariam livres para se casar com outro, sem medo de causar ou cometer adultério, pois eram ainda considerados solteiros. Na primeira situação porque o casamento ainda não tinha sido realizado e na segunda porque existia um espaço de 24 horas caso o marido fosse enganado por pensar que a menina era virgem.

Mateus escreveu para os judeus, Marcos escreveu para os romanos e Lucas para os gregos. Assim podemos facilmente entender por que o Espírito Santo não viu necessidade de incluir essa exceção nos livros de Marcos e Lucas, uma vez que essas nações não praticavam o costume de desposada como os judeus. Eles, como hoje em dia, podiam simplesmente cancelar os planos de casamento sem problema nenhum. Mas, como temos visto não era assim com os judeus. Eles tinham que comparecer diante do tribunal para mover uma ação jurídica para terminar com o noivado. E isso nos leva de volta à frase “a não ser por causa de imoralidade sexual”.

Agora, vamos falar rapidamente de 1 Coríntios 7.10-11: “Mas para aqueles que são casados, tenho um mandamento que não vem de mim, mas do Senhor. Uma esposa não deve se separar do seu marido. **11** (Mas se ela se separar dele, que permaneça sem se casar, ou então, reconcilie-se com seu marido.) E o marido não deve se divorciar de sua esposa”. A qual referência Paulo recorre quando ele fala sobre o casamento nesses versículos? Marcos 10.5-12. Ele não cita Mateus e ele não menciona uma cláusula de exceção. Por quê? Porque ele está escrevendo para os gentios, e os gentios não podem cometer esse pecado particular de imoralidade sexual num período de desposada, porque eles não o têm. Paulo, como judeu, entendeu que isso não tinha absolutamente nada a ver com eles e assim o deixou fora.

Também é notável que Paulo deixasse de mencionar a cláusula de exceção a qualquer momento aos Coríntios. Corinto era uma cidade que possuía os mais baixos padrões morais que se possa imaginar. As áreas de favelas estavam cheias de prostitutas profissionais. Gnosticismo era proeminente e os adeptos dessa doutrina eram dados à libertinagem extrema, não conhecendo limites neste mundo, uma vez que a verdade e a realidade eram encontradas somente no mundo espiritual. E o pior, a religião tradicional de Corinto envolvia a prostituição no templo. Eram mais de 1.000 prostitutas que serviam no templo de Vênus. Demóstenes disse: “Nós temos as prostitutas profissionais para o nosso

prazer, as concubinas para o cuidado diário dos nossos corpos e nossas esposas para que possamos ter filhos legítimos e um verdadeiro guardião da casa".

Você pode ver que todas as formas de imoralidade sexual, tanto fornicação e adultério eram comumente aceitas na vida de Corinto, e esta foi uma batalha para Paulo na igreja de lá. Este grupo de palavras (fornicação, imoralidade sexual, *porneia* e derivados) é usado apenas 55 vezes em todo o Novo Testamento, mas 14 delas estão em 1 Coríntios. E no final de 2 Coríntios, você pode ver que essas práticas ainda eram um problema.

2 Coríntios 12.21: Sim, temo que talvez na minha próxima visita, o meu Deus possa me humilhar diante de vocês, e eu chorarei por muitos daqueles que pecaram e ainda não se arrependeram da impureza, da imoralidade sexual e da entrega às práticas sexuais sem limite, sem sentir vergonha e sem se importar com o que os outros pensam.

Se alguém precisava de instruções claras em relação a estes problemas, eram os cristãos de Corinto. Eles escreveram a Paulo perguntando especificamente sobre o casamento, o divórcio e a fornicção. Mas em nenhum lugar faz Paulo mencionar que o adultério seria motivo para o divórcio, mesmo quando ele falou sobre as mulheres cristãs cujos maridos não eram crentes. E em nenhum lugar ele mencionou a "exceção de imoralidade sexual", uma vez que a desposada não era uma prática comum entre os coríntios. Aparentemente Paulo e o Espírito Santo sabiam que a "exceção" de Cristo sobre imoralidade sexual não pertencia à situação de Corinto.

Agora, muitas pessoas vêm e dizem que a palavra *porneia* (imoralidade sexual) tem um significado amplo, pode ser prostituição, fornicção, imoralidade sexual, ou relações sexuais ilícitas de um modo geral, inclusive adultério, enquanto *moicheia* (adultério) tem um significado mais específico. Eu concordo que esses são os significados em certos lugares das Escrituras do Novo Testamento. Não há como negar isso. Mas essa não é a questão diante de nós. A questão não é como elas são usadas a respeito de todas as Escrituras, mas como Jesus as usava. Ao descobrir isso, você vai entender o que ele quis dizer quando disse que "a não ser por causa de *porneia*" em relação ao divórcio.

Ao olhar para a Palavra de Deus você vê que três vezes Jesus usou a palavra "adultério" [*moicheia*] e não a palavra "imoralidade sexual" [*porneia*] num sentido amplo e geral.

Mateus 5.27-28: "Vocês ouviram o que foi dito: 'Não cometa adultério' [*moicheia*]. **28** Mas eu falo a vocês que qualquer um que olhar para uma mulher com desejo impuro, querendo ela por razões imorais, já cometeu adultério [*moicheia*] com ela no seu coração".

Mateus 12.39: Mas Jesus respondeu: "Somente uma geração má e adúltera [*moicheia*] pede um sinal, mas nenhum sinal será dado a ela a menos o sinal do profeta Jonas".

Mateus 16.4: Uma geração má e adúltera [*moicheia*] pede um sinal, mas nenhum sinal será dado a ela, a não ser o sinal do profeta Jonas.

Adultério nesses versículos não é usado como o ato específico de infidelidade fora do casamento, mas num sentido geral. Em Mateus 5, Jesus fala sobre olhar para uma mulher com desejos impuros; que se um homem olhasse assim ele cometeria adultério. Agora, nesse caso citado, o homem comete adultério físico no sentido literal? Não. Mas Jesus está falando sobre a mente, então ele usa a palavra "adultério" como um termo mais amplo, mais abrangente para o pecado sexual. Ele não escolhe "imoralidade sexual", ele escolhe a palavra "adultério". Em Mateus 12 e 16 o Senhor fala de "uma geração má e adúltera". Vamos dizer que ele está falando de uma geração cheia de pessoas que traem umas as outras com quem estão casadas? Obviamente, não! Ele está aludindo à maldade deste mundo em que vivemos e não simplesmente ao ato de adultério. Ele está falando de toda idolatria, pecado e degradação deste mundo, e para isso ele não usa "imoralidade sexual" que é supostamente o termo geral, ele usa a palavra "adultério" num sentido amplo. Jesus nunca usa "imoralidade sexual" como um termo geral incorporando tudo; ele sempre a usa como um termo preciso.

Vemos que o uso da palavra *porneia* de Mateus parece ser muito específico e limitado. Cada uma das três vezes que ele usa a palavra *porneia*, ele a distingue da palavra *moicheia*; ela nunca é achada sozinha, presumivelmente para esclarecer que duas classes diferentes de pecado estão sendo descritos.

Mateus 5.32: Mas eu digo que um homem que se divorcia de sua esposa, a não ser por imoralidade sexual [*porneia*], faz ela cometer adultério [*moicheia*]. E quem casar com ela também comete adultério [*moicheia*].

Mateus 15.19: Pois é do coração que vêm os maus pensamentos, homicídio, adultério [*moicheia*], imoralidade sexual [*porneia*], roubo, falsos testemunhos e o falar mal de Deus e das pessoas.

Mateus 19.9: E eu falo a vocês que quem se divorciar de sua esposa, a não ser por causa de imoralidade sexual [*porneia*], e se casar com outra, comete adultério [*moicheia*].

Elas são duas palavras diferentes com dois significados diferentes descrevendo claramente dois atos diferentes.

Em Mateus 5.32 e 19.9, se as cláusulas de exceção foram feitas para descrever a infidelidade sexual no contexto de um casamento consumado (que é sempre o adultério, não imoralidade sexual) seria difícil explicar por que Mateus não teria usado *moicheia* em vez de *porneia*. Em outros lugares em que ele descreve o pecado de adultério, ele sempre usa *moicheia*, não *porneia* (Mateus 5.27, 28, 31; 15.19; 19.18). O fato é que, se o pecado do adultério era o que Jesus pretende descrever nas cláusulas de exceção, *moicheia* teria explicado muito mais claramente seu significado e teria sido muito mais coerente com padrão da escrita de Mateus.

É insustentável tentar fazer "imoralidade sexual" [*porneia*] e "adultério" [*moicheia*] terem o mesmo significado, especialmente quando ambas as palavras são usadas nos mesmos

versículos. Pode ter certeza, Jesus não estava usando termos descuidadamente, muito menos disputando com especialistas jurídicos.

Quando todos esses fatores são considerados, parece certo que quando Jesus disse: "Quem se divorciar de sua esposa, a não ser por causa *porneia*", ele não estava permitindo o divórcio no contexto de um casamento totalmente consumado quando o adultério ocorre. Em vez disso, ele foi esclarecer que sua proibição categórica do divórcio não se aplicava à rescisão de um contrato de noivado (desposada) quando uma das partes foi considerada impura antes da consumação do casamento. Jesus estava dizendo que, nestas situações, a anulação legal (para a qual os judeus usavam a mesma terminologia do divórcio legal) era permissível.

Assim, no contexto de Mateus 5 e 19, *porneia* só pode significar imoralidade sexual antes do casamento, como qualquer outro significado em Mateus 5 e 19 contradiria as outras escrituras relativas à permanência do casamento.

Agora muitos vão perguntar: "Se Jesus estava se referindo ao sexo dentro de um estado de desposada em Mateus 5 e 19, por que ele não disse isso claramente?" A verdade é que ele claramente disse isso quando afirmou: "a não ser por causa de imoralidade sexual". Os seus ouvintes o entenderam.

Jesus era muito cuidadoso para responder aos fariseus exatamente de acordo com a lei de Deus. Isso é especialmente verdade porque a afirmação "a não ser por causa de imoralidade sexual" envolveu diretamente a sua própria concepção e nascimento. Os fariseus sabiam que Jesus não era o filho legítimo de José. Alegando falsamente estarem seguindo seu pai físico Abraão, eles reprenderam Jesus em João 8.41: "Nós não somos filhos ilegítimos! O único pai que nós temos é o próprio Deus". O literal no grego é: "Nós não nascemos de *porneia*".

Os líderes judeus indiretamente acusaram Jesus de ter nascido de *porneia*. Em outras palavras, uma vez que eles não aceitam o nascimento virginal, eles assumem que Maria havia cometido imoralidade sexual e Jesus foi o resultado desse ato. Eles estavam acusando Cristo de ter nascido ilegítimo e acusando sua mãe Maria de engajar-se em *porneia* antes de ser ligado a José em casamento. E isso é exatamente o que José inicialmente suspeitou de Maria.

Mateus 1.18-19: O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Sua mãe, Maria, estava prometida em casamento a José. Mas antes de José levá-la como sua esposa para a casa dele, ela se achou grávida pelo poder do Espírito Santo. **19** E José, aquele com quem ela ia casar, sendo um homem justo e não querendo envergonhá-la publicamente, resolveu terminar o compromisso de casamento com ela sem ninguém saber.

No entanto, apesar de José estar se preparando para se divorciar de Maria, o texto o chama de justo. "Ao contrário de hoje, José não tinha a opção de dar a Maria uma segunda chance, mesmo se quisesse. Tanto a lei judaica como a lei romana exigia que um homem

se divorciasse de sua esposa se ela fosse culpada de adultério. A lei romana na verdade tratava um marido que não se divorciasse de uma esposa infiel como alguém que tivesse explorando sua esposa como prostituta”.¹⁷

Assim José tinha duas opções. Ele poderia levar Maria perante o tribunal para ser judicialmente condenado e punido, ou ele poderia repudiá-la por uma carta de divórcio diante de testemunhas, mas sem atribuir causa. Entende-se assim que ele iria “terminar o compromisso de casamento com ela sem ninguém saber”.

E José teve mais um motivo para se divorciar dela (além de achar que ela tinha o traído), pois se ele casasse com Maria, os outros iam supor que foi o próprio José que a engravidou, dessa forma sua reputação estaria em jogo para o resto de sua vida.

José era justo, não porque ele estava se divorciando de Maria (embora, como observado, isso não o fez injusto); em vez disso, ele era justo porque ia se divorciar de Maria em privado, sem ninguém saber, para não trazer vergonha desnecessária sobre ela. Ele poderia ter lucrado por se divorciar dela publicamente. Por levá-la ao tribunal, ele poderia ter apreendido todos os bens que ela trouxe para o casamento e talvez recuperado o preço da noiva se ele tivesse pagado algum valor de desposada. Mas somente fornecendo-lhe uma carta de divórcio na frente de duas ou três testemunhas, o faria perder este reembolso econômico simplesmente para minimizar a desonra pública dela. E assim ele pretendia agir.

José era um homem justo que conhecia a lei de Deus e, suspeitando imoralidade sexual, *porneia*, antes de seu casamento, ele contemplou o divórcio com Maria de acordo com as disposições da lei de Deus. Assim ele teria sido livre para casar com outra mulher sem cometer adultério. Esta é a explicação Bíblica de “a não ser por causa de imoralidade sexual”. Apenas Mateus registra esta “cláusula de exceção”. Por quê? Porque Mateus é o único evangelista a registrar os pensamentos de José relativo ao despojamento de Maria, sua esposa prometida.

Como John Piper tem dito: Esta interpretação da “cláusula de exceção” tem várias vantagens:

1. Ela não força Mateus a contradizer o claro e absoluto sentido de Marcos e Lucas e todo o ensino do Novo Testamento a respeito de divórcio.
2. Ela fornece uma explicação para o uso da palavra *porneia* na “cláusula de exceção” de Mateus, em vez de *moicheia*.
3. Ela se enquadra com o uso próprio e preciso de Mateus de *porneia* para imoralidade sexual em Mateus 15.19.
4. Ela se encaixa nas demandas do contexto mais amplo de Mateus a respeito do divórcio contemplado de José.¹⁸

Só para pregar o último prego no caixão da crença que Jesus liberou divórcio nos casos de adultério, vamos nos lembrar do que Jesus já nos disse em Mateus 5.27-28: que se um homem “olhar para uma mulher com desejo impuro, querendo ela por razões imorais, já

cometeu adultério com ela no seu coração”. E ele usou a mesma palavra por adultério aqui em Mateus 5 e 19. Então, se Jesus liberou o divórcio nos casos de adultério, como muitos teólogos e pastores ensinam, aquele “olhar demorado” é razão suficiente para uma esposa se divorciar do seu marido, pois, segundo Jesus, ele cometeu adultério. Assim qualquer mulher ou homem teria motivos bíblicos “legítimos” para se divorciar baseado nessa interpretação de Jesus, se a entendermos no seu significado literal. E assim teríamos o próprio Jesus conscientemente falando algo que permitiria o divórcio, quase ilimitado, por este pecado do coração.

Dave Guzik disse: “Jesus não está dizendo que o ato do adultério e o adultério no coração são a mesma coisa. Muitas pessoas têm sido enganadas sobre este ponto, e dizem: ‘Eu já cometi adultério no meu coração, então por que não fazê-lo na prática’. O ato de adultério é muito pior do que o adultério no coração. Jesus não quis dizer que eles são a mesma coisa, mas quis dizer que ambos são pecado, e ambos são proibidos pelo mandamento contra o adultério. Algumas pessoas não cometem o ato de adultério só porque têm medo de ser pego, mas em seu coração cometem adultério todos os dias. É bom que eles se mantenham longe do ato de adultério, mas é ruim que os seus corações estejam cheios de adultério”.¹⁹

O desejo e a ação não são idênticos, mas, espiritualmente falando, eles são equivalentes. Pode crer, um olhar com desejo impuro é a expressão de um coração que diz em sua essência: “Eu faria se eu pudesse”.

Devemos pensar seriamente sobre isso. Eu sei que isso parece ridículo. E, é! Como também é ridículo você encontrar alguém procurando um divórcio baseado nesse texto. Mas, essas pessoas existem. E qual música esses pastores e teólogos vão tocar para convencer alguém que o que Jesus disse não é o que ele queria dizer, especialmente depois de dizer que o que Jesus aparentemente disse em Mateus 5 e 19 é o que ele queria dizer ou, no mínimo, o que eles queriam que fosse dito por Jesus? É perigoso quando homens impõem suas próprias interpretações egoístas às Escrituras sem levar tudo em consideração. Mas, vamos voltar à terra da realidade; Jesus não liberou o divórcio por nenhuma razão, nem por adultério, e muito menos por um “olhar demorado”.

Capítulo 13 – Perdão: Setenta vezes sete.

Um tempo atrás eu li uma história sobre uma mulher que adulterou. Ela tinha um marido e filhos que a amavam muito e ela mesma dizia que não lhe faltava nada em qualquer área de sua vida, com a possível exceção de um compromisso espiritual da parte dela. Ela tinha uma boa casa, um marido atento e viveu uma vida de contos de fadas. Eu tenho certeza que eles tinham os seus problemas como todos nós, mas em maior parte, eles eram felizes.

Quando falamos de homens adulterando sabemos que pode ter seu começo no emocional, mas na maior parte o problema é físico. Mas quando falamos de mulheres cometendo adultério nós sabemos que a maioria não se envolve por desejos sexuais. Frequentemente, o adultério cometido pela mulher tem a ver com alguma necessidade emocional ou problema em sua vida, e ao invés de falar sobre isso com seu marido, com outra pessoa ou até mesmo com Deus, ela é atraída para o pecado.

Por que aquela mulher da história que eu li se permitiu cair neste pecado? Eu não posso dizer. De qualquer forma, ela traiu o seu marido. Mas logo a situação chegou a um ponto no qual ela sabia que não podia continuar e por isso parou e se arrependeu.

Embora ela tivesse parado o adultério e se arrependido a Deus, ela ainda precisava confessar ao marido, mas ela tinha muito medo de perder ele e a sua família. Ainda assim, ela finalmente contou a ele. E ele fez o que ela mal esperava, ele a perdoou.

Mas, apesar de parar de trair seu marido, ela colheu as consequências daquele pecado. E não somente na sua própria vida, mas nas vidas de todos ao seu redor, pois o pecado nunca afeta apenas aquele que está envolvido nele. O marido dela, embora tivesse completamente a perdoado e ainda a amasse, experimentou um grau de dor e traição. Ele viveu em agonia por causa do amor que ele tinha por sua esposa. Ela vivia em agonia por causa da dor que tinha trazido ao seu marido. E seus filhos viviam com medo e insegurança, se perguntando se seus pais iriam se divorciar.

A maioria das pessoas que se envolvem em adultério acaba divorciada. A vítima pode perdoar, mas confiar novamente é um longo caminho e nunca vai acontecer de esquecer o que aconteceu. Basta nos lembrar de que uma vez que um erro é feito nunca podemos voltar atrás e desfazê-lo. As coisas que você faz, as palavras que você fala, não são retráteis. A pessoa pode se arrepender e ser perdoada, mas as consequências do pecado ainda permanecem.

O que me mais assusta hoje é a frequência com que o adultério acontece. Uma vez o casamento foi algo respeitado por quase todos e protegido a qualquer custo, mas não é mais assim.

Uma pesquisa que faz parte do estudo Mosaico Brasil 2008, coordenado pela psiquiatra Carmila Abdo, do ProSex (Projeto Sexualidade) da USP descobriu que as mulheres

casadas na faixa de 18 a 25 anos traem os maridos mais do que as mulheres de gerações anteriores. De acordo com 8.200 entrevistas feitas em dez capitais brasileiras, praticamente a metade delas (49,5%) revelou ter tido relações extraconjugais. Enquanto o percentual de traições entre as mulheres de 41 a 50 anos é de 34,7%. Das entrevistadas acima de 70 anos, 22% admitiram ter cometido em algum momento de sua vida o adultério. Dos homens casados na faixa de 18 a 25 anos, 66% admitiram ter traído as suas esposas enquanto 68% daqueles entre 25 e 40 anos admitiram; 71,5% na faixa de 40 a 60 anos e 80% daqueles acima de 70 anos. ²⁰

Isso nós podíamos facilmente descartar dizendo que é o mundo e eles não tem Jesus, pois saibam que também existem estudos feitos da própria igreja.

Segundo o *Journal of Psychology and Christianity*, até 65% dos homens e 55% das mulheres têm um caso extraconjugal antes de completar 40 anos de vida. ²¹

Uma pesquisa feita por *Christianity Today* constatou que 23% dos 300 pastores que responderam admitiram comportamento sexual impróprio com alguém além das suas esposas enquanto estiveram no ministério. ²²

Infelizmente, adultério não é um assunto estranho à igreja. Cada dia ouvimos mais uma história de alguém que foi traído. Não deve ser assim, mas é, e assim nós temos que lidar com ele. O que fazer se você foi traído? O que fazer quando a pessoa com quem você trocou votos prometendo fidelidade quebra aquela promessa?

Arriscando soar que não estou usando de compaixão, vou falar: divórcio não é uma opção! Ainda que haja muitos que vão dizer que infidelidade quebra a aliança do casamento, eles estão falando do coração e não representando a Bíblia. Pecado não pode quebrar a aliança do casamento. Vamos perguntar: “Que pecado um marido não deve perdoar da sua esposa? Ou que pecado uma esposa não deve perdoar do seu marido?” Nenhum!

Pecado não pode quebrar a aliança entre um marido e sua esposa, pois são uma só carne, como Cristo e sua noiva são uma só carne, um corpo. Quantas vezes Cristo tem nos perdoado os nossos pecados, os pecados da sua noiva? Então, quantos pecados nós devemos perdoar da nossa esposa ou do nosso marido antes de nos divorciar deles?

Mateus 18.21-22: Então Pedro aproximou-se dele e perguntou: “Senhor, até quantas vezes devo perdoar o meu irmão que peca contra mim? Até sete vezes?” **22** Jesus respondeu: “Não, não sete vezes, mas até setenta vezes sete”.

Ao dizer que devemos perdoar aqueles que pecam contra nós setenta vezes sete, Jesus não estava limitando o perdão a 490 vezes, um número que é, para todos os efeitos práticos, apenas uma contagem. Nós não devemos limitar o número de vezes que perdoamos, mas devemos continuar perdoados vez após vez, assim como Deus nos perdoa vez após vez.

Podemos reconciliar a ideia de Jesus permitindo o divórcio por causa de adultério com sua declaração que devemos perdoar os pecados do nosso cônjuge setenta vezes sete? Será que Cristo contradiz a si mesmo a respeito de perdão ou é o homem que está confuso? Eu sei que é muito fácil alguém que nunca passou pela decepção e dor de adultério falar, mas a questão não é se é fácil ou não, mas o que Jesus falou, o que a Bíblia nos fala. E deixe-me falar, a Bíblia não mede as palavras quando se trata de perdão.

Colossense 3.13: Suportem-se uns aos outros e perdoem qualquer coisa que por acaso vocês tenham uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou.

Eféios 4.32: Sejam bons uns com os outros, compassivos, perdoadando uns aos outros, assim como Deus os perdoou em Cristo.

Mateus 6.14-15: Pois se vocês perdoarem aos outros as suas ofensas, o seu Pai celestial também perdoará vocês. **15** Mas, se não perdoarem as ofensas dos outros, o seu Pai celestial também não perdoará as ofensas de vocês.

1 Coríntios 13.4-7: O amor é paciente e bondoso. O amor não é ciumento, nem arrogante, nem orgulhoso e **5** nem grosseiro. O amor não procura seus próprios interesses. Não se irrita facilmente e **não guarda rancor**. **6** O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra quando a verdade prevalece. **7** O amor nunca desiste, nunca perde a fé, tem sempre esperança e persevera em todas as circunstâncias.

Não pertence a nós condenar, o julgamento pertence a Deus. O que pertence a nós é o perdão. Os cristãos não devem procurar um melhor, mais perfeito marido ou esposa, mas entender que perdão é a marca do verdadeiro cristianismo. Deus julgará o adúltero, quanto a nós devemos honrar nossa aliança e perdoar. Em toda a nossa dor e dificuldades neste mundo, Deus está conosco e nunca nos abandonará. Como, aliás, nós devemos ser com os nossos próprios maridos e esposas, e nunca abandoná-los. A verdade é que o divórcio está enraizado em autojustiça e uma falta de vontade de perdoar.

Uma das partes mais difíceis do perdão é que nós nem sempre nos sentimos com vontade de perdoar. O problema de sermos influenciados pelos nossos sentimentos é que os sentimentos são muitas vezes enganosos e erráticos. Eu aprendi há muito tempo que você raramente faz o que é certo se esperar ter os sentimentos que deseja antes de fazê-lo. Mas se você faz o que é certo primeiro, muitas vezes depois, os sentimentos vêm. Quando Jesus nos fala de perdoar, ele não nos pergunta sobre os nossos sentimentos a respeito da situação. Ele simplesmente nos fala para perdoar. É uma decisão, não um sentimento.

Então, o que eu estou dizendo: que alguém casado pode fazer o que quiser, porque sendo casado com um crente isso obriga o outro a perdoar tudo? Claro que não! Mas ainda que seja assim, nosso dever é perdoar. Vivemos para a glória de Deus e não em busca de nossa felicidade. Dito isso, todos nós somos pecadores e quem é casado já sabe que o caminho é cheio de pecados que precisam ser perdoados.

Agora, quando alguém pecar contra nós, devemos perdoá-los, mas isso não apaga as consequências daquele pecado como já falamos. E talvez isso seja a parte mais difícil. Como alguém traído começa a confiar de novo? Creio eu, Deus o ajudará. É um passo de cada vez. Na vida nós temos que confiar nas pessoas, e isso significa arriscar. E talvez "risco" seja a palavra chave aqui. Depois de ser traído, arriscar é a última coisa que alguém quer fazer, pois já arriscou uma vez e veja como acabou. Mas sem arriscar nunca confiará, e sem confiar há de se entregar a uma vida de solidão que com certeza faltará felicidade. Nós temos que achar como confiar. Nós temos que achar a coragem de arriscar mais uma vez. E enquanto confiamos nas pessoas temos que estar cientes de que elas vão nos decepcionar de vez em quando. Ninguém é perfeito, somente Deus.

Deixe-me também dizer: se Jesus estava disposto a ser desprezado e rejeitado pelos homens, espancado até ficar uma polpa, maltratado, desprezado, agredido, cuspidor e crucificado até a morte por nós, então devemos seguir o exemplo dele. Um marido que ama sua esposa não vai sair. E uma esposa que ama seu marido não vai sair. Por favor, entenda que não estou falando que devemos tolerar abuso. Eu estou simplesmente dizendo que o divórcio não é a solução bíblica para os problemas conjugais. Você fez uma promessa a Deus e para sua esposa ou seu marido no dia do seu casamento e deve cumpri-la.

Mas em relação ao abuso, se conhecemos alguém que está vivendo nessa situação, a resposta correta não é: "Fique aí a amar seu marido, pois quem sabe que através do exemplo do seu amor ele possa ver o amor de Cristo e se arrepender". Deus me livre! Se soubermos de uma situação violenta temos a obrigação de agir e não somente "orar" ou dar conselhos vazios de realidade. A igreja deve entrar e tirar a abusada do perigo. Vai ser fácil? Provavelmente, não. Muitas vezes a própria vítima nem quer sair. Mas no caso dela procura a igreja por ajuda, temos uma obrigação de abrigá-la e arcar com os custos da vida dela até que o abusador se arrependa e Deus restaure o casamento ou ela consiga um trabalho para poder se sustentar. Isso sim é uma situação que solicita separação, pois uma vida está em risco, mas isso não é uma razão para se divorciar como temos falado extensivamente. Há uma grande diferença.

Jesus estava disposto a morrer por você e por mim. Então, por que os que professaram Cristo estão se divorciando tão rápido do seu cônjuge? Não me lembro de qualquer aviso legal nos votos de casamento que dá a um cônjuge o direito ao divórcio sob nenhuma circunstância. O que aconteceu com o "até que a morte nos separe"? E eu quero te informar que "diferenças irreconciliáveis" não são encontradas na Bíblia como fundamento para o divórcio. Não existem razões bíblicas para o divórcio, mas existem razões bíblicas para perdoar. Setenta vezes sete.

Capítulo 14 – Recasamento: Liberado ou Adultério?

Segundo Lifehouse.org: “Nos primeiros séculos depois de Cristo, o grego e o latim foram amplamente utilizados pelos primeiros escritores cristãos. Embora não sejam infalíveis, estes homens tinham uma compreensão pessoal e excelente de gramática grega e cultura romana que pode ter-lhes dado um entendimento sobre o Novo Testamento que nós talvez não possuamos. Eles viviam em um contexto social no qual os ensinamentos sobre divórcio e recasamento do Novo Testamento foram expostos. Nós podemos aprender alguma coisa com a compreensão cultural e linguística da Escritura que eles tinham. Ao todo, vinte e cinco dos vinte e seis escritores da igreja primitiva e dois conselhos da igreja primitiva proibiram casamento após o divórcio por qualquer motivo. Embora seus escritos não sejam autoritários, é preciso levar em consideração as suas conclusões. Em uma época de debate sobre algumas das doutrinas mais básicas, sua unanimidade virtual a respeito do divórcio e novo casamento são incríveis. Dentre os escritores cristãos que ensinavam que o novo casamento após o divórcio por qualquer motivo era adultério, temos: Hermas, Justino Mártir, Atenágoras, Atanásio, Teófilo de Antioquia, Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano, Basil de Ancyra, Basílio de Cesaréia, Gregório de Nazianzeno, Apolinário de Laodicéia, Theodore de Mopsuestia, João Crisóstomo, Teodoreto, Epifânio, Ambrose, Inocêncio I, Pelágio, Jerome, Leo o Grande, Gregório o Grande, e Agostinho. O Conselho de Elvira (AD 306) e o Conselho de Arles (AD 314) declaram o mesmo. A solitária dissidente patrística era um bispo latino chamado de Ambrosiaster. Ele escreveu comentários sobre as epístolas paulinas entre AD 366 e 383. Pouco mais se sabe sobre ele. Ele é o único escritor que temos que permitiu casamento após o divórcio em circunstâncias limitadas. Ele permitiu que ambos os parceiros se casassem novamente se fossem abandonados por um cônjuge pagão. Ele não permitiu o novo casamento se um cônjuge fosse abandonado por uma pessoa que alegou ser cristão. Ele permitiu apenas o homem se casar novamente em casos de adultério”.²³

Como temos falado, os escritores cristãos primitivos tinham uma compreensão pessoal e excelente da linguística e da cultura dos ensinamentos de Jesus e de Paulo no Novo Testamento. Muitos deles falavam e escreviam grego como língua primária ou secundária. Embora separados por séculos e várias fronteiras geográficas e culturais, eles tinham um virtual consenso no seu entendimento da permanência do casamento. Este consenso não parece vir da leitura dos escritos de uns dos outros, mas a partir da leitura do Novo Testamento. Sua visão era a opinião da maioria da Igreja do Leste até o século IV e da Igreja do Ocidente até o século XIV.

Em 1519, o católico-humanista Erasmo afirmou que o cônjuge inocente no caso de adultério e deserção tinha o direito de se casar novamente, não pela exegese da "cláusula de exceção", mas pela ficção jurídica interpretativa baseada na lei do Antigo Testamento. Ele permitiu que as pessoas vissem o seu cônjuge como figurativamente morto e assim livres para recasarem sem risco de cometer adultério. Embora a ideia não se originasse dele, pode-se demonstrar que sob sua influência essa visão ganhou ampla aceitação.

Lutero, influenciado por Erasmo, também acreditava que a parte inocente do adultério podia se divorciar e casar novamente. Ele ensinou que, desde o Antigo Testamento legislou a pena de morte por adultério, o cônjuge adúltero deveria ser encarado como figurativamente morto. Este tipo de ficção legal, então, permitia o cônjuge "inocente" se casar novamente.

A aplicação coerente da posição Erasmiana permitia que um homem se divorciasse de sua esposa por qualquer motivo e se casasse novamente sem cometer adultério. Como? Mateus 5.32 diz: “Mas eu digo que um homem que se divorcia de sua esposa, a não ser por imoralidade sexual, faz ela cometer adultério. E quem casar com ela também comete adultério”. Nesse versículo, o homem que se divorcia da sua esposa não é acusado de nada. Ele pode se divorciar da sua esposa por qualquer razão além do “adultério” e simplesmente esperar. Uma vez que ela se casou novamente (cometendo adultério), a interpretação de Erasmo sobre Mateus 19.9 permitia liberdade para o marido se casar novamente sem estar cometendo adultério, pois o outro está figurativamente morto. O homem que causou o adultério de sua esposa seria o único que tinha permissão para se casar novamente. À mulher que sofreu injustamente o divórcio não seria permitido se casar novamente sem cometer adultério. Eu não vou nem falar de tantas pessoas divorciadas, homens e mulheres, que têm falado para mim que estão livres para recasarem porque o outro recasou e cometeu adultério, tornando-as livres. E eu sei hoje de casos de pessoas esperando exatamente por isso acontecer.

Muitos hoje não conhecem a interpretação de Erasmo ou seguem estritamente a sua exegese, mas apenas suas conclusões e tradição. E os reformadores se apegaram a essa visão e a canonizaram na Confissão de Westminster.

A Confissão de Fé de Westminster, seção V fala: “O adultério ou fornicação cometida depois de um contrato, sendo descoberto antes do casamento, dá à parte inocente justo motivo de dissolver o contrato; no caso de adultério depois do casamento, à parte inocente é lícito propor divórcio, e depois de obter o divórcio casar com outrem, como se a parte infiel fosse morta. Mateus 1.18-20, e 5.31-32, e 19.9”.²⁴

E seção VI fala: “Posto que a corrupção do homem seja tal que o incline a procurar argumentos a fim de indevidamente separar aqueles que Deus uniu em matrimônio, contudo só é causa suficiente para dissolver os laços do matrimônio o adultério ou uma deserção tão obstinada que não possa ser remediada nem pela Igreja nem pelo magistrado civil; para a dissolução do matrimônio é necessário haver um processo público e regular. Não se devendo deixar ao arbítrio e discricção das partes decidirem o seu próprio caso. Mateus 19.6-8; I Cor. 7.15; Deuteronômio 24.1-4; Esdras 10.3”.²⁵

Embora os líderes da Reforma procurassem permitir o divórcio e o recasamento nos casos de adultério e deserção, a aceitação de tal ensino era limitada. Mesmo entre luteranos e presbiterianos, divórcio e recasamento não foram amplamente praticados. A Igreja Anglicana e alguns grupos de cristãos orientais se mantiveram firme e se recusaram a

aceitar a prática do divórcio e do recasamento. Muitos grupos anabatistas rejeitaram a interpretação completamente Erasmiã. Na prática, não foi até a década de 1960 que os cristãos evangélicos ocidentais começaram a aceitar o divórcio e o recasamento de forma ampla.

Hoje em dia é raro o caso de alguém divorciado que não recasa. Seria mais real dizer que onde há divórcio, há recasamento. Houve um tempo na igreja em que os pastores não faziam recasamentos, a não ser que uma das partes estivesse morta (literalmente e não figurativamente). Mas hoje isso não é mais o caso. Fazemos recasamentos e ninguém olha torto para o evento. O que uma vez era tabu agora se tornou normal e aceitável. Mas só porque a maioria aceita, isso não quer dizer que é correto. A maioria dos alemães aceitava a exterminação dos judeus na segunda guerra mundial, mas isso não quer dizer, de maneira alguma, que estavam corretos. O certo e o errado nunca são determinados pelo voto popular. Só Deus tem esse direito, e nós faremos bem se o escutarmos. A verdade é que a palavra “recasamento” não é encontrada em nenhum lugar em todo o Novo Testamento. Ainda assim vamos abordar a ideia de que recasamento é, de alguma maneira, “inferido” em certos versículos.

Mateus 5.32: Mas eu digo que um homem que se divorcia de sua esposa, a não ser por imoralidade sexual, faz ela cometer adultério. E quem casar com ela também comete adultério.

Mateus 19.9: E eu falo a vocês que quem se divorciar de sua esposa, a não ser por causa de imoralidade sexual, e se casar com outra, comete adultério.

Os que permitem recasamento geralmente sustentam que *porneia* (imoralidade sexual) é sinônimo de adultério, em Mateus 5.32 e 19.9, o que já temos visto que não é o caso. Mas para o bem do argumento, vamos continuar. Eles, então, reivindicam que este adultério quebra o vínculo de uma só carne e permite a pessoa se casar novamente sem cometer adultério. Para isso temos que dizer: nenhuma passagem bíblica ensina claramente que o vínculo matrimonial de uma só carne é quebrado por qualquer coisa, exceto a morte.

Alguns têm ensinado que é o adultério persistente ou contínuo, não um único ato, que rompe o vínculo de uma só carne e permite à pessoa a liberdade de se divorciar e casar novamente. Isso também é ilógico; um ato de adultério dissolve ou não dissolve o vínculo matrimonial.

Há também questões gramaticais reivindicando que *porneia*, como Jesus falou: “exceto por *porneia*”, permite uma pessoa se casar novamente, bem como se divorciar. “Exceto por *porneia*” é uma frase nominal. Ela não contém um verbo. Assim um verbo deve ser fornecido a partir de outro lugar na frase. “Exceto por” é uma locução prepositiva. Tanto as preposições ou as locuções prepositivas atuam como conectivo entre palavras e orações estabelecendo sempre uma relação de subordinação entre a ideia anterior à preposição e a posterior à preposição. Ou seja, subordina a ideia posterior à anterior. É interessante dizer que as locuções prepositivas indicam noções fundamentais à compreensão da frase,

elas são dotadas de sentidos. No caso da frase de Jesus, “exceto por” dá meramente ideia de exceção. É tanto que se reiteramos da frase “exceto por *porneia*”, não atrapalha a compreensão dela, mas quando eu acrescento o que foi retirado, entra a ideia de exceção. Mateus 19.9 contém uma cláusula composto (duas ações verbais) condicional.

Mateus colocou “exceto por *porneia*” após a primeira ação verbal, “divorciar”. Assim, “exceto por *porneia*” está subordinado à “quem se divorciar de sua esposa” através da locução prepositiva “exceto por”. “Quem se divorciar de sua esposa, exceto por *porneia* (a não ser por causa de imoralidade sexual), e se casar com outra, comete adultério”. Neste caso, “exceto por *porneia*” modifica apenas o precedente da ação verbal, o divórcio. Esta construção permite o divórcio por causa de *porneia*, mas não um novo casamento. E é assim que é colocado no texto grego.

Mateus poderia ter colocado “exceto por *porneia*”, após a segunda ação verbal, “e se casar com outra”. Assim: “Quem se divorciar de sua esposa e se casar com outra, exceto por *porneia*, comete adultério”. Neste caso, “exceto por *porneia*” modificaria duas ações sequenciais, divórcio e recasamento. Esta construção permitiria recasamento se o divórcio ocorreu por causa de *porneia*.

A evidência gramatical aponta para Jesus permitindo apenas uma forma muito restritiva do divórcio sem o direito de se casar novamente. Os escritores da igreja primitiva interpretaram que a “cláusula de exceção” permitiu apenas o divórcio, não recasamento. Se a cláusula de exceção modifica “casamento”, bem como “divórcio”, parece estranho que os primeiros cristãos que falavam grego não tenham reconhecido isso.

Então, eu quero que todo mundo perceba que recasamento não está liberado nesses versículos, pois não se trata dele, mas de divórcio. Não há nada dito nesses versículos sobre poder recasar. Você tem que “ler as entrelinhas” para descobrir Jesus dando uma justificação para o recasamento. Não seria nada além de um castelo feito de areia, pois Jesus é muito claro aqui sobre a sua posição acerca de recasamento. Todo casamento além do primeiro, salvo em caso de morte, é claramente chamado de adultério. Jesus está dando a única justificativa para o divórcio e não um fundamento para o recasamento.

Jesus acabou de explicar que ainda que Moisés fizesse algumas concessões por causa dos corações duros das pessoas, “não foi assim desde o começo”. Certamente não foi a intenção ou propósito de Deus. Corações duros ou obstinados levam ao divórcio por causa de uma atitude indiferente que leva à ruptura do casamento. E mais uma vez, observe cuidadosamente que Jesus não disse que Moisés permitiu que se divorciassem de suas esposas por “qualquer motivo”, mas a lei de Moisés permitiu que se divorciassem de suas esposas porque eles eram duros de coração. Se, de fato, Jesus estava respondendo a questão de se eles podiam divorciar-se por todos os motivos, por que ele está dizendo que Moisés permitiu o divórcio por causa da dureza de seus corações? Moisés nunca permitiu divórcio por qualquer motivo. Mais uma vez, tal leitura do texto a esta pergunta não faz sentido. Se a lei de Moisés não permitia o divórcio por qualquer motivo, então toda a

maneira moderna de compreender as suas respostas cai por terra. E, independentemente do que Moisés pode, ou não pode ter dito, Jesus continuou: “E eu falo a vocês que quem se divorciar de sua esposa, a não ser por causa de imoralidade sexual, e se casar com outra, comete adultério” (Mateus 19.9).

Por meio de Mateus 19.9, junto com Mateus 5.32: “Mas eu digo que um homem que se divorcia de sua esposa, a não ser por imoralidade sexual, faz ela cometer adultério. E quem casar com ela também comete adultério”, Deus declara que é adultério quando um dos parceiros se casa novamente depois de um divórcio.

Mateus 19 lida somente com o homem, mas Mateus 5 lida com os dois. Em Mateus 5 vemos que a mulher está proibida de recasar, do contrário estará cometendo adultério. Em outras palavras, se a verdade é que Deus permitiu um novo casamento no caso de adultério, então por que a esposa "abandonada" é proibida de casar de novo? Mais uma vez, isso não faz sentido. Como alguém pode afirmar por meio dessas passagens que Deus dá lugar não só para o divórcio, mas para um novo casamento?

Agora, vamos continuar e olhar para os outros versículos que tratem do divórcio e do recasamento.

Marcos 10.11-12: Qualquer homem que se divorcia de sua esposa e se casa com outra comete adultério contra sua esposa. **12** E se uma mulher se divorcia do seu marido e se casa com outro, ela comete adultério.

Nesse versículo é bem mais fácil entender o que Jesus quis dizer, pois falta àquela frase, a “cláusula de exceção”, uma vez que os gentios não tinham a prática de desposada como os judeus e assim não precisavam dela. Jesus diz claramente que quem se divorciar e casar com outro comete adultério.

E isso nos levar a pergunta: por que é chamado de adultério se os dois estão divorciados? Vamos responder assim: se você comete adultério contra seu cônjuge depois que você se divorciou dele, isso quer dizer que o divórcio não conseguiu desfazer coisa alguma; ele falhou em dissolver a sua união. O que Deus juntou, o homem, por querer ou por lei, não consegue separar aos olhos dele. As pessoas erradamente assumem que o divórcio termina o primeiro casamento, contudo Jesus disse que isso não é verdade. O pecado de adultério só pode ocorrer se uma ou ambas as pessoas envolvida é casada. Se nenhuma das pessoas é casada o termo adultério não pode ser usado. Quando Jesus disse: "E quem casar com ela também comete adultério", ele estava afirmando que, quando um homem se casa com uma mulher divorciada, ele está vivendo com a esposa de outro homem e, portanto, é culpado de adultério. O divórcio não faz um homem ou uma mulher solteiro novamente. O divórcio não termina o primeiro casamento de uma pessoa aos olhos de Deus. É por isso que uma pessoa comete adultério quando se casa e tem relações sexuais com uma pessoa divorciada.

Assim Jesus estava dizendo que você não está livre depois de um divórcio. Os divorciados não são elegíveis para um novo casamento porque eles ainda estão casados de acordo com Deus.

Jesus chama esse novo relacionamento de adultério. Por que alguém iria acreditar que a nova pessoa é "o seu cônjuge aos olhos de Deus" se Deus diz que você está cometendo adultério com ela? Eles recasaram por meio do estado, não por meio de Deus. Segundo Jesus, os divorciados não têm direito de casar novamente. O divórcio não os torna solteiros.

As únicas pessoas na Bíblia que cometem adultério quando se casam são as pessoas divorciadas, não pessoas solteiras (ao menos que casem com alguém divorciado), não viúvos, mas somente as pessoas divorciadas. Por quê? Eles não são livres para casar. O divórcio não os torna livres e assim eles estão cometendo adultério se casarem com outro.

Lucas 16.18: Quem se divorciar de sua esposa e se casar com outra, comete adultério. E quem casar com a mulher divorciada também comete adultério.

Mais uma vez é fácil entender o que Jesus está dizendo, só que dessa vez ele fala uma coisa a mais. A segunda metade do versículo mostra que não apenas o homem se divorciando é culpado de adultério quando ele se casa novamente, mas também qualquer homem que se casa com uma mulher divorciada. "Quem casar com a mulher divorciada também comete adultério". Não importa se o homem nunca se casou ou estava casado outra vez e agora é divorciado. A razão pelo qual ele comete adultério é que a mulher divorciada ainda é considerada casada aos olhos de Deus. Jesus não reconhece o divórcio como o fim do casamento. De novo, a razão do segundo casamento ser chamado de adultério é porque o primeiro é considerado ainda válido. Jesus está tomando uma posição contra a cultura que considera que todo divórcio inclui o direito de um novo casamento.

Uma vez que não há exceções mencionadas no versículo, e uma vez que Jesus rejeita claramente o comum conceito cultural de divórcio como algo que inclui o direito de um novo casamento, os primeiros leitores deste evangelho teriam dificuldade de defender quaisquer exceções com base no que Jesus falou; nem a suposição cultural de que o divórcio por infidelidade ou abandono libera um cônjuge para um novo casamento.

Romanos 7.1-3 é outra passagem que os homens tendem a ignorar a fim de sustentar doutrinas que eles admiram. Mas a virtude do verdadeiro cristão está em entregar sua vontade para fazer a vontade de Deus. E a vontade dele neste assunto é muito clara.

Romanos 7.1-3: Meus irmãos, falo para vocês que conhecem a lei. Por acaso vocês não sabem que a lei só tem autoridade sobre o homem enquanto ele estiver vivo? **2** Por exemplo, uma mulher casada está ligada pela lei ao marido apenas enquanto ele estiver vivo; mas, se ele morrer, ela estará livre da lei do casamento. **3** Por isso, se ela viver com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, ela será chamada de adúltera. Mas

se seu marido morrer, ela está livre daquela lei, e se ela casa com outro homem, ela não será adúltera.

Isto, obviamente, confirma as mesmas coisas que Jesus disse em Mateus capítulo 19. Quando comparamos as Escrituras, é exatamente o mesmo ensinamento a respeito da aliança do casamento. As igrejas hoje agem como se elas não entendessem o que as palavras "ligada pela lei" significam. Eles fazem a Palavra de Deus sem efeito, perguntando, assim como a serpente fez com Eva: "Deus realmente disse que ela é uma adúltera? Ele realmente disse que ela está ligada ao marido enquanto ele viver?" E uma vez que a semente da dúvida é plantada, ela passa a derrubar o que Deus disse até que a pessoa começa a se perguntar se "ligada" é realmente o que Deus quis dizer e assim inventa cada ideia estranha para defender a sua posição. Deus disse o que quis e nós faríamos bem se parássemos de olhar para a árvore do divórcio e desejássemos os seus frutos ao custo de ignorar a Palavra de Deus.

Quando lemos o que Paulo escreveu à igreja de Corinto no capítulo 7, temos que entender que ele estava respondendo perguntas que eles lhe fizeram. "Agora, quanto àqueles assuntos sobre os quais me escreveram na sua carta" (1 Coríntios 7.1). E o que vai seguir são as respostas de Paulo a respeito das dúvidas deles concernente a casamento, separação e divórcio.

1 Coríntios 7.10-11: Mas para aqueles que são casados, tenho um mandamento que não vem de mim, mas do Senhor. Uma esposa não deve se separar do seu marido. **11** (Mas se ela se separar dele, que permaneça sem se casar, ou então, reconcilie-se com seu marido.) E o marido não deve se divorciar de sua esposa.

Alguns dos membros da igreja de Corinto se converteram depois de terem casado, mas seus companheiros ainda não haviam sido convertidos. Sem dúvida, alguns destes crentes estavam tendo dificuldades em casa. E Paulo estava ciente de que a separação seria inevitável em certos casos. Talvez ele tivesse em mente uma situação de adultério, ou abandono, ou abuso. Mas, nesse caso, ele diz que a pessoa que se sente constrangida a separar não deve procurar um novo casamento, mas permanecer solteira. E ele reforça a autoridade desta declaração, dizendo que ele tem uma palavra do Senhor. É importante que vejamos aqui que Paulo se refere à declaração de Cristo em Mateus 19.6 que um casal deve permanecer casado. "Não deixem ninguém separar o que Deus juntou".

FF Bruce comenta: "Para um marido ou esposa cristã, o divórcio é excluído pela lei de Cristo: aqui Paulo não tem necessidade de expressar um julgamento próprio, pois a decisão do Senhor sobre este assunto foi explícita".²⁶ Paulo, então, explica a implicação deste mandamento. Mesmo que uma mulher decida deixar o seu marido, ela deve permanecer solteira ou se reconciliar com ele. Mais uma vez, o raciocínio é simples: se ela deixasse seu marido e se casasse com outra pessoa, ela estaria cometendo adultério. Então, ela deve permanecer solteira para que, se os problemas que causaram a separação

dela forem resolvidos, ela estará livre para voltar ao marido. Assim, a interpretação de Paulo sobre o que Jesus falou é que não se deve prosseguir com um novo casamento.

“E o marido não deve se divorciar de sua esposa”. Paulo repita isso no versículo 27: “Você tem uma esposa? Não procure se separar dela”.

Não sei se Paulo podia ser mais claro que isso. Você está casado, não procure se separar de sua esposa. Nós como cristãos nunca devemos procurar um divórcio, nem devemos racionalizar isso por estar casados com alguém incrédulo. No entanto, se tivermos um cônjuge incrédulo que insista em se divorciar mesmo depois de termos feito tudo para evitar isso, não há nada que possamos fazer além de deixar ele ou ela sair. Porém se ele ou ela quer continuar casado, Paulo também aborda isso:

1 Coríntios 7.12-14: Agora, falarei para o resto de vocês, embora não tenha uma ordem direta do Senhor. Se um homem cristão tem uma esposa que não é crente e ela está disposta a continuar vivendo com ele, ele não deve se divorciar dela. **13** E se uma mulher cristã tem um marido que não é cristão e ele está disposto a continuar vivendo com ela, ela não deve se divorciar dele. **14** Pois em vez do cristão ser contaminado como muitos pensam, o marido que não é crente, de alguma maneira, é santificado por estar casado com sua esposa, e a esposa que não é crente é santificada por estar casada com seu marido. Pois se não fosse assim, e você mesmo fosse contaminado pelo não crente, os seus filhos, o fruto do seu casamento, também seriam contaminados e impuros, mas a verdade é que eles são santificados.

Jesus não falou diretamente sobre este problema nos evangelhos. Assim, a afirmação que Paulo faz no início do versículo 12: “eu falarei para o resto de vocês, embora não tenha uma ordem direta do Senhor” não está negando a sua inspiração apostólica ou sugerindo que ele está apenas dando sua opinião humana. Paulo está apenas dizendo que Deus não deu a revelação anterior sobre este assunto específico, e agora ele está fazendo exatamente isso, como um apóstolo do Senhor.

Assim a resposta de Paulo a pergunta deles: "Devemos permanecer casados com parceiros que não são salvos?" é "Sim, se o outro está disposto". Agora, 1 Coríntios 7.14 não ensina que o cônjuge não salvo é salvo por causa do cônjuge crente, pois cada pessoa tem que decidir individualmente por Cristo. Mas significa que o crente exerce uma influência espiritual no lar que pode levar à salvação do cônjuge perdido.

1 Coríntios 7.15: Mas se o marido ou esposa que não é crente quiser se separar, então que se separe. Em tais casos o marido cristão ou esposa cristã não está obrigado a ficar com eles, pois Deus nos chamou para viver em paz.

A maioria dos comentaristas concorda que a frase aqui “se separar” é sinônimo de divorciar. Se aquele que não é crente quer divorciar, então que se divorcie. Mas, será que o divórcio, então, dar o direito ao crente de recasar? Paulo não disse isso. Ele falou: “Em tais casos o marido cristão ou esposa cristã não está obrigado a ficar com eles”. Ou como o NVI fala: “Em tais casos, o irmão ou a irmã não fica debaixo de servidão”. Mas isso quer

dizer que eles estão livres dos seus votos de casamento, como muitos falam que é inferido, e que agora estão livres para recasar?

Se o incrédulo quer sair, então o crente deve permitir que ele saísse. Se o incrédulo concorda em permanecer, então o crente é obrigado a permanecer também. Mas se o incrédulo sair, então o crente não está sujeito à “servidão”. Isto é, se for casado com um incrédulo que saia, o crente não está obrigado a manter o casamento ou prover para aquele que partiu. Ele tem a liberdade de viver separadamente. As palavras de Paulo aqui libertam o crente de qualquer estigma ou culpa por um divórcio que ele não podia evitar. Mas a iniciativa para o divórcio deve vir do incrédulo, nunca do crente.

Note que nesta passagem o apóstolo Paulo não aborda a questão do novo casamento após o divórcio de um cônjuge que não é crente. Mas ele diz que após a separação de um cônjuge crente, o crente deve permanecer solteiro (1 Coríntios 7.11). Mas se o cônjuge incrédulo sair e logo depois se casar novamente, isso significa que o primeiro casamento é oficialmente dissolvido e o crente abandonado é, então, livre para se casar novamente? Mais uma vez, Paulo não trata esse caso específico aqui. Mas neste texto inteiro Paulo tem trabalhado para garantir que os casamentos permanecem intactos. Ele tem encorajado os crentes a manter seus casamentos intactos, sejam com crentes ou incrédulos, em vez de dividi-los e começar tudo de novo em outro casamento. A única vez que o recasamento é permitido é se o cônjuge tenha morrido (1 Coríntios 7.39). Se o cônjuge de um crente ainda está vivo (não importa qual seja a situação), esta passagem não dar permissão ao crente se casar novamente.

Deixe-me falar um pouco mais sobre este versículo que alguns cristãos fazem a falsa alegação de que ele “implica” que os cristãos não estão mais vinculados ao cônjuge e liberados para recasarem. No entanto você vai notar que eles estão usando de subterfúgios, porque a palavra “obrigado” ou “servidão” é uma palavra totalmente diferente no grego da palavra usada para a ligação de casamento. Por exemplo, alguns versículos para baixo, lemos: “Uma esposa está ligada a seu marido enquanto ele viver. Mas, se o seu marido morrer, ela estará livre para se casar com quem quiser, mas somente se ele pertencer ao Senhor” (1 Coríntios 7.39).

A palavra “ligada” no 1 Coríntios 7.39 vem da palavra grega *deo* que significa ligar ou ser amarrados juntos. Esse é a ligação, o vínculo inquebrável no casamento. Por outro lado, a palavra “obrigado” no 1 Coríntios 7.15 vem da palavra grega *douloo* que significa ser um escravo ou servo. Isto fala de sujeição e não de uma ligação. Então 1 Coríntios 7.15 não está dizendo que o vínculo do casamento é quebrado, mas está dizendo que a mulher não deve agarrar-se como uma serva ou escrava ao cônjuge incrédulo quando o incrédulo não quer ficar mais com ela, pois ela é chamada para viver em paz. Ela é libertada da escravidão, isto é, de exercer as funções de esposa. O crente deve deixar ele ou ela partir e nunca deve tentar se divorciar ou recasar desde que o cônjuge que foi embora vive como 1 Coríntios 7.39 nos fala. Pois você pode, contudo, se reconciliar com o cônjuge, desde que não tenha recasado com outro. Se ele ou ela se casar novamente, você não pode se

casar de novo com ele ou ela, pois isso seria detestável ao SENHOR (Deuteronômio 24.4). E se você casasse com outro, quebraria seu voto diante de Deus e cometeria adultério.

Mas alguns diriam que desde que os crentes em Cristo são "novas criaturas" com "todas as coisas feitas novas" (2 Coríntios 5.17), o pecado e consequências do divórcio são lavados, permitindo que uma pessoa que se divorciou antes de se tornar crente casar novamente. Isto é um sentimento lindo, mas se alguém foi divorciado antes que se tornou cristão, isso não muda nada. O divórcio ainda é pecado. Se ele desde então se converteu, Deus perdoou este pecado, juntamente com todos os seus outros pecados, mas ele ainda não pode casar novamente enquanto o cônjuge vive, pois quando a Bíblia fala sobre casamento, ela não fala somente para os cristãos. Os princípios bíblicos sobre o casamento são universais. Se um homem e uma mulher não salvo se casarem, eles são tão casados aos olhos de Deus como um homem e uma mulher cristã que se casaram. Eles ainda são uma só carne. Deus ainda os juntou e não quer que eles sejam separados. E Deus ainda odeia o divórcio. Então, a salvação não apagará todas as consequências dos pecados que cometemos antes de virmos a Cristo, inclusive do divórcio.

Ainda que uma pessoa que se divorciou antes de se tornar crente não pode se casar novamente enquanto o outro ainda vive, existem algumas opções aqui. Se você ou seu cônjuge não recasou, então você deve procurar se reconciliar se possível, e se o cônjuge se recusa, a única opção bíblica é permanecer em seu estado de solteiro, não pensando em um novo casamento, mas no serviço ao Senhor.

1 Coríntios 7.39: Uma esposa está ligada a seu marido enquanto ele viver. Mas, se o seu marido morrer, ela estará livre para se casar com quem quiser, mas somente se ele pertencer ao Senhor. **40** Mas na minha opinião, ela será mais feliz se permanecer solteira. E eu penso que dou um conselho do Espírito de Deus quando digo isso.

Aqui Paulo conclui o seu ensinamento sobre casamento e os problemas relacionados a ele com uma advertência, reafirmando a permanência do casamento. O vínculo matrimonial podia ter sido mantido em baixa consideração pelos pagãos em Corinto, mas Paulo lembra aos crentes que o casamento é permanente até a morte. Enquanto o seu cônjuge ainda está vivo (casado ou solteiro), você não pode se casar com outro, pois aos olhos de Deus você ainda está ligado àquela pessoa. Mas se o cônjuge morre, o outro é livre para se casar novamente. Este foi o ensino de Paulo dirigido pelo Espírito Santo a respeito da permanência do casamento e sua compreensão inspirada do ensinamento de Cristo nos evangelhos sobre este assunto. Ele não dá nenhuma exceção para recasamento além da morte do cônjuge. Se o marido da mulher morresse, ela estava livre para se casar novamente, mas só com outro cristão. Porém, o julgamento de Paulo era que ela seria mais feliz se permanecesse solteira.

Agora, se Cristo permitiu recasamento após o divórcio, Paulo parece não saber disso. Ele ensina a permanência do casamento sem exceções. Ele afirma que a mulher está ligada a seu marido enquanto ele vive (Romanos 7.2; I Coríntios 7.39). Ele fala que se uma mulher se casa novamente, enquanto o marido está vivo, ela será chamada de adúltera (Rom. 7:

3). E também que se uma mulher se separa do marido, ela deve permanecer solteira ou se reconciliar com ele (1 Coríntios 7.11).

A única permissão que Paulo dá é que se o incrédulo abandonar um crente, o crente não é escravizado. Mas como já falamos, a palavra usada aqui é totalmente diferente e sem relação à palavra que Paulo usa para o vínculo matrimonial. E Paulo não dá nenhum apoio para a ideia de que, em certos casos, é lícito dar início a um divórcio.

É interessante também ver como Paulo vê a permanência do casamento: uma só carne como sendo uma imagem do relacionamento permanente de Cristo com a Igreja (Efésios 5.31-32).

Efésios 5.31-31: Como dizem as escrituras: “Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne”. **32** Isso é um grande mistério, porém, estou falando a respeito de Cristo e da igreja.

“O princípio definidor do ensino da Bíblia sobre divórcio é que ele é sempre errado e não há razões que impulsionem para ver esta proibição como menos do que absoluta. Jesus proibiu o divórcio categoricamente, usando termos absolutos e universais, quando disse: ‘Não deixem ninguém separar o que Deus juntou’ (Mateus 19.6; Marcos 10.9). Este foi seu ponto principal, dizendo que o homem nunca deve tentar destruir o que Deus criou. Em ambos os textos, Mateus 19 e Marcos 10, esta declaração foi a resposta de Jesus à pergunta dos fariseus sobre se era lícito ou não ao homem se divorciar da sua esposa. A resposta de Jesus a esta pergunta foi uma proibição sem reservas, um ‘não’ sem ressalvas. E a proibição de Paulo a respeito do divórcio em 1 Coríntios 7 está em perfeito acordo com o ensinamento de Cristo.

Quando a questão do divórcio é levantada, Paulo responde da seguinte maneira:

- Uma esposa não deve se separar do seu marido. (v. 10)
- E o marido não deve se divorciar de sua esposa. (v. 11)
- Se um homem cristão tem uma esposa que não é crente e ela está disposta a continuar vivendo com ele, ele não deve se divorciar dela. (v. 12)
- E se uma mulher cristã tem um marido que não é cristão e ele está disposto a continuar vivendo com ela, ela não deve se divorciar dele. (v. 13)

Não menos do que quatro vezes neste capítulo, Paulo diz: ‘Não se divorcie de seu cônjuge’.

Há declarações claras alegando que casamento é algo permanente, e casamento após o divórcio é adultério, mas não há nenhum ensinamento claro no Novo Testamento que diz que uma pessoa divorciada pode recasar enquanto o cônjuge está vivo”.²⁷

Agora se você mesmo se casou novamente, você não deve se divorciar, mas honrar seu voto mais recente, pois é um casamento legal. Um divórcio do segundo cônjuge só iria agravar uma situação já pecaminosa. Devemos ficar com nosso cônjuge e submeter-nos diante de Deus em arrependimento e reconhecimento desse pecado do novo casamento.

Devemos confessar este pecado em humildade, em vez de justificá-lo com racionalizações que nos servem. Quando nos aproximamos de Deus reconhecendo nossos pecados em vez de desculpá-los, ele é fiel para nos perdoar desses pecados, assim como qualquer outro pecado.

1 João 1.9: Mas, se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar e nos purificar de toda injustiça.

Os próximos três pontos vêm do Abel Isaksson.²⁸

No Novo Testamento, a questão sobre casamento após o divórcio não é determinada por:

1. A culpa ou inocência de um dos cônjuges.
2. Nem se qualquer um dos cônjuges é crente ou não.
3. Nem se o divórcio aconteceu antes ou após a conversão de um dos cônjuges.
4. Nem pela facilidade ou dificuldade de viver como mãe solteira para o resto da vida na Terra.
5. Nem se houve adultério ou abandono envolvido.
6. Nem pela realidade contínua da dureza do coração humano.
7. Nem pela permissividade cultural da sociedade ao nosso redor.

Pelo contrário, é determinado pelo fato de:

1. O casamento é um relacionamento de "uma só carne" de criação divina e extraordinária importância aos olhos de Deus (Gênesis 2.24; Mateus 19.5; Marcos 10.8).
2. Somente Deus, não o homem, pode acabar com esse relacionamento de uma só carne (Mateus 19.6; Marcos 10.9). Por isso o novo casamento é chamado de adultério por Jesus; ele assume que o primeiro casamento ainda é vinculativo (Mateus 5.32; Lucas 16.18; Marcos 10.11).
3. Deus termina o relacionamento de uma só carne de casamento só através da morte de um dos cônjuges (Romanos 7.1-3; 1 Coríntios 7.39).
4. A graça e o poder de Deus são prometidos e suficientes para permitir um cristão divorciado ser solteiro por toda esta vida terrena, se necessário (Mateus 19.10-12, 26; 1 Coríntios 10.13).
5. Frustrações temporais e desvantagens são para ser preferidas acima da desobediência de um novo casamento, e produzirá profunda e duradoura alegria tanto nesta vida como na vida por vir (Mateus 5.29-30).

Aqueles que já são recasados:

1. Devem reconhecer que a escolha de se casar novamente e o ato de entrar em um segundo casamento é pecado, e confessá-lo como tal e buscar perdão.
2. Não devem tentar voltar ao primeiro cônjuge após entrar em uma segunda união.

3. Não devem se separar e viver como pessoas solteiras pensando que isso resultaria em menos pecado porque todas as suas relações sexuais são atos de adultério. A Bíblia não lida com este caso particular, mas ela trata o segundo casamento como tendo posição significativa aos olhos de Deus. Isto é, promessas foram feitas e uma união foi formada. Ele não deveria ter sido formado, mas foi. Assim não é para ser tratado levemente. Promessas devem ser mantidas, e a união deve ser santificada por Deus. Embora não seja o estado ideal, permanecer num segundo casamento é a vontade de Deus para um casal, e suas continuas relações sexuais não devem ser encaradas como adultério.

Neste momento vamos resumir os pontos principais que temos estabelecidos pelas Escrituras.

1. Os homens não devem se divorciar das suas esposas ou as mulheres dos seus maridos; aquilo que Deus juntou pelo casamento.
2. O homem que se divorcia de sua esposa a faz cometer adultério.
3. O homem que casar com a mulher divorciada comete adultério.
4. O homem que se divorcia de sua esposa e se casa novamente comete adultério.
5. A mulher que se divorcia de seu marido e se casa novamente comete adultério.
6. Se o divórcio tem que acontecer, os divorciados devem permanecer solteiros ou se reconciliar um com o outro.

Neal Doster disse: “O texto do Novo Testamento em que Jesus se dirige ao divórcio, não se trata de uma solução após o fato de um novo casamento. Ele mesmo não proíbe o novo casamento, mas sim expõe a sua consequência. Ele revelou aos fariseus e à nação de Israel que sua obstinação sempre tinha sido pecaminosa. Isso foi o que Jesus quis mostrar; que por centenas de anos o povo de Deus estava se adulterando. A única solução que ele dá é para continuar casado. Ele não obriga os recasados a se divorciarem novamente. É imperativo que a Igreja e os cristãos em geral não parem de oferecer soluções que agreguem à Palavra de Deus”.²⁹

Divórcio nunca é uma solução aceitável diante de Deus, e recasamento, exceto com a morte de um dos cônjuges, sempre é chamado de adultério.

Capítulo 15 - Os Discípulos são Chocados

A maioria de nós concordaria que seria muito difícil lidar com o adultério no casamento. E sem dúvida, esticaria o relacionamento até o seu limite. De uma perspectiva puramente humana, muitos sustentam que o divórcio pode muito bem ser a melhor maneira de lidar com a infidelidade. Então, se Jesus tivesse dito: "O divórcio é admissível quando o vínculo do casamento for quebrado por adultério", a maioria provavelmente diria: "Sim, é triste, mas isso é uma resposta muito razoável e compreensível para a fraqueza humana".

Porém, não foi isso que Jesus disse. E não foi assim que os discípulos responderam ao que Jesus disse! Eles não disseram: "Sim, nós sempre pensávamos que Shamaí tinha razão. Então apenas quando sua esposa for infiel você poderá largá-la. Certo, Jesus!" Pelo contrário, ficaram maravilhados com o que Jesus disse! **Mateus 19.10:** Ao ouvirem isso os discípulos de Jesus disseram a ele: "Se essa for a condição do homem em relação à sua esposa, é melhor não se casar".

Eu acho muito importante que prestemos atenção na reação dos discípulos. Eles ficaram nada menos que chocados com a declaração de Jesus. Entendendo o que Jesus acabou de dizer eles não viam nenhuma saída para casamento e assim responderam: "é melhor não se casar". E nós lemos no livro de Marcos que os discípulos ainda perguntaram a ele uma segunda vez para ter certeza de que ouviram corretamente.

Marcos 10.10: Depois, quando ele estava sozinho na casa com seus discípulos, eles abordaram o assunto de novo.

Os discípulos entenderam que Jesus tinha fechado a porta no divórcio. É ilusório pensar que Jesus não estava dizendo que eles não podiam divorciar. Para todos os fins e propósitos práticos, Jesus estava ensinando que o divórcio não estava disponível. Você simplesmente não pode separar o que Deus juntou. E os discípulos pensaram que se você não pode se divorciar, não importa o quão ruim a sua esposa foi, era melhor não se casar. Então o que Jesus queria dizer com sua chamada "cláusula de exceção" claramente não era uma saída fácil de um casamento infeliz. E os discípulos ficaram chocados com a natureza muito limitada desta "exceção". Eles viviam entre uma "geração má e adúltera" em que o divórcio era comum e Jesus tinha acabado com tais opções humanas. Isso os seus discípulos entenderam e foram chocados.

Capítulo 16 – Pensamentos Finais

Mateus 19.5-6: ‘Por esta razão um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir permanentemente com sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne’. **6** Assim, não são mais duas, mas sim uma só carne. Não deixem ninguém separar o que Deus juntou.

Nossa cultura não deve determinar a nossa posição a respeito de casamento, divórcio e recasamento. Até mesmo a igreja em geral não deve determinar a nossa posição. A igreja, afinal de contas, na maioria das vezes, fica com o mundo. O próprio Deus determina a nossa posição. Assim nós nos submetemos à sua Palavra. O que dizem as Escrituras? Essa é a pergunta para nós.

A Bíblia é clara no seu ensino que o relacionamento conjugal é permanente. Eu nunca li um versículo na Bíblia onde Deus aprovou o divórcio. Toda a ideia de divórcio é diametralmente oposta ao plano de casamento como ele foi instituído por Deus. Desde o início Deus destinou um homem para uma mulher e nada mais, e o casamento é para a vida. Todo cristão que quer a vontade de Deus para sua vida deve resolver esta questão de uma vez, pois as desculpas e razões para o abandono do plano de Deus da permanência do casamento são tão numerosos e tão variados com as estrelas do céu.

O que está faltando hoje é o verdadeiro amor que se eleva acima dos nossos motivos vaidosos e egoístas, e do sentimento de mágoa que não nos permite perdoar. Nós precisamos do amor semelhante ao de Cristo, em que ele nunca vai divorciar-se da igreja, embora nós pequemos contra ele dia após dia. Ele é eternamente fiel, não só para perdoar os nossos pecados, mas para nunca nos deixar nem nos abandonar na vida independente do que fazemos. O que falta é uma verdadeira compreensão do texto que fala: “maridos, amem suas esposas como Cristo amou a igreja”. É duvidoso que estas palavras prevejam isenções para um marido se divorciar da sua esposa e casar com outra.

Efésios 5.22-25: Esposas, submetam-se aos seus maridos como vocês se submetem ao Senhor. **23** Pois o marido é o cabeça da sua esposa como Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, e do qual ele é o Salvador. **24** Como a igreja se submete a Cristo, também vocês, esposas, devem se submeter aos seus maridos em tudo. **25** E vocês, maridos, amem suas esposas como Cristo amou a igreja e se entregou por ela.

Nós, desesperadamente, precisamos de uma atitude assim entre nós. Uma postura que não dê desculpas ou se justifique em agir diferente de Cristo. Não importa sob que circunstância o nosso relacionamento conjugal começou, ou se ele está ou não está progredindo nesse momento, estamos ligados por nosso juramento diante de Deus para honrar o compromisso da nossa aliança de casamento. E sempre devemos nos lembrar de que ele é o grande restaurador. Ele tanto pode nos sustentar num casamento difícil, como pode trazer a reconciliação a um relacionamento que parece de estar além de restauração. O casamento foi ideia dele e ele tem um grande interesse em seu casamento permanecer intacto. Divórcio não é a solução e nunca a vontade daquele que declaradamente o odeia.

Mas a despeito de tudo que temos abordado neste livro, o que fazemos com a pessoa que nos fala: "Este divórcio é a vontade de Deus. Eu sei que é porque eu orei sobre isso e Deus me deu paz no meu coração"? Aqui encontramos a racionalização final: a suposta aprovação de Deus. Estamos agora a acreditar que Deus falou em sua Palavra que proíbe o divórcio, mas mudou de ideia no seu caso por meio de uma revelação subjetiva privada? Eu acho que não! Nós sabemos da certeza do que Deus tem falado. Agora nós não temos certeza daquilo que aquela pessoa afirma ter ouvido de Deus. E é muito duvidoso que ela tenha ouvido de Deus quando o que ela ouviu contradiz o que Deus já tem falado. Vamos terminar com algumas coisas das quais podemos ter certeza:

- Nunca é da vontade de Deus você persiga um relacionamento íntimo com alguém que não seja o seu próprio cônjuge.
- A vontade de Deus para você é que se esforce para resolver todos os problemas que você enfrenta no seu casamento.
- É a vontade de Deus que você cumpra seus votos de casamento.
- É a vontade de Deus que você seja separado do seu cônjuge somente pela morte.

Blaise Pascal escreveu: "Há luz suficiente para aqueles que desejam ver, e suficiente escuridão para aqueles que não querem. Suficiente clareza para iluminar os eleitos e bastante escuridão para mantê-los humildes. Escuridão suficiente para cegar o réprobo, e suficiente clareza para condená-los e torná-los imperdoável".³⁰

Quem tem ouvidos, ouça.

Até que a morte nos separe.

Bibliografia:

- 1 Jamieson, Fausset, and Brown Commentary, Electronic Database. Copyright © 1997, 2003, 2005, 2006 by Biblesoft, Inc.
- 2 Glenn, Norval D. **With this ring . . . A national survey on marriage in America.** (2005). Gaithersburg, MD: The National Fatherhood Initiative.
- 3 Schramm, D. G., Marshall, J. P., Harris, V. W., George, A. **Marriage in Utah: 2003 baseline statewide survey on marriage and divorce.** (2003). Salt Lake City: Utah Department of Workforce Services. (p. 14.)
- 4 Stanley, S. M. **The power of commitment: A guide to active lifelong love.** (2005). San Francisco: Jossey-Bass.
- 5 _____. **The power of commitment: A guide to active lifelong love.** San Francisco: Jossey-Bass.
- 6 IBGE, **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil 1984-2010.**
- 7 Faria, Camila. **Adultério.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/adulterio/>
- 8 McDowell, Josh. **Divorce: research 2005 and prior.** Disponível em: https://issuu.com/joshmcdowellministry/docs/divorce_-_research_2005_and_prior.
- 9 Fagan Patrick F., Zill, Nicholas. **The Second Annual Index of Family Belonging and Rejection.** Washington, D.C.: Marriage and Religion Research Institute, 17 November 2011.
- 10 Fagan, Patrick F., Ph.D. **The Impact of Marriage and Divorce on Children.** Disponível em: <http://www.heritage.org/research/testimony/the-impact-of-marriage-and-divorce-on-children>.
- 11 Roten, Dan. **Divorce – The Unacceptable Alternative.** Disponível em: <http://www.jesus-is-savior.com/Evils%20in%20America/Divorce/unacceptable.htm>.
- 12 Divorce Magazine. **Divorce Statistics.** Disponível em: <http://www.divorcestatistics.org/>.
- 13 Gupta, Neeru. **Seasonality of Premarital First Intercourse among Brazilian Youth.** World Health Organization, Geneva, Switzerland. Disponível em: <http://www.ejhs.org/volume10/seasonality.htm>.
- 14 B.E. Wells, J.M. Twenge. **Changes in young people’s sexual behavior and attitudes, 1943-1999: A cross-temporal meta-analysis.** (2005). Review of General Psychology.

15 Wilcox, Stephen. **The Permanence of Marriage Movement**. Disponível em: <http://www.marriedivorce.com/forgodsoloved.php>

16 Murray, John. **Divorce**. Phillisburgh, New Jersey, 1961.

17 Keener, Craig S. **The IVP New Testament Commentary Series – Matthew**. IVP Academic (1997).

18 Piper, John. **Divorce & Remarriage: A Position Paper**. (July 21, 1986). Disponível em: <http://www.desiringgod.org/articles/divorce-remarriage-a-position-paper>.

19 **David Guzik's Commentaries on the Bible**. Enduring Word Media (November 21, 2012).

20 Abdo, Carmila. **Projeto Sexualidade**. ProSex - Wstudo Mosaico Brasil. (2008). Disponível em: <http://www.paulopes.com.br/2008/11/traio-feminina-cresce-e-masculina-cai.html#ixzz43qmu2ZBi>

21 Asunder, Torn, Carder, Dave. **ADULTERY STATISTICS**. Journal of Psychology & Christianity 8, no. 4. (Winter 1989).

22 The Editors. **How Common Is Pastoral Indiscretion? Results of a Leadership Survey**. Christianity Today/Leadership Journal. (Winter 1988).

23 The Lifehouse. **One Flesh: A Book About Divorce & Remarriage**. Disponível em: <http://www.lifehouse.org/tracts/of.htm>

24 CONFISSÃO DE FÉ WESTMINSTER. Westminster, London: 1646.

25 CONFISSÃO DE FÉ WESTMINSTER. Westminster, London: 1646.

26 Bruce, F. F. **Paul: Apostle of the Heart Set Free**. Wm. B. Eerdmans Pub. Co.; January 1983 Reprint edition. (November 1977).

27 Christ Fellowship of Kansas City. **Divorce, Remarriage, and Church Membership**. Disponível em: http://www.christfellowshipkc.org/wp-content/uploads/divorce_remarriage_summary.pdf

28 Isaksson, Abel. **Marriage and Ministry in the New Temple**. Copenhagen: Munksgaard. (1965).

29 Baucham, Voddie. The Permanence View of Marriage. Disponível em: <https://healtheland.wordpress.com/2009/11/20/voddie-baucham-the-permanence-view-of-marriage/>

30 Pascal, Blaise. **The Mind on Fire: A Faith for the Skeptical and Indifferent**. Minneapolis: Bethany House. (1997).

Bíblias

Todas as referências das escrituras não retiradas da Versão Palavra Viva são citadas.

Versão Palavra Viva. (VPV) Rio de Janeiro: Grupo Editorial Danprewan, 2014.

Nova Versão Internacional. (NVI-PT): Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI, Bíblica, Inc., 1993, 2000.

Almeida Revista e Corrigida. (ARC): Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

Nova Tradução na Linguagem de Hoje. (NTLH): Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

Portuguese New Testament: Easy-to-Read Version. (VFL): World Bible Translation Center, 1999.

O Livro. (OL): O Livro, Bíblica, Inc., 2000.